

m. R. - 629

FREI GAETANO DE MESSINA

ESTUDO HISTORICO-RELIGIOSO

POR

Estevam Leão Bourroul

ESTUDANTE DO 3.º ANNO

DA

FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO.



S. PAULO

TYPOGRAPHIA DE JORGE SECKLER, RUA DIREITA 15

1879.





Est-6

Prot-3

J-23 v

L-15

Frei Gaetano de Messina



4619

983







Reprodução — Reservada.

# FREI CAETANO DE MESSINA

# FREI GAETANO DE MESSINA

ESTUDO HISTORICO-RELIGIOSO

POR

Estevam Leão Bourroul

ESTUDANTE DO 3.º ANNO

DA

FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO.



**S. PAULO**

TYPOGRAPHIA DE JORGE SECKLER, RUA DIREITA 15

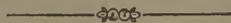
1879.



A meus Pais

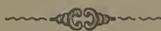
*Ao Illm. Snr.*

JOÃO MARIA RODRIGUES DE VASCONCELLOS



AO CIRCULO DOS

Estudantes Catholicos de São Paulo



AO DOUTOR

*Manuel Joaquim da Sylva Filho*

O. D. C.

O AUCTOR.



## AO LEITOR

Cumprimento de uma divida contrahida ha tres annos, este livro não se apresenta como uma Biographia completa. Não passa de um tentamem, de um ensaio, de um *estudo* emfim.

Nem podia o auctor ser minucioso quanto o exigem as proporções de uma Biographia. Para isso faltam-lhe dados, faltam-lhe meios, falta-lhe tudo o que não pode obter no limitado circulo em que se move, no meio das labutações academicas nas quaes, feliz ou infelizmente, se acha envolvido.

Não tem elle, pois, pretenções a historiador; menos ainda a litterato. Estylo chão, quasi totalmente desprovido de imagens, e sem o retumbar da phrase, eis o que o leitor encontrará nestas paginas.

Muito amor á verdade e á justiça, sim. Não récuou diante da enunciação franca de seu pensamento. Não transige. Este livro é como que um livro de combate. E' um protesto.

Mui deficiente, porém, em todas as suas partes. Como o pygmeu medir o vulto do gigante? Não é uma Biographia, simplesmente um *estudo*, é bom repetir.

No tocante ás Missões em Pernambuco, foi-lhe de precioso auxilio, e o auctor folga de confessal-o, a obra notabilissima do Sr. Joaquim Guennes da Silva Mello, bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Faculdade de Direito do Recife. Não poucas vezes recorreu ás luzes derramadas nos *Ligeiros Traços sobre os Capuchinhos*. Citou muito, e sempre com magno gaudio de sua alma.

Deve render igualmente um preito de homenagem, e ao mesmo tempo um testemunho de gratidão, aos Rvds. Srs. Fr. Caetano de Messina Sobrinho, Fr. Venancio Maria de Ferrara, Fr. Fidelis de Avola, Conego João Alves Coelho Guimarães, Conego Bento Antonio de Souza e Almeida, ao Exm. e Rvdm. Sr. Conselheiro Vicente Pires da Motta e aos Illms. Srs. Drs. Antonio Manuel dos Reis e Antonio Joaquim Rodrigues.

Convicto da santidade da causa que defende, o auctor está convicto do mesmo modo da fraqueza de suas forças intellectuaes. Não pede condescendencia para os principios, porquanto não costuma dar quartel ao inimigo: pede indulgencia pela ousadia do commettimento.

S. Paulo, 31 de Janeiro de 1879.

E. L. B.

# INTRODUCCÃO

## I

Meu caro amigo.

Convidando-me a escrever a introduccão de seu livro, creio que não teve em mira obter de mim um trabalho pensado e de longo folego, succulento no fundo e aprasivel na fórma. Bem sabe, pela nossa correspondencia, quanto sou pensionado, os desgostos por que tenho passado, e como a necessidade de curar dos interresses materiaes da vida, arrasta-nos, apesar nosso, ao mais completo prosaismo, sendo mister grande força de vontade para affastar os olhos das miserias que nos cercam aqui na terra—e fital-os no céo, onde só existe o que é perfeito, e santo, e immutavel.

Dito isto, louvo-lhe a coragem de erguer-se altivo no meio da multidão, para proclamar os feitos heroicos de um frade capuchinho, que logrou a unica recompensa que têm n'este mundo os eleitos do Senhor; os que se consagram de corpo e alma ao esplendor do culto catholico, á maior gloria da Igreja e á salvação das almas—o odio, o desprezo, a calunnia e o improprio!

Mas, como a corôa que o Divino Mestre conquistou entre os homens, foi de espinhos e não de louros, facil é de ver, quanto andam errados os que suppõem aniquilar os combatentes do Senhor, quando os fazem victimas dos mesmos insultos e dos mesmos rigores, e que, em summo gráo, padeceu por todos o Redemptor do mundo.

Para os que de coração se dedicam á ensinar e á propagar a doutrina do Crucificado, nada ha que lhes impeça o passo na carreira. Pelejam a 'peito descoberto, tanto na imprensa como na praça publica, affrontam a indifferença de uns e a maledicencia de outros, penetram no Areopago como os Apostolos, e como elles, cantam o hymno da victoria si são flagellados, e annunciam a palavra da vida eterna do fundo das masmorras.

Riem-se do furor dos perversos, compadecem-se dos ignorantes, lamentam os indifferentes, e estreitando á todos nos braços da caridade christan, pagam-lhes o mal com o bem, e oram ao Deus das misericordias, que os converte em crysol afim de provar o ouro dos merecimentos dos que lhe são caros.

Sei apreciar o que ha de nobre e de energico na sua resolução. Não teme o juizo dos homens, e só confia n' Aquelle que julga a todos indistinctamente. Não se propõe a endeosar as acções de um vivo, mas a vingar a memoria de um morto, que fizera durante a sua peregrinação terrestre, do habito uma mortalha e da clausura um sepulchro, no dizer de um pio escriptor.

Na mesma arena onde o athleta invencivel feriu o combate, ali lhe ergueis o monumento. Do Calvario de suas dores, fazeis o Thabor de suas glorias. E narrando os seus feitos, e stereotypando o seu caracter, e apregôando as suas virtudes, e apontando-o como uma cabeça pensadora, como um coração patriotico, como um cidadão da terra, hoje naturalizado cidadão do céo—apontais aos incredulos, aos indifferentes, aos livres pensadores e a todos esses infelizes que habitam nas trevas e nas sombras da morte, um modelo digno de ser imitado, um exemplo digno de ser seguido; porque Fr. Caetano de Messina foi um capuchinho virtuoso e por conseguinte um homem de bem.

## II

Tenho presente o vulto sympathico e venerando do illustre missionario. Aquella fronte corôada de cabellos brancos, aquella olhar franco e destemido, aquellas barbas alvejadas não tanto pelos rigores do tempo, como na evangelisação dos povos, na pratica do bem e no zelo que dispensava a tudo quanto podia concorrer para a felicidade do homem e gloria de Deus; aquella cabeça sempre erguida e voltada para os astros, como a de Moysés guiando o povo do Senhor—jámais se apagarão da memoria dos que o viram, dos que o escutaram, e sabem que vaso de eleição se occultava sob a grossa estamemha que o envolvia.

Esse frade que habitava uma humilde cella no seu convento, que atravessava a pé nossas cidades, que penetrava nossos sertões, que vadeava nossos rios, que affrontava as intemperies, que zombava dos perigos, e que sabia soffrer qual outro Paulo, as torturas da fome, as angustias da sede; para quem não havia sol abraçador, nem frio insupportavel, que foi victima das viboras da calumnia, e viu-se escapo de muitos naufragios nos mares da vida; esse frade obscuro para muitos, indifferente para a maior parte, e que levava após si o ridiculo e o insulto dos nescios, dos impios e dos libertinos—era um varão apostolico, um filho dignissimo do Patriarcha de Assis, uma joia de preço inestimavel, uma fortaleza que nunca se rendeu, um heróe nas incruentas batalhas da fé, e para tudo resumir em uma só phrase—uma mina riquissima de merecimentos.

Edificou igrejas, construiu cemiterios, abriu escolas, promoveu o bem estar do povo, pacificou revoluções, elle só; armado com a cruz de Jesus Christo e com a palavra do Evangelho, levou a paz onde ardia a guerra, extinguiu dissensões domesticas, pregou o esquecimento das offensas, o perdão das injurias e a caridade que tudo adoça, consola e vivifica. Foi um Apostolo zeloso e um Confessor valente. Evangelisou os povos, annunciando-lhes as recompensas que Deus reserva áquelles que o seguem, carregando a sua cruz, com amor, com paciencia e resignação.

Dispondo de grande valimento perante o Imperador, que o considerava altamente, e de muito prestigio na Côrte, nunca quiz e nunca aceitou a menor recompensa dos relevantes serviços que prestou ao Estado; e foi sempre um protector desvelado e cheio de desinteresse, dos que se soccorriam da sua influencia entre os homens mais notaveis do paiz.

Jámais prostituiu a sagrada tribuna, lisongeando as paixões humanas, armando á popularidade, e fallando mais para agradar, do que para convencer. Como o sementeiro do Evangelho lançou a semente nos espinhos, nas pedras e no caminho, e onde ella ia cahindo, ia nascendo, que « assim ha de ser o prégador, diz o illustre Vieira, hão de cahir as cousas e hão de nascer: tão naturaes que vão cahindo, tão proprias que vão nascendo. »

Sua palavra incisiva, energica e despida dos atavios da oratoria, mas ornada com as galas da san doutrina, trovejava do alto dos pulpitos, sob a abobada do Sanctuario, ou no meio das maravilhas da natureza brasileira, sob o docel esplendido do azul do céo. Como o Apostolo das gentes, modelo eterno e inimitavel dos verdadeiros prégadores, Fr. Caetano de Messina prégava

incessantemente á Jesus Crucificado. E era ouvido religiosamente, e fazia estremecer as fibras de todos os corações, levando a confiança á uns, o temor a outros, a consolação á muitos, e arrastando á todos a purificarem-se na piscina da Confissão, afim de se assentarem no banquete dos anjos, onde se come o pão do céo, e se bebe no calix da redempção humana.

Que fructos abundantes e deliciosos não produziu a semente que elle lançou em nossa terra! Quantas conversões notaveis, quantas refórmas de costumes, quanta paz domestica, quanto amor ao trabalho, quanta fé e quanta alegria não depositou elle no coração de tantas almas pervertidas pelas *luzes* do seculo, enregeladas com o frio do indifferentismo ou conquistadas pelas Synagogas de Satanaz?! D'ahi a injuria, d'ahi a calumnia, d'ahi o odio com que o distinguiam os inimigos da Igreja e de seus ministros.

## III

Fr. Caetano de Messina, a quem a caridade fizera Samaritano de seu proximo, foi victima das maiores contumelias e das mais revoltantes calumnias. Ahí, n'essa bella, heroica e muito catholica Provincia de S. Paulo, o que não soffreu o intrepido missionario?!... De que ardis e de que vilezas, não serviram-se os *pedreiros livres* da imprensa e da rua para macular o sagrado habito do illustre capuchinho?!...

Empregou-se a intriga, manejou-se a arma da diffamação, e tanto se disse e tanto se escreveu, que esse digno representante de Jesus Christo, foi objecto de um inquerito secreto, que apparecendo alfim á luz da publicidade, não serviu sinão para mais realçar o seu merito d'elle e recommendal-o ás bençams dos catholicos, e á admiração dos brasileiros.

A politica, essa podridão que infecciona de sul a norte a athmosphera deste grande Imperio; essa cousa informe, que entre nós apenas significa a violação da lei, a postergação do direito, a morte moral dos caracteres, a afilhadagem, o patronato, o nepotismo, e o assalto perenne aos cofres publicos; essa miseria que todos exploram, de que todos se queixam, mas de que poucos se eximem—de mãos dadas com a Maçonaria sustentada pelo governo imperial, denunciou que Fr. Caetano de Messina prégava uma cruzada contra os portuguezes, e logo tratou de agular as massas e preparar, si possivel fosse, uma scena de sangue e de lagrimas, da qual fosse victima o virtuoso capuchinho!

Accusaram-n'ò de revolucionario, pediram a sua deportação, excitaram os animos, e si não lograram seus malevolos intentos, foi porque o nome honrado de Fr. Caetano de Messina por si só era o mais solemne desmentido que se lhes podia oppôr. Como?! Revolucionario, o que extinguiu o incendio da revolução em Pernambuco?! Revolucionario, o que hasteava a bandeira da paz no lar domestico?! O que prégava a concordia e o esquecimento de todas as injurias?!....

Tratando da colonisação do céo, accusavam-n'ò, os perfidos, de guerrear a colonisação da terra! Interpretavam ao avêssò a nobreza de seus sentimentos, a elevação de suas idéas, o grandioso de seus planos, e o calumniavam, injuriavam e maldiziam perante Deus á quem elle servia, e perante os homens cuja causa advogava!

Muito vem ao nosso intento, o que escreveu o classico Padre Manuel Bernardes na sua *Nova Floresta*, onde ha flôres de perfumes suavissimos, e fructos que sabem ao paladar, como um favo de mel das abelhas do Hymetho.

« Não ha termo ou procedimento bom, que o coração malicioso não queira interpretar mal. Abundam exemplos desta verdade nas divinas letras. Aman inclinou-se ao leito onde estava a Rainha Esther, para pedir lhe salvasse a vida da ira de Assuero; e este interpretou, que intentava contra elle adulterio. Anna mulher de Elcana orava no templo com afflicção de espirito, e lagrimas, pedindo a Deus fructo de bençam; e o sacerdote Heli interpretou, que estava atordoada do que bebera. El-Rei David sahio dançando diante da Arca do Testamento, que foi acto excellente de Religião, e humildade, do qual disse S. Gregorio, que mais o pasmava David dançando, do que batalhando: e sua mulher Michol o attribuiu a vileza e descompostura. O mesmo David, havendo fallecido Naas Rei dos Ammonitas, mandou por seus Enviados consolar a seu filho Hanon, em correspondencia dos bons termos, que o dito Rei vivendo usára com elle: e Hanon interpretou, que eram exploradores, para effeito de alguma empreza maquinada; e assim lhes mandou rapar meia barba, e cortar os vestidos de sorte, que ficaram torpemente descompostos. Joseph no Egypto mandou hospedar a seus irmãos, e matar as rezes para lhes dar um banquete; e elles interpretaram que a sua intenção era calumnial-os, e mettel-os em escravidão violenta. A Magdalena ungiu os pés de Christo com unguento precioso; de muito mais alto preço era a fé, o amor, e a Religião com que o fazia; porém o Iscariotes o attribuiu a esperdiço, e superfluidade. E por não alongar o discurso prolixamente, o mesmo Christo por

admittir em seus pés os castissimos osculos desta peccadora arrependida, para mais a enternecer, abraçar, e purificar no fogo da sua caridade, foi interpretado, que o fazia por ignorar, que mulher era a que assim o tocava. Tudo corrompe o coração malicioso, porque elle he corrupto. Não importa que os procedimentos do Varão pio sejam mui ajustados: si quem pica nestas flôres he aranha, não tirará dellas doçura, sinão peçonha. »

Mas, nada perturbou a paz de sua alma, nada influiu sobre a sua actividade, sobre a coragem e zelo com que annunciava o Evangelho aos que precisavam ser confirmados na fé, e ainda aos *barbaros civilizados* que habitam entre nós.

Fr. Caetano de Messina pertencia á essa pleiade brilhante e invicta que, abandonando a patria, a familia e todas as seducções do seculo, faz do martyrio uma corôa, da cruz um sceptro; da tribuna um throno, do burel uma purpura, e se reputa, na sua profunda humildade e no desprezo que o mundo lhe vota, superior á todas as magestades da terra. Nem lhe falta o ardor e a valentia para arcar com os tyrannos ou os selvagens, e dar a vida gostosa, por ter conquistado algumas almas para o reino da eterna luz, onde impera *ab æterno* o Senhor dos céos e da terra.

## IV

Tivesse eu tempo e muito me alongaria, narrando o que rezam as chronicas, acerca desses missionarios valentes, que atravessando os areaes dos desertos, affrontando as tormentas do oceano, ou atravessando nossas bastas florestas, ameaçados e cercados de toda a especie de perigos, tudo arrostam, tudo supportam com alegria, com amor, e com inexcedivel coragem, em beneficio de seus semelhantes, para augmento da fé catholica, prosperidade dos Estados e gloria da Santa Igreja.

Diria então quanto lhes deve a nossa Patria onde floresceram os Nobregas, os Anchietas, os Vieiras, os Alvernes e outros varões illustres por seus feitos, por suas virtudes e por suas lettras, em cujo solo lançaram a semente da civilisação christan, á cuja arvore florida hoje nos abrigamos.

Não posso, porém, deixar de referir o que tão bellamente escreve o erudito autor do *Manual del Apologista*, que importa o mesmo que retratar fielmente o illustre Fr. Caetano de Messina, de saudosa recordação.

« O verdadeiro modelo do missionario é o proprio Jesus Christo. Elle se abandona inteiramente nas mãos de Deus, disposto a

executar suas ordens, e é por sua vez ministro e victima. A' imitação do Divino Mestre que o envia, o missionario abraça a todos os homens na extensão de seu amor. O missionario se vê obrigado a deixar sua familia, sua casa e sua patria, e se affasta sem olhar para traz: se desprende de todos os laços que o unem á terra, para occupar-se exclusivamente dos interesses do céo. Soldado decidido de Jesus Christo, considera como sua patria todo o paiz em que possa arvorar o estandarte da cruz. Seus irmãos e seus amigos são successivamente aquelles pobres selvagens aos quaes ensina a formar o signal da redempção, e a pronunciar o nome adoravel de nosso Salvador. Necessita um valor heroico para affrontar os perigos sem numero a que está exposto, os obstaculos insuperaveis que se lhe apresentam por toda a parte, e ha de ter uma paciencia invencivel para supportar as penas, os desgostos, as fadigas, os despresos e as perseguições que o aguardam. Para poder fallar de mais alto aos homens, sobe o Calvario e abraça-se com a cruz. Tal é o verdadeiro missionario, tal é Jesus Christo. »

E continúa nestes termos :

« ..... O missionario faz o sacrificio de sua propria vontade, para submeter-se inteiramente ás ordens de seus superiores, que o enviam sem consultal-o ás extremidades do globo. Desembarca em um paiz desconhecido, sem amigos e sem protectores, e frequentemente sem recursos, em meio de povos selvagens e talvez antropophagos. Tem de passar dia e noite á estudar uma lingua barbara, tem de soffrer todo genero de privações, tem de superar mil difficuldades e perigos, e tem de fazer-se violencia para adquirir habitos e costumes em opposição com sua vida inteira, assimilando-se aos selvagens aos quaes vae evangelisar. Começa depois a prégar o reino de Deus e annunciar á Jesus Christo. Uma violenta perseguição se levanta contra elle, e tem de fugir precipitadamente para outro lugar, onde se repete o mesmo. Chega, finalmente, uma perseguição mais violenta que as outras; em vão foge, se occulta e anda errante por bosques e montanhas pedindo hospitalidade, quando não tem outro remedio, ás feras ou aos homens pouco differentes dellas. Decorrido algum tempo desta vida tão cheia de azares e perigos, é preso e carregado de cadêas e tem a dôr de ver que aquelles á quem ha convertido se veem obrigados á apostatar ou a soffrer o ultimo supplicio. Elle proprio é submettido aos mais horrorosos tormentos, e alfim morre cheio de opprobrios, de dôres e de chagas, como o proprio Jesus Christo, á quem ha tomado por modelo.

« Tal é a sorte ordinaria do missionario. Outras vezes é devorado por feras, envenenado por serpentes, afogado nos rios, ou morre de fome e de fadiga. Quando outro missionario igualmente zeloso vae proseguir a obra do primeiro, de quem não se tem noticias, sóe encontrar seu corpo devorado pelas aves de rapina. Ajoelhando-se na arêa, lhe cava uma sepultura, sobre a qual ergue uma cruz que forma de dous páos e é o primeiro que invoca o martyr. »

Como vê, nada é mais natural, mais verdadeiro, mais edificante e mais sublime do que essas linhas que ahi ficam. Pena é que eu não possa, por não alongar este escripto, transladar mais algumas paginas do precioso livro que tenho ante os olhos.

Concluirei, pois, com as seguintes observações do sabio escriptor :

« Força é confessar que os missionarios merecem com toda justiça o nome de heróes. Sacrificar-se em um paiz desconhecido, entre supplicios crueis, não deixando muitas vezes nem ainda memoria de seu nome, penetrar por amor á humanidade onde não hão chegado os mais atrevidos navegantes, nem os mais intrepidos viajantes, sem nenhuma esperança de recompensa sobre a terra por tantos sacrificios, abraçar espontaneamente uma vida de tão suprema abnegação e tão constante trabalho, é um valor a que não alcançam por si mesmas as forças humanas. E' sem duvida maior grandeza e heroismo a do pobre missionario que morre entre tormentos em uma plaga selvagem, abraçado ao Crucifixo, immolando-se por amor á seus semelhantes, que a d'aquelles homens aos quaes o mundo levanta monumentos por ter morrido junto de uma bandeira, quasi sempre sem poder evital-o. Os heróes do mundo são sanguinarios, os heróes da religião são de paz. »

E' um retrato de corpo inteiro. Que tela, que traços, que expressão, e que vivacidade de colorido ! Quem conheceu a Fr. Caetano de Messina e tem noticias de seus feitos, dirá apôz ter lido esses periodos : « Eis aqui o typo do verdadeiro missionario ; Fr. Caetano era assim. »

## V

Hoje, que parecemos voltados aos tempos de Juliano o Apostata, em que se finge um falso catholicismo para melhor ferir o coração da Esposa do Cordeiro ; hoje, que está na ordem do dia o *casamento civil*, o *cemiterio sem bençam ecclesiastica*, e a *separação da Igreja e do Estado* ; hoje, mais do que nunca, é mister que os catholicos que não transigem com os respeitos humanos, preterindo o respeito divino, armem-se de coragem e perseverança para

combater o bom combate, defendendo a liberdade e a independência da Igreja, exposta aos maiores perigos.

E' conhecido o programma dos *reformadores*, a prudencia dos condescendentes e o indifferentismo de alguns á quem corre o rigoroso dever de marchar na vanguarda dos soldados da cruz.

Quer-se reformar tudo para não edificar cousa alguma. Tenta-se abater monumentos que atravessaram seculos, que foram o encanto das gerações passadas, e o mais eloquente attestado do poder de Deus e da sabedoria da Igreja, para alastrar o solo de ruínas!

Busca-se extinguir os mosteiros, dispersar os obreiros do Senhor e arriar a cruz do Sanctuario, para encher as arcas do Thesouro, exhaustas pelos esbanjadores do suor do povo! E não se pejam de um acto semelhante! E não temem que a mão de Deus, que já pesa demasiado sobre as desoladas provincias do Norte, se estenda sobre todo o Imperio e nos esmague sem misericórdia!

Esquecem-se, como diz um illustre escriptor, de que « em todas as nações se ha observado que não cresceram os apuros do thesouro depois de haver devorado os milhões sacados dos bens dos conventos. A Inglaterra, a França, a Hespanha e a Belgica são a prova. » E a Italia, accrescentarei eu, que lá está a braços com a bancarrota, sem renda, sem credito e ameaçada do punhal assassino dos revolucionarios e dos socialistas.

« A Europa, como observa o mesmo escriptor, deve quasi exclusivamente ás Ordens Religiosas a fé catholica e a verdadeira civilisação. A Inglaterra deve a sua civilisação a Santo Agostinho, a Irlanda a S. Patricio, e d'estas sahiram a evangelizar a Allemanha e os povos do Norte. S. Bonifacio foi o apostolo destas regiões, assim como tambem da Baviera, Zuringia e Saxonia; e S. Wilibord estabeleceu a fé na Frisia, Hollanda e Dinamarca. Os religiosos penetravam n'aquelles paizes cobertos de espessos bosques, os abatiam, e edificavam cidades e aldêas, e abriam Igrejas e escolas para moralisar e instruir os seus semelhantes. Deste modo, pela instrucção e religião, estes seres divinos conseguiam ao mesmo tempo a conquista e a liberdade dos homens. »

O autor a que me refiro, acompanhando *pari passu* Boone, Vergier, Montalembert, Ravignan, Crétineau-Joly, Chateaubriand, Platus, Gaume, Rubio y Ors e tantos outros escriptores celebres que se têm occupado das Ordens Religiosas sob differentes pontos de vista—mostra como a historia da civilisação christan na Asia, na Africa, nas duas Americas, na Oceania e nas ilhas mais apartadas, está intimamente ligada á historia e aos trabalhos aposto-

licos das Ordens Religiosas. Mostra como os homens mais illustres da Igreja Catholica se hão formado nos Claustros; não sendo possível contar o numero de Santos, de Papas, de Cardeaes, de Arcebispos e Bispos, de Doutores e escriptores celebres, com que as Ordens Religiosas hão enriquecido a Igreja.

O que não deve a agricultura ás Ordens Religiosas, que contribuíram maravilhosamente para o seu florescimento?! As sciencias e as artes foram salvas por ellas das irrupções dos Barbaros. Os monumentos que ainda hoje fazem a gloria da nossa idade e servem de modelo aos mestres, foram erguidos pelos Monjes. A caridade na sua mais lata expressão foi por elles exercida de um modo admiravel. Alimentavam o pobre ás portarias dos Conventos, davam asylo ao peregrino, hospedavam os viajantes, curavam os enfermos, construiam hospitaes onde todas as dôres achavam allivio, todos os males remedio e todas as afflicções um paradeiro.

« Os captivos, escreve D. Alonso Perujo, encontraram libertadores nos filhos de S. João da Matta e de S. Pedro Nolasco; os enfermos foram cuidados pelos Bethlemitas e os Religiosos de S. João de Deus; os moribundos viram adoçada sua agonia pelos regulares de S. Camilo: os pobres foram soccorridos por todas as religiões; os ignorantes educados pelos Escolapios, os Jesuitas, os Dominicanos. Nomear a S. Vicente de Paulo, é recopilar em um só nome todas as obras de caridade e o allivio de todas as misérias por sua vez: o cuidado dos meninos expostos, dos enfermos, dos empestados, dos velhos invalidos, dos aleijados, das mulheres arrependidas, etc. Outros se hão dedicado á enterrar os mortos, á preparar os condemnados ao ultimo supplicio, á facilitar e assegurar o caminho aos viajantes, etc. Nada ha escapado á previdente caridade das Ordens Religiosas. »

Longe iria com o que ha á extractar sobre este ponto. Para convencer-se do grande numero de comunidades de um e outro sexo consagradas ao allivio da humanidade soffredora, é bastante lêr-se a *Historia das Ordens Religiosas*, por Heliot.

Entretanto, em nome da *civilização moderna*, que produziu a *Communa* de Paris, que sancionou a usurpação dos Estados da Igreja, que tem gerado a Internacional e o Socialismo, e ha confundido as noções do Bem e do Mal, alastrando de ruinas a Igreja e o Estado, proclama-se hoje a necessidade de apagar o pharol que allumiou os povos na escuridão dos tempos, que os desviou dos abysmos, e os levou sãos e salvos aos portos de salvamento. Esta geração que nada ha produzido de estavel, que tão indifferente

se mostra aos destinos da sociedade, que tomada de vertigem, vôa nas azas do telegrapho e corre ao impulso do vapor para o desconhecido..... pretende abalar as columnas do templo, abater de novo o Crucificado para adorar a deusa Razão, arrombar as portas do claustro, enxotar os ungidos do Senhor e lançar mão sacrilega sobre o mealheiro que representa a fé, a piedade, os votos e os sacrificios de tantas almas bem formadas!

E admira-se que Pio IX, de santa memoria, condemnasse uma civilização que é a negação do verdadeiro progresso, da verdadeira liberdade e tende a apagar do coração dos povos a revelação de Deus e procura guerrear a todo o transe o catholicismo!...

## VI

Nós outros, ultramontanos, jesuitas, obscurantistas e o mais que reza a cartilha dos livres pensadores, protestemos pelos meios ao nosso alcance contra taes sacrilegios, contra taes attentados e escandalos! E affirmemos, em alta voz, sem temor algum, que não é catholico, o que, sob a capa de um falso patriotismo, subscreve medidas iniquas contra a independencia e a liberdade da Igreja.

Não é catholico o que faz da Religião uma bandeira politica, e contemporanea com os inimigos da Igreja, a pretexto de uma mal entendida tolerancia, afim de exploral-os opportunamente. « Amai aos homens e aborrecei o erro,» diz Santo Agostinho.

Não é catholico o que faz distincção entre a politica de Pio IX e a de Leão XIII, usando de sophismas e circumloquios para illudir aos incantos.

Não é catholico o que não professa *ex corde* e não defende abertamente o *Syllabus*, a Magna Carta do Catholicismo.

Não é catholico quem não combate o casamento civil, o cemiterio sem bençam ecclesiastica e a separação da Igreja e do Estado.

Não é catholico o que sacrifica as verdades eternas e a defeza da Igreja, ao capricho dos homens ou ás conveniencias da actualidade.

Não é catholico o que só busca *apparecer* nos momentos solemnes, tratando mais da sua propria gloria, do que da gloria da Igreja á que pertence.

Não é catholico o que annuncia a paz e promove a guerra, o que se finge amigo para melhor dissimular seus perfidos intentos, e commette o latrocinio e a iniquidade com summa hypocrisia.

Peçamos a Deus que nos livre de taes *catholicos*, verdadeiros lobos disfarçados em ovelhas.

E fallemos, e escrevamos e discutamos alta e poderosamente os interesses da Igreja, como é do nosso dever e tanto recommendava Pio IX o Grande, e continúa a recommendar Leão XIII, gloriosamente reinante.

Desde que não nos affastemos um apice da verdadeira doutrina, vamos para diante, sem dar fé dos poltrões, que só têm olhares vesgos para os que trabalham, mas não agitam o thuribulo da lisonja.

Quanto á mim, bem o sabe, nunca confundi a santidade da Igreja, com a indignidade dos que não a representam fielmente.

Vou concluir, desejando que o seu livro, lido de uma á outra extremidade do Imperio, e applaudido por todos os catholicos, seja incentivo para novos commettimentos.

Não ha desanimar, porque a estrada que percorremos é toda eriçada de espinhos e acompanha-nos a turba multa dos que blasphemam de Deus, não crêm nos seus Santos, riem-se dos milagres e arvoram o estandarte do racionalismo.

Não espere outra recompensa além da consciencia de haver cumprido o seu dever, vingando a memoria de um varão apostolico, digno de nossos applausos, de nossas lagrimas e de nossas bençams. Bem sabe, que os que mais fazem, são justamente os que menos merecem. E não faltam gralhas que se enfeitem com as pennas dos pavões.

Escrevi muito, como deve recordar-se, sobre Fr. Caetano de Messina, relativamente ás missões que elle pregou em o Norte d'essa Provincia; entretanto, houve quem delle recebesse os devidos agradecimentos pelo *meu trabalho*. E' caso de dizer com o Poeta:

*Hos ego versiculos feci, tulit alter honores.*

Si fossemos a reparar nestas miserias, ha muito estariamos de mãos dadas com os *irmãos universaes*.

Havemos de ter sempre, e com fartura, ingratições, deslealdades, perfidias, e muito deveremos agradecer a Deus, quando *alguns* em nome do seu *catholicismo* delles, nos levarem a bolsa, mas nos deixarem a vida.

Escreva, pois, meu caro amigo, escreva sempre. Já lhe tenho dito e agora repito: tem talento, estuda, pensa e trabalha com fé em Deus—não é possível que taes sementes deixem de germinar, produzindo flôres bellissimas e fructos admiraveis.

A messe é grande, mas os operarios são poucos. Nós que não nos envergonhamos de confessar á face dos homens a divindade, a sabedoria e o poder infinito de nosso Deus, Creator e Redemptor, e antes d'isso muito nos gloriamos—continuemos a combater o bom combate, dando caça ao erro, refutando os sophismas, affirmando as verdades catholicas a despeito de todas as maquinações de que possamos ser victimas.

E' na mocidade que ora se levanta cheia de vida, de esperanças e de enthusiasmo que a Igreja já põe hoje toda sua confiança e olha com a maior complascencia. A' ella pertencerá a gloria de cingir a fronte com uma aureola immortal, si folheando os livros santos e educando-se nos verdadeiros principios do catholicismo, corresponder á tão nobre espectativa, hasteando bem alto a bandeira do verdadeiro progresso, da verdadeira liberdade e da verdadeira civilisação—a Cruz de Jesus Christo!

A Igreja póde ser perseguida, mas nunca será vencida. O seu divino Fundador prometteu assistil-a até a consummação dos seculos.

Que gloria a de militar sob tão glorioso estandarte, certo de que, si não cantar o hymno do triumpho aqui na terra, com certeza ceifará abundantes louros lá no céo!

Avante! Nada de esmorecimentos. Faça render os talentos que Deus lhe concedeu, reputando-se feliz si fôr victima dos homens, porque copiosa será a sua recompensa no reino da eterna luz.

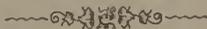
Agradeço-lhe a honra que me dispensou, e dando-lhe meus parabens pelo seu importante livro, abraço-o como amigo e companheiro d'armas nos combates da fé.

Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1879.

ANTONIO MANUEL DOS REIS.

---

A Introducção foi escripta sem previa leitura do manuscrito. Tal declaração fazemos, a pedido do auctor, para attenuar alguma reproducção de pensamento e fazer calar os parladores, que são muito colhedores de bagatellas.





PRIMEIRA PARTE



# Frei Caetano de Messina

## Primeira Parte

### I

No anno de graça de 1807, na villa de Catania, da provincia de Messina, da qual dependia tanto na jurisdicção civil como na ecclesiastica, viu a luz do dia aquelle de cuja vida imos, em traços rapidos, escrever a narração.

Quasi nada podemos dizer a respeito dos factos occorridos com Caetano de Messina, quando na Sicilia, porquanto nenhum documento, nenhuma informação precisa foi-nos possivel colher relativamente á sua filiação, mocidade e primeiros passos na carreira monastica.

Referiu-nos sómente pessoa fidedigna que, em 1837, ao apparecer em Catania o cholera-morbus, a maior parte dos padres fugiram diante da invasão do flagello. Caetano foi mandado pelo guardião, Rvdm.

Giambattista, para assistir os cholericos; e elle, não sómente obedeceu de muito boa vontade, como também prestou valiosos serviços, animando os doentes, confessando os moribundos e affrontando a morte com o administrar os Sacramentos por suas proprias mãos.

Quarenta dias durou o apostolado de Caetano, a lucta corpo a corpo com o terrivel flagello. Após o que, e em recompensa de sua caridade e abnegação, o filho de S. Francisco de Assis foi elogiado pelo Bispo Diocesano e pelo Superior da casa a que estava aggregado.

Na sua provincia exerceu elle, como frade, a titulo de lente e prégador, os misteres da ardua missão confiada aos capuchinhos da Ordem Franciscana, até que um Decreto da Sagrada Congregação Romana *De Propaganda Fide* o despachasse para o Brazil.

## II

« Corria o anno de 1832. Em um dos dias de Fevereiro, os filhos de Matteo da Bassi foram despertados pelos repetidos golpes de martello, que faziam estalar de dôr as mesmas paredes do templo. O que era? Havia no pateo da Igreja da Penha, porém com a necessaria decencia, um grande cruzeiro e as cruzes da *Via Crucis*. . . . Pois bem: eram essas cruzes que estavam sendo arrancadas, e os pilares sobre que descansavam, demolidos por ordem do fiscal da freguezia, que era então o Sr. João Rodolpho Barata. Eram os golpes da impiedade, que dessa vez haviam escolhido a mesma casa do Senhor

para theatro de suas iniquidades, e assim abatiam os estandartes do Christianismo. » (1)

Era o Regalismo official que assestava as suas ignominiosas baterias contra a casa santa. Era o cumprimento do Decreto que, em nome de S. M. o Sr. D. Pedro II, havia baixado a Regencia, em 25 de Agosto de 1831.

No dia 6 de Julho, exigiu a commissão dos hospitaes o edificio, pertencente aos frades em virtude de doação do terreno, e por elles levantado. Exigiu, allegando a imperiosa necessidade de, no dia 8, passar para elle os expostos. No dia 20 retiravam-se os frades. Eram trez que alli residiam: Fr. Joaquim d'Afragalo, Fr. Gabriel da Matta e Fr. Paulo de Genova.

Pela resolução da Assembléa Provincial, em 11 de Maio de 1836, a Igreja de Nossa Senhora da Penha, roubada aos missionarios capuchinhos, ficou pertencendo á Irmandade de S. José d'Agonia, que nella estava erecta!

Apezar de tudo, a obra de iniquidade não poude ser consummada. O povo clamava em altos brados contra o desterro de seus melhores amigos e protectores, e o governo viu-se na obrigação de ceder. A resolução de 2 de Maio de 1840 chamou-os novamente ás plagas olindenses. Era então presidente de Pernambuco o Sr. Barão da Boa-Vista, e muito cooperaram para a restauração das Missões os Srs. Dr. Lopes Netto, Dr. Mendes da Cunha, Padre Mi-

---

(1) DR. JOAQUIM GUENNES DA SILVA MELLO, *Ligeiros traços sobre os Capuchinhos*, etc., pag. 61—62.

guel do Sacramento Lopes Gama, Vigario Francisco Barreto.

No dia 11 de Setembro de 1841, entrou no porto um navio sardo, trazendo um novo corpo de missão, o qual, por Decreto de 20 de Junho, havia sido despachado de Roma pela Sagrada Congregação *De Propaganda Fide*: constava de Fr. Placido de Messina, prefeito, Fr. Caetano de Messina, vice-prefeito, Fr. Sebastião da Melia, Fr. Caetano da Gratière e Fr. Seraphim de Catania.

Os novos apóstolos deram logo começo a seus trabalhos evangelicos, sob as vistas de Fr. Placido, a quem o governo recorreu em 1843, para aplacar a irritação dos espiritos, excitados pelo famigerado Vicente Ferreira de Paula, em Panellas de Miranda, Jacuipe e no Riacho do Matto. Fr. Placido, além de lançar a semente sempre fecunda da palavra divina naquellas almas transviadas, colhendo bons fructos, procedeu em Agosto e Setembro deste mesmo anno, a importantes melhoramentos materiaes: assim edificou elle no engenho Noruega, da Escada, uma capella de pedra e cal, levantou no Rio Formoso uma nova Igreja com a invocação de Nossa Senhora do Rosario e fez carregar os materiaes para a de Nossa Senhora do Livramento, edificou a matriz d'Agua Preta, organisou a irmandade de S. José e deixou aforados todos os sitios e casas da mesma Igreja.

Em 1846 assolou os sertões uma sêcca espantosa, levando a desolação e a morte áquella parte do torrão brasileiro. Os frades não desampararam o pobre povo, presa do susto e do terrôr, agoniado pelas mais terriveis provações e impossibilitado de contar com a acção auxiliar da autoridade.

« Ainda dessa vez foi invocado o sublime ascendente dos filhos de Matteo da Bassi, apatrocinado pelo manto augusto da Senhora da Penha; e elles, que tantos testemunhos já haviam dado de seu zelo apostolico e de sua extremada dedicação, recebiam com jubilo a feliz nova, ao mesmo tempo que seus corações se annuviavam ao considerar tantas desolações. Precedendo a competente pastoral, Fr. Placido se encarregou da direcção da santa missão. Então teve essa capital de presenciar o que de ha muito ouvira referir. Dividiu-se o trabalho apostolico pelas quatro freguezias: foi elle para Bôa-Vista, Fr. Caetano para o Recife, Fr. Luiz da Belfort para S. José e Fr. Sebastião da Melia para Santo Antonio. Duraram 15 dias essas missões, inclusive o da abertura. Causava viva admiração a multidão de povo, que affluia, e infundiam verdadeira compunção a sinceridade de sentimentos e a contricção que revelavam a religiosidade do povo. Era um espectáculo grandioso e imponente, além de efficazmente fructificador. No fim, e depois da benção papal, teve lugar a assombrosa procissão de penitencia, cuja recordação ainda hoje enche de inteiro prazer o coração catholico: vinte mil pessoas, dominadas da maior contricção, vencidas pelo mais vivo arrependimento, diversificando nos instrumentos de penitencia, umas carrregando pesadas pedras, volumosos madeiros e grandes cruces, e outras com cruentos cilicios, deixando seu sangue regar e orvalhar a mesma terra de seus peccados, ostentavam como que em sua pureza todo o sentimento da fé, e davam os mais tocantes testemunhos de seus pios sentimentos ao brado unisono de—*Senhor Deus, misericordia!*—entoado pelo infatigavel missionario da Penha! Santa Religião

regada pelo sangue derramado nas cumiadas do Calvario! só tu sabes preparar os corações empedernidos para tão doces momentos, para tão indizível expansão das mais tocantes verdades! Santos arcanos do Eterno e bondosa clemencia da Summa Justiça! Apenas se tinha recolhido a procissão da reconciliação, e findava o sub-prefeito, Fr. Caetano, a sua prédica de despedida, e já copiosa chuva cahia sobre as cabeças ainda cingidas pelas corôas de espinhos desse povo penitente! » (1)

Em commemoração de tão milagroso facto, ficaram as instituições do Mez Mariano, do Coração de Maria, do Laus Perenne e do Santissimo Rosario. Fr. Caetano e Fr. Sebastião prégarão incessantemente o Catecismo, e aquelle fez, em 1847, uma estrondosa missão em Páo d'Alho, seguindo este para a povoação de Muribeca.

O anno de 1848 correu agitado para Pernambuco. Administrava então aquella Provincia o Exm. e Rvdm. Sr. Dr. Vicente Pires da Motta. Conhecedor das acrysoladas virtudes e do nunca desmentido civismo dos capuchinhos da Penha, a elles se dirigiu o illustre sacerdote, incumbindo-os da missão de serenar os animos sobresaltados pelos successos politicos que se precipitavam. Fr. Placido partiu sem demora para o Sul da Provincia, a 29 de Maio, tendo o prefeito encarregado Fr. Caetano de dirigir esta campanha toda de paz e amor. Fr. Caetano não recúou. Mediu toda a profundidade do abysmo cavado por uma politica irracional, e atirou-se, cheio de fé, no meio da procella, ferindo a batalha em nome do Senhor e con-

---

(1) Obra citada, pag. 68—69.

quistando o mais assignalado triumpho. Aqui está o venerando Sr. Conselheiro Pires da Motta, que póde attestar os prodigios operados pela palavra e acção do missionario. (1)

Partindo Fr. Placido para a Italia, a 13 de Agosto de 1848, succedeu-lhe Fr. Caetano, como prefeito interino, no governo das Missões. Estavam em vespersas de um movimento sedicioso, oriundo da mudança de situação politica, effectuada em 29 de Setembro. Para auxiliar Fr. Caetano e supprir a lacuna immensa aberta pela partida do saudosissimo Fr. Placido, ficavam na Provincia Fr. Sebastião, Fr. Seraphim e Fr. Henrique de S. Pedro; e não longe, Fr. Eugenio e Fr. Caetano Gratière: pleiade de indomaveis campeões, heroica phalange dos batalhadores da Cruz!

### III

Passada a tempestade da guerra civil, podemos acompanhar com segurança a derrota seguida por Fr. Caetano de Messina. Procedendo por ordem chronologica, seremos breve, sem todavia omittir facto algum do qual tenhamos conhecimento. Tanto mais quanto é certo que Pernambuco constitue porventura o mais bello florão da corôa do missionario capuchinho.

No dia 6 de Outubro de 1850 chegou elle a Olinda, começou as Missões, e nesse mesmo dia, « rebentaram tres fontes d'agoa atraz do mosteiro de S. Bento,

---

(1) A' bondade do illustre Director da Academia devemos as cartas de Fr. Placido e Fr. Caetano, a elle dirigidas, as quaes o leitor encontrará na série dos Documentos e Peças Justificativas, sob ns. 1 e 2,

aparição que logo o povo qualificou de milagrosa, porque até então nenhuma agoa doce havia para se beber e porque distavam 130 passos do mar e 26 da maré pequena.» (1)

Depois, seguiu para Beberibe, instituindo o Mez Mariano e a devoção das Dôres de Maria Santissima. (2)

A 6 de Novembro, partiu para Iguarassú e Goyana. Na primeira dessas localidades concertou o recolhimento das freiras; na segunda, quasi reedificou o convento de Nossa Senhora da Soledade, que era conhecido pelo appellido por demais significativo de —*morada da fome*.

Em 1851 e 1852 retumbaram os écos da palavra evangelica em Páo d'Alho, Tracunhaem, Lagôa do Carro, Limoeiro, Bom-Jardim, Nazareth e Palmas.

#### IV

Não estavam ainda de todo apagados os vestigios da ultima guerra civil, quando veio *a lei do censo* atear novamente o incendio, amontoando nuvens negras no

---

(1) Obra citada, pag. 73.

(2) Objecto da veneração de todo o orbe catholico, o culto á Virgem Maria tem sido constantemente o objecto dos cuidados particulares dos missionarios capuchinhos da Penha. Póde-se dizer foram elles quem introduziu no Brazil a devoção sublimemente edificante e consoladora do Mez Mariano, hoje em dia espalhada por toda a superficie deste Imperio. Da lavra de Fr. Caetano de Messina possuimos um folheto com o titulo— *Exercicios Devotos* para o Mez de Maria, instituido no dia 30 de Abril de 1860 na Igreja de S. Sebastião do Morro do Castello, seguidos de varias outras rezas, devoções e canticos usados na mesma Igreja.

horizonte da Provincia. Lei do captiveiro, assim chamava o povo, em seu natural bom senso, a nova disposição legislativa, certamente inopportuna. As populações estavam aterradas; todo o sertão levantou-se e armou-se contra a tyrannia. Era uma revolução que se preparava, e o movimento popular ameaçava ganhar todos os pontos da Provincia.

Achava-se na presidencia o Sr. Victor de Oliveira. Não lhe era possível lutar a mão armada contra o povo, e já o estandarte da rebellião tremulava victorioso nas comarcas de Nazareth, Goyana e Igua-rassú.

«Então o presidente teve a inspiração de recorrer aos capuchinhos, de recorrer a esse benemérito Fr. Caetano, e na tarde de 5 de Maio de 1850 chama Fr. Caetano, expõe-lhe a situação critica da provincia, expõe-lhe a impossibilidade em que estava de combater aquella amotinação sem muito derramamento de sangue, tanto mais quanto outros grupos se reuniam em outros pontos da provincia. Fr. Caetano, apenas ouve o presidente da provincia, marcha para o lugar, só e desacompanhado, tendo apenas sobre seu peito o condão da sua força, a imagem do Crucificado e a sua roupeta de capuchinho; chega ás proximidades do Páo d'Alho á noute, onde se acham enguerrilhados centenaes de homens armados, com as mais sinistras intenções; e ahi, só, fiando-se na palavra evangelica, mostra-lhes o erro em que se acham e lhes aconselha a depõem as armas. Depois de alguma hesitação, hesitação que augmentou, porque neste interim, e contra a vontade do capuchinho, appareceu um grupo de força armada, mandada pelo

governo, elle obteve o triumpho que a Cruz sempre costuma obter.» (1)

« Ao romper da aurora do dia 6 de Maio, estav o nosso Pedro eremita no meio de mais de seis mil homens, com as armas em funeral (como signal de paz), e a sua voz religiosamente obedecida! Tirou-lhes as armas, converteu seus preconceitos em verdades uteis, e pôz todos os amotinadores mansos como cordeiros, fazendo-os carregar páos, pedras e tijolos, com cujo material restaurou, em dezenove dias, duas Igrejas, a do Rosario e a de Santa Thereza! Queimou armas e fez restituir muitos clavinotes ao arsenal. Quebrou milhares de pontas de facas e restabeleceu no seio da população a confiança e a ordem normal.» (2)

Agradecido, o Snr. Victor de Oliveira officiou immediatamente, arbitrando para Fr. Caetano a quantia de 8 contos de réis. Os serviços do humilde frade não podiam ser pagos a preço de ouro, e elle respondeu á Assembléa Provincial, grato pelo testemunho de apreço e recusando a quantia.

Ainda haverá quem pergunte: Para que servem os frades? Haverá, sim! E os mesmos homens que recorrem ao auxilio dos capuchinhos nas horas criticas

---

(1) *Annaes da Camara dos Deputados*, Sessão em 13 de Abril de 1864, discurso do Snr. Figueiredo.

(2) Obra citada, pag. 74—75.

« Viva a Divina Misericordia! Esta manhan, pelas 9 horas do dia, viajando do Páo d'Alho cheguei neste engenho do Sr. . . Apenas lhe dei o nome da Paz do Senhor, correspondeu-me com a maior satisfação, e fazendo chegar todos que empunhavam as armas, á minha presença as depuzeram.» Carta de Fr. Caetano ao Presidente de Pernambuco, datada de 8 de Maio de 1848.

para a patria, não trepidarão em insultal-os, em perseguil-os aberta ou hypocritamente, em expulsal-os até, para extirpar da face da terra o *cancro do clericalismo*.

O clericalismo, eis o inimigo! bradam. Por isso, pugnarão pela confiscação dos bens das Ordens Religiosas, e reivindicarão em pleno Parlamento, aos applausos de maioria tão servil como ignara, a extinção das mesmas.

Para que servem os frades? Pergunta estulta, e digna de quem a faz. Responda a historia da civilisação moderna! Responda a historia inteira do Brasil, e os annaes hão de attestar o quanto elles têm feito em pról de nossa patria! (1)

## V

Epopéia assombrosa!

No Limoeiro, Fr. Caetano reparou com 600\$000 a matriz, cujas obras foram orçadas em 2:000\$000.

Em Bom-Jardim, conseguiu pôr o Pastor á testa do rebanho, que se achava acéphalo.

No Brejo da Madre de Deus, a 6 de Outubro de 1852, fez o assento solemne da primeira pedra de um templo com a invocação de Maria Immaculada.

Em Cimbres, como que reconstruiu um templo novo, além de levantar um cruzeiro, unir grande numero de concubinados, chrismar 3,226 pessoas, e instituir a sublime devoção do Mez de Maria. Des-

---

(1) Vid. Documento, n. 3.

pendeu com o templo apenas 1:700\$000, sendo a obra depois avaliada em 12:000\$000.

Em Papacaça, onde reinava a maior anarchia moral e intellectual, causada pela indiferença pelas cousas da Religião, instituiu um collegio para as orphans desvalidas, com proporções taes, que bem póde dar asylo a 400 educandas. « Pensamento gigantesco, que entrou no coração de todo o povo e que só podia ser concebido e executado pela caridade inextinguivel de um Fr. Caetano! E, (cousa admiravel!) só dependeu a execução da obra gigantesca da manifestação do pensamento de seu auctor, porque o enthusiasmo subiu a ponto de virem pessoas de vinte e trinta leguas prestar seus serviços em pról do monumento, que, como memoria de sua passagem, lhes queria deixar o amigo extremoso, que em tão longa distancia os fôra procurar.» (1)

Além do collegio, erigiu um templo, sobre uma base de 150 palmos de comprimento e 44 de largura, com a invocação de Nossa Senhora do Bom-Conselho, a quem já havia dedicado o collegio. Traçou e levantou doze propriedades, formando tres ruas, que denominou Santa Agueda, S. Veronica Juliani e S. Caetano, «para servir de patrimonio ao collegio, juntamente com duas fazendas de trezentas vaccas, que lhe offertou o povo e que elle reservou á sustentação e ao decôro dessas victimas furtadas, talvez, ao ferrete ignominioso da prostituição.» Encanou as aguas, levantou aqueductos e fez dous açudes.

Não se descuidava, pois, dos melhoramentos materiaes, e ao passo que elevava os costumes abatidos,

---

(1) Obra citada, pag. 77.

satisfazia ás necessidades phisicas das povoações. O que negava o governo, embebido na fraude e na corrupção para dominar pelo terror, conseguiu-o sempre Fr. Caetano pela doçura e pela unica arma de sua palavra, branda como o Evangelho, forte como o trovão.

Em Buique, levantou a matriz, erigiu um espaçoso cemiterio e chrismou 2,924 pessoas.

Seguiu para Ingazeira, onde levantou um cruzeiro, creou um patrimonio para a Igreja de S. José e formou um açude.

Em Pejeú de Flôres reparou a Igreja das Varas, e em 9 dias edificou um grande cemiterio com 40 palmos de fundo e 50 de largo, abolindo destarte o costume dos enterros nos templos, fonte de muitos males, e instituiu a devoção do Mez Mariano.

Na povoação da Baixa Verde missionou 7 dias, e d'elle dizia o respectivo Vigario, em 27 de Dezembro de 1853 : «Empenhou-se na factura de um açude, que de ha muito se havia principiado, e, não concluindo pela sua pequena demora, deixou-o em bom pé, fez-lhe um grande paredão, formando uma excellente caixa, que com mais algum pequeno serviço será uma das melhores obras neste genero pelo centro, dando-lhe uma grande importancia, pois muito sentia a falta de semelhante obra.» Effectuou 68 casamentos, 105 baptisados, a 112 applicou os Santos Oleos e chrismou 5,406 pessoas.

A restauração do culto catholico na Igreja do Collegio, outrora pertencente aos Jesuitas, expulsos iniquamente do teritorio Brasileiro pelo famigerado Marquez de Pombal, de ominosa memoria, (1) em

---

(1) Lêr no magnifico livro do grande catholico *Paulo Féval*, *Jesuitas!* o como e o porque D. Sebastião de Carvalho e Mello,

consequencia dos Alvarás de 19 de Janeiro de 1759 e 25 de Fevereiro de 1760, foi mais uma corôa de louros que cingiu a fronte do ingente missionario. Difficil fôra descrever com exactidão o estado de ruinas a que estava reduzida a casa do Senhor, transformada em cocheira e alvo das maiores profanações e de toda casta de sacrilegios!

« O coração catholico gemeu, mas afinal o Supremo Consolador encarregou-se do remedio e foi elle mesmo habitar no templo abandonado, para que o christianismo alcançasse um esplendido e primoroso triumpho. . . No dia 8 de Setembro de 1855 effectuou-se a reconciliação do templo, que havia sido entregue á irmandade do Divino Espirito-Santo, e no dia immediato fazia nelle sua entrada magestosa o Divino Paraelyto, processionalmente conduzido.

« Estava então á testa da administração da provincia o Exm. Sr. Conselheiro Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, que de bom grado e com louvavel satisfacção acolheu os votos pios da provincia que em peso se regosijava pela benefica restauração.

« E Fr. Caetano de Messina, o missionario incansavel, que nunca se esqueceu de trabalhar na reproducção dos talentos, que lhe haviam sido confiados; o capuchinho benemerito, que com a unção de sua palavra e com a força moral de seu cajado sabia converter as balas em pedras, a polvora em arêa, cal

---

Conde de Oeyras e Marquez de Pombal, tentou exterminar, em Portugal e suas possessões, a invicta Companhia de Jesus. O ferrete da Historia já estygmatisou o miseravel «Tartufo-Tigre, que escapou á Molière,» mas que não pode furtar-se ao brado da consciencia humana indignada.

e barro, as facas, os estoques e os bacamartes em outros tantos instrumentos para a erecção dos templos e dos cemiterios; o varão illustre, que sempre o governo achou no caminho da paz para trabalhar em prol do gremio social, abafando o germen das revoltas e muitas vezes extirpando mesmo raizes, que já começavam a vigorar, foi por assim dizer a alma que animou e conseguiu essa restauração; foi elle que empenhou-se com o Exm. presidente de então e que por outro lado fortaleceu a irmandade, que considerava a empreza superior ás suas forças. «Nem tão pouco me esquecerei de recommendar á vossa gratidão o mencionado Revm. Padre prefeito do hospicio de Nossa Senhora da Penha, que tão assignalados serviços nos prestou, já empenhando-se pelo bom exito da nossa pretensão, já esclarecendo-nos com os seus prudentes e luminosos conselhos, e já finalmente excitando o povo a concorrer com as suas esmolas para as obras desta Igreja.» Eram essas as palavras do juiz dessa irmandade em seu relatorio á mesa regedora. E o que mais poderia fazer o illustrado capuchinho? Esse serviço só por si seria bastante para tornar immorredoura a memoria de Fr. Caetano de Messina, si com outros não formasse elle a bella corôa de gloria do benemerito missionario.» (1)

## VI

Era a presença do missionario reclamada em Papacaça, para dar andamento á obra tão magnificamente encetada da regeneração do povo. Para lá seguiu

---

(1) Dr. Joaquim Guënes da Silva Mello, obra citada, pag. 80—81,

a 25 de Setembro de 1856, desembarcando a 28 na Villa do Passo de Camaragibe, na qual, inesperadamente, demorou-se 7 dias, missionando, e effectuando 70 casamentos de amancebados, muitos baptisados, um perdão geral entre inimigos e a erecção de uma capella de Nossa Senhora do Bom Conselho, de 20 palmos em quadro dentro do cemiterio, que estava quasi entregue ao desprezo. Substituiu a forte cerca, que fechava o cemiterio, por um muro de pedras, mandando fazer e logo collocar uma grande cruz na frente do portão da entrada, e mais quatro pequenas para os quatro cantos do cemiterio, e assentou no adro da Igreja da Villa um grande e bonito cruzeiro, não se esquecendo de calçar de pedras o pateo da mesma Igreja, com o auxilio de todo o povo de ambos os sexos.

Missionou, em seguida, 3 dias, no engenho do Gavião, onde levantou um cemiterio e deixou quasi promptos os alicerces de uma Igreja de 80 palmos de fundo e 40 de largura. Missionou, depois, no engenho Frecheiras, 2 dias, e benzeu um cemiterio e abriu os alicerces para um templo de 100 palmos de fundo e 40 de largo.

Em Muricy, receberam-se em casamento cerca de 70 amancebados, levantou-se um bellissimo cemiterio tapado e coberto de telhas, com a respectiva capella de 20 palmos em quadra, sob a invocação de Santa Thereza, e fizeram-se os alicerces de um novo templo de 80 palmos de fundo e 40 de largura, deixando o frade 1:700\$000 de esmolos.

Missionou em Capellas e na Villa d'Assembléa onde casaram-se mais de 40 amancebados, e deixou reunido o material sufficiente para a erecção de uma Igreja e murar todo o cemiterio.

Em Quebrangulo missionou mais de uma semana, e fez casarem-se perto de 50 amancebados, confessarem-se milhares de penitentes, o povo carregar 50 linhas pesadissimas para a cobertura da Igreja, e muita arêa e pedras para as paredes do corpo da mesma, levantar-se annexa á nova Igreja uma capella de 30 palmos de fundo e 20 de largura: beneficios estes, e muitos outros, confessados oficialmente em officio de 20 de Dezembro de 1859, pelo então presidente das Alagôas, o Sr. Conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.

Só então foi que poude Fr. Caetano seguir seu caminho. Chegou a Papacaça em 9 de Novembro, levando processionalmente a Protectora do Collegio, e abriu a missão a 16.

« A comarca de Garanhuns, com a regeneração e os desenvolvimentos da freguezia de Papacaça, contrahiu uma divida, que jamais poderá pagar, á não ser abraçando-se sinceramente com a fé e espargindo com profusão todas as flôres da caridade catholica, porque, podemos dizer sem temor de erro, o acontecimento de Papacaça constitue um dos estrondosos triumphos do catholicismo em Pernambuco.

« Durante a sua estada nesse lugar, que demorou até 20 de Abril, o diligente apostolo concluiu as obras do collegio do Bom Conselho, faltando apenas ladrilhar e caiar, para o que deixou 35 a 40 mil tijolos, 5,000 de alvenaria grossa, 10,000 telhas para em tempo proprio retelhar todo o estabelecimento, e a quantia de 586\$850, levantou em 36 horas um cemiterio com 200 palmos em quadro e dentro d'elle erigiu um formoso templo de 60 palmos de comprimento e 30 de largura, assentou a primeira pedra

6

da grande matriz, fez levantar no pateo da matriz um chafariz, puxando uma penna d'agoa para o collegio, e para completar a sua mimosa corôa de gloria nesse lugar, celebrou alguns actos da Semana Santa, aos quaes concorreram perto de quarenta mil pessoas. (1)»

Proseguindo em sua gloriosa missão, Fr. Caetano percorreu, em Outubro de 1859, os sertões de Pernambuco: demorou-se 2 dias na freguezia da Luz, onde reconciliou muitos inimigos, baptisou 104 pessoas, confessou cerca de 1.000, casou 80 concubina-dos, erigiu um novo cemiterio de 100 palmos com a capellinha respectiva e um grande cruzeiro, e deixou quasi 1:000\$000.

De Tabocas seguiu para a freguezia da Gloria de Goitá, onde missionou 10 dias, desde 15 de Outubro. Casaram-se 200 amancebados; baptisou-se numero igual de pagãos e commungaram quasi 2.000 pessoas; desapareceram as inimidades e os odios ao sôpro pacificador da palavra evangelica. Após tantas obras de misericordia, o frade erigiu um cemiterio de 200 palmos quadrados, com a sua capella, dedicada a Santo Urbano, e fez um grande açude com 32 palmos de profundidade e 200 de baldo.

Em Nazareth, deixou um cemiterio de pedra e cal, com 300 palmos em quadro, em cujo centro assentou a formosa Igreja de S. Sebastião, benzendo-a no dia 26 de Novembro daquelle mesmo anno.

---

(1) Obra citada, pag. 82—84.

Os prodigios de Papacaça foram operados, como veremos mais adiante, tambem em Taubaté.

A 29 seguiu para Vicencia, e alli erigiu um templo de 90 palmos de fundo e 40 de largura, e um cemiterio de 150 palmos quadrados, com o competente altar.

## VII

Pedimos vénia para a transcripção assáz extensa, á qual imos proceder, do quadro de uma das Missões que sóem fazer os capuchinhos da Penha. Extrahindo-a da obra do Sr. Dr. Joaquim Guennes da Silva Mello, o qual, por sua vez, deve-a ao Rvdm. Vigario de Nossa Senhora da Luz, repetiremos as palavras com que as acompanha o illustrado auctor, cujo livro nos tem servido de pharól luminoso e guia seguro nesta narração das Missões de Pernambuco:

« . . . Uma razão apenas leva-nos á não subtrahirmos esse tocante e pathetico quadro á justa admiração dos que não tiverem presenciado ou ouvido narrar: provar a maravilhosa influencia da fé explicada pelos missionarios da Penha, sempre sollicitos em derramar com a maior profusão as mais santas verdades, e ostentar todo o brillantismo das bellezas do catholicismo, e demonstrar á luz da mais clara evidencia o patriotismo arraigado, que anima seus corações bondosos. As palavras dissonantes proferidas em 1864 no Parlamento brasileiro, constituem outra razão poderosa para á isso nos decidirmos. » (1)

« Quando julgavamos o Rvm. Fr. Caetano ainda em Vicencia, eis uma noticia que o dava em Tabo-  
cas! No dia immediato, 9 de Janeiro, em companhia

---

(1) Obra citada, pag. 86.

das pessoas as mais gradas e ricas da freguezia, fomos á cumprimenta-lo. E com effeito, a noticia, que ha tempo grassava, de estar este missionario mui debil era exactissima, pois o achámos mais abatido, e logo lhe recommendei toda a moderação e prudencia em fugir da prégação e cuidar de sua saúde ameaçada.

« Mas que cousa nos havia de responder ?

« Ah ! Sr. Vigario, eu hontem cheguei prégando e « esta manhan (6) tambem préguei. O bem do povo « assim o exige e eu assim o cumpro : e quando « morrer, Deus hade ter compaixão da minha pobre « alma. » — E manifestando-me o motivo porque pré- gava, calei-me, rendi graças á Deus, e comigo disse: — tudo vem dirigido pela mão de Deus, e Fr. Caetano é o instrumento da paz do Senhor em Pernambuco . . .

« No domingo seguinte (16 de Janeiro) voltei á Tabocas para assistir com muitos dos meus freguezes á santa missão ; e desta vez pedi-lhe que se demorasse em nossa freguezia até 2 de Fevereiro, não só para instruir os povos, que tanto apreciavam a sua palavra, mas para assistir na matriz á festa do Orago n'aquelle dia 2. Desta vez só consegui promessas frias. Mas eu que conhecia o character serio daquelle fervoroso e santo varão, e que tornaria a solemnidade do dia 2 de Fevereiro mais pomposa, tornei á instar pela segunda vez, mas ainda essa vez respondeu-me com maneiras que julguei não viria : fiquei tristissimo. Mas a Virgem Santissima Senhora da Luz é quem queria neste anno Fr. Caetano para ornato de sua grandeza no seu dia. E eis que no dia 27 de Janeiro recebi pela mão de um parochiano uma carta do missionario, dizendo-me que

tendo muito ponderado em meu convite, tinha-se determinado a vir á festa em qualidade de missionario, isto é, trazendo consigo o povo, que das differentes freguezias tinha-se reunido para ouvir a divina palavra.

« Esta carta encheu-me de um extraordinario prazer, e os povos sabedores da resolução incendiaram-se de santa alegria, e á porfia cada qual se adiantava ao seu encontro e sem reserva, todos á pé, para verem o seu querido Fr. Caetano.

« Ora, quando no domingo (30 de Janeiro) estava para entrar a missa conventual, correu a seguinte noticia — « *o povo da missão de Tabocas está pertinho da povoação, abrindo e aplainando os caminhos.* » — Com effeito, nas duas legoas da estrada, que dista de Tabocas á Luz, estava em todos os pontos e direcções occupada de enchadas e fouces, sob a direcção do Illm. Sr. capitão Manuel Carneiro de Albuquerque, sendo nomeado por elle missionario director em chefe do povo de Deus, destinado á alargar e aplainar a estrada por onde havia de transitar o povo de Israel, carregando a Arca-Santa na alta madrugada do dia 2 de Fevereiro.

« E' impossivel acreditar sem ver quanto ficou rica e bella a estrada de Tabocas á Luz, chamada hoje pelo missionario — *a estrada do Bom Conselho* — Bem-dita seja para sempre a palavra divina, que só sabe obrar taes prodigios! E quando nós teriamos estrada? Chegada a tarde do dia 1<sup>o</sup>, tempo determinado de reunir-se o povo em Tabocas, eis que de todas as partes convergiam povos e familias, munidas de bandeirolas brancas, velas, faixas e ramos verdes, no lugar da santa missão em Tabocas.

« Pelas 9 horas da noute, a musica marcial, vinda de Páo d'Alho, foi entretendo e alegrando o povo no monte Tabocas, onde outr'ora os celeberrimos Henriques Dias, Camarão e João Fernandes Vieira tinham, ao som das trombetas, derrotado o protestante hollandez.

« Ao dar meia noute, eis de novo no pulpito e collocado o Rvd. missionario entre os dous andores (riquissimamente ornados) de nossa Senhora da Luz, da capella de Tabocas, e da Senhora do Bom Conselho. Disse-lhe que não inventava, mas que pretendia repetir e imitar o modo e maneira com que Moysés guiára o povo de Israel no deserto, quando as 12 tribus acompanhavam ao som das trombetas a Arca-Santa, desenvolvendo com a clareza, que lhe é propria, a historia de Moysés, de Pharaó e dos 12 filhos de Jacob, origem das 12 tribus que compunham o grão povo de Israel.

« Fallou com tanta unção e eloquencia do clarão, que de noute allumiava o povo de Israel, acampado no deserto, que o cercado do engenho Tabocas, da mesma maneira coberto de povo como aquelle acampamento, era tornado a penha de Oreb, que ferida pela vara de Moysés, manava aguas vivas que alegravam o sequioso Brasil. Prégou elle quasi uma hora, e na força do maior entusiasmo apresentou 12 bandeiras, e disse: « Representam as 12 tribus, e as  
« sim como havemos de viajar até a Luz em bôa  
« ordem, paz e santa alegria, passamos á nomear os  
« chefes :

« Por varão porta-bandeira da 1ª tribu de Judá ao  
« Illm. Sr. capitão José Ferreira Gomes. O povo  
« destinado para representar esta tribu de Judá é o  
« povo da povoação da Luz.

« O 2.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Ruben  
« é o Illm. Sr. capitão Francisco Antonio Cabral de  
« Mello. O povo, que representa esta tribu, é o povo  
« de Tabocas, que aqui nestes montes bateu, venceu  
« e derrotou o exercito do protestante hollandez.

« O 3.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Gad é  
« o Illm. Sr. capitão Antonio Vicente Ferreira Cha-  
« ves. O povo, que representa esta tribu, é o povo  
« de S. Bento.

« O 4.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Azer é  
« o Illm. Sr. capitão Manuel Carneiro de Albuquer-  
« que. O povo, que deve representar esta tribu, é  
« o povo de Nossa Senhora dos Remedios.

« O 5.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da 5.<sup>a</sup> tribu de Ne-  
« phtali é o Illm. Sr. capitão Francisco José Moreira  
« da Costa. O povo, que deve representar esta tribu,  
« é o povo das partes do engenho Covas.

« O 6.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da 6.<sup>a</sup> tribu de Ma-  
« nassês é o Illm. Sr. commendador Manuel Lucas  
« de Araujo Pinheiro. O povo, que deve represen-  
« tar esta tribu, é todo o brasileiro de qualquer pro-  
« vincia, que seja, do imperio da Santa Cruz.

« O 7.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da 7.<sup>a</sup> tribu de Si-  
« meon é o Illm. Sr. capitão João de Azevedo Araujo  
« Pinheiro. Esta tribu deve representar nessa so-  
« lemnidade o povo da freguezia de S. Lourenço da  
« Matta, de presente vindo para a procissão.

« O 8.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Levi é  
« o Illm. Sr. capitão João Dias Carneiro de Albu-  
« querque. O povo, que deve representar Levi, é  
« o povo vindo da freguezia de Santo Antão.

« O 9.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Isacar é  
« o Illm. Sr. capitão Joaquim do Rego Barros Pes-  
« sôa Junior. O povo, que deve representar esta  
« tribu, é todo o povo vindo da freguezia de Páo  
« d'Alho.

« O 10.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Zabulon  
« é o Illm. Sr. capitão José Ferreira Daltro. O povo,  
« que deve representar esta tribu nesta solemnidade,  
« é o povo limitrophe da Luz com Jaboatão.

« O 11.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Joseph  
« é o Illm. Sr. capitão Antonio Francisco da Costa.  
« O povo, que deve representar esta tribu nesta so-  
« lemnidade, é o povo vindo da freguezia da Gloria.

« O 12.<sup>o</sup> varão porta-bandeira da tribu de Ben-  
« jamim é o Illm. Sr. Dr. João Antonio de Souza de  
« Araujo Pereira Beltrão. O povo, que deve repre-  
« sentar esta tribu, é o povo de minha querida fre-  
« guezia de Tracunhãem e mais lugares da provincia  
« aqui nesta noute presente. »

« Logo que os varões porta-bandeiras estavam cada  
um com o seu povo destinado, o Rvd. missionario  
entregou o crucifixo ao Rvd. capellão de Tabocas,  
Fr. Alberto de Santa Augusta, da ordem carmelita,  
á sua direita collocou um innocente com a bandeira  
de Maria Santissima e á esquerda do crucifixo a  
bandeira nacional, para assim seguir em frente da pro-  
cissão, conduzida pelo Illm. Sr. Dr. João Severino  
Carneiro, subdelegado da freguezia da Luz, e assim  
marchou em frente da procissão o crucifixo.

« Logo que tudo estava assim disposto, e já era  
mais de 1 hora depois de meia noute, no meio de

5 ou 6,000 luzes de velas e fachos, começou á desfilhar o grão povo (permitta-se dizer) em melhor ordem que no dia de grande parada marcham os militares ao som da musica. Oh! Religião Santa, Catholica Romana, de quanto és tú capaz!

« Desfilada a procissão na ordem das 12 tribus, o Sr. academico Virginio e encarregados receberam o andor da Senhora da Luz. Atraz deste andor postou-se a musica militar. Distãnte 12 passos seguia o Rvd. missionario, mandando conduzir a Senhora do Bom Conselho pelas senhoras mais distinctas: e si bem que as mulheres nestas occasiões são ardentissimas, era tanto o respeito que lhes infundia o pacifico missionario, que não brigaram, mas com suas velas accesas e bandeiras, com mil. differentes canticos, todas á pé, como os homens, acompanharam a Virgem do Bom Conselho. Seria um não acabar si eu agora quizesse descrever o bellissimo e edificantissimo effeito que faziam os innumerados foguetes, as luzes e os canticos em alta madrugada e no meio dos montes!.. Todos admirados diziam: ah! que grandeza! nunca mais se verá outra igual! Só a nossa Religião Catholica é capaz de tantas cousas!

« Eu mesmo fui ver para admirar, quando principiava á entrar nesta povoação ás 4 horas da madrugada a procissão, e collocando-me com os companheiros, o Rvd. Fr. Moura, prégador da festa, e o Rvd. Felix José Moreira da Costa, todos paramentados e com a irmandade alli na entrada, d'onde se avistava ao longe, com effeito luzia em todo aquelle caminho uma fita de fogo tremulante com raios de fogo do ar, desde a povoação até o alcance de nossas vistas; e incessantemente entrava em fileira, até que

às 5 horas chegaram á entrada os andores com todo o esplendor, ordem e alegria da Luz.

« Eu de capa de asperges e os companheiros fomos á encontrar as santas imagens e o Rvd. missionario, e apenas elle nos avistou, clamou vivas á Santa Religião Catholica, á Senhora da Luz e do Bom Conselho, ao Imperador e ao povo de Israel reunido na Luz, cujos vivas no meio de uma tormenta e ribombo de fogos, que subiam aos ares, no meio de milhares de bandeiras brancas e ramos verdes, que tremulavam nas mãos de todos, foram correspondidos como o povo de Israel fazia, quando pousava a Arca Santa depois de sua jornada no centro dos acampamentos.

« Chegado o Rvd. missionario ao pulpito por mim preparado no centro da povoação, ahi subiu e fallou com toda a energia, eloquencia e doçura. Expoz com a doutrina o fim de sua chegada para assistir á festa da Senhora da Luz no dia 2 de Fevereiro, antes de romper o dia, com velas e fachos accesos, para assim imitar o fim e a maneira com que a Igreja Catholica Romana houve por bem inventa-la; pois si em 1498 (dizia elle missionario) o romano pontifice de nome Gelazio instituiu a festividade da Purificação para rebater em Roma ainda a lembrança das antiquissimas festas deshonestas das divindades Luperções, que começavam no principio de Fevereiro; Sergio Romano, pontifice, para contrariar os fachos accesos em honra das Luperções, poz nas mãos dos christãos uma vela accesa para o povo processionar neste dia em honra da Purificação de Maria—da Igreja de Santo Adriano á Igreja de Santa Maria Maior.

« E depois de ter evidentemente provado que o *fiat lux*, quando Deus fez a luz na criação do mundo, tinha custado menos á Divina Omnipotencia do que quanto custou a SS. Trindade crear a luz de Maria . . .

« Ah ! só um tachigrapho poderia apanhar tudo do eloquente orador, dizer a profundeza do argumento ! toda a belleza do argumento ! E quando á este modo de fallar o povo parecia extatico . . . o missionario concluiu :

« *Eu, eu indigno sacerdote, te saúdo, ó dia faustissimo, 2 de Fevereiro !*

« *Bemdicto és tu, anno de 1859, em a serie dos annos de todos os seculos !*

« *Bemdicto és tu, ó povo de Deus, que para honrar a luz de Maria, marchaste comigo a pé nesta santissima noute !*

« *Bemdicto neste dia o romano pontifice, o imperador do Brazil, o povo pernambucano, o povo da Luz !*

« O povo ficou á estes modos do missionario tão insinuante, tão electrizado, que uns tremulavam as bandeiras, outros os ramos verdes, todos levantaram as velas accesas e diziam :—Viva a Santa Religião Catholica, viva o Imperador, viva o seu Governo, viva o nosso amabilissimo missionario !..

« No tempo do maior alarido santo deste povo, o missionario clamou com voz sonora e doce :— *Povo basta, basta, de joelhos !* — Grandeza do poder de Deus ! foi de pancada todos em terra de joelhos !— *Povo, vamos á missa, canta o bemdicto de Nossa Senhora da Luz !* E logo entrou a missa. A musica militar desempenhou algumas peças durante a missa. Acabada a santa missa, o missionario disse ao povo :

*Em o mez de Outubro aqui fizemos o cemiterio — Repouso de S. Francisco — ; é justo visita-lo e orar ahi pelos defuntos.*

« Em o tempo que todos foram alli ao cemiterio, as mulheres pobres foram receber uma ração de carne verde de 10 bois no engenho Collegio, que os caridosos chefes das 12 tribus puzeram á disposição do missionario.

« Apenas deu suas ordens para tudo marchar, desceu do pulpito, e acompanhado dos 12 porta-bandeiras e povo, entrou no cemiterio, alli fez uma tocantissima pratica, que fez derramar muitas lagrimas, e sahindo foi em direitura á matriz, e depois de ter feito suas adorações, se foi recolher na casa por mim preparada para elle e seu sachristão. Quando eram 10 horas, eis o padre missionario em nossa casa, dizendo-me : — *Moysés não pôde deixar de visitar o seu irmão Arão, que hoje deve offerecer pro populo. Respondi-lhe Irs. R. R. como Deus me ajudou, pois uma surpresa igual eu não esperava.*

« A's 11 horas entrou a festa, eu fui o presidente, o Rym. missionario quiz assistir ao lado da epistola, e foi tal o respeito que sua presença infundiu, que todo o povo ficou quieto como estava. Acabou-se a festa pelas 2 horas da tarde, e, pouco depois, quando eu julgava que aquelle santo varão repousava um pouco, vi sua porta apinhada de centenaes de mulheres e homens para serem benzidos, o que durou até 6 horas, quando fomos convida-lo á ir á matriz receber o pallio, mais respondeu-nos que elle queria formar a procissão na melhor ordem que podesse.

« Com effeito, em menos de 10 minutos, quando sahiu a procissão, todas as mulheres faziam ala ao

lado direito em linha recta, e todos os homens faziam ala á esquerda, e isto assim formava duas fileiras até o fim da povoação, com a extensão de 1,500 passos, ficando 4 braços de centro para caberem os andores, pallio, irmandade e musica; assim, pois, dirigiu-se a procissão até o fim da rua, permanecendo naquella ordem todo o povo de joelhos em seus lugares, até que voltou por ordem do Rvm. missionario, o qual durante essa solemnidade estava em vigia.

« Quando voltava a procissão, que vista brilhante! pois todo o povo, em numero seguramente de 7 á 8 mil pessoas em ambos os lados, estava com suas velas e archotes accesos; e quando o SS. Sacramento estava no centro do povo, o Rvd. missionario exclamou: — «Povo, elevai as vossas velas tres vezes, e tres vezes em honra ao SS. Sacramento batei a terra com as vossas bandeiras. » Que espectaculo! pois parecia um exercito angelico em cumprimento dessa ordem. Fez e causou tanta admiração essa cerimonia, que todos diziam: — Nunca mais em nossa vida havemos de presenciar cousa tão maravilhosa! Chegando eu com o SS. Sacramento á porta da Igreja, e o povo ainda occupava a sua posição, o Rvd. missionario disse, estando ajoelhado no centro da procissão: — «Povo, baixa a cabeça e as bandeiras para receberes a benção do SS. Sacramento!» Ah! Religião do Cordeiro! tu só podes obrar destas maravilhas!

« Recolhida a procissão, o Rvd. missionario subiu ao pulpito onde elle prégava, e em quanto solemnisavamos na matriz com sermão o *Te-Deum*, elle mandou conservar o povo em seus lugares no mais perfeito silencio, mandando cada um rezar um terço.

« Quando elle viu que era tempo de se tirar a bandeira, e nós, sacerdotes, irmandade, musica e povo sahiamos da Igreja para este fim, mandou que immediatamente o povo da rua accendesse suas velas, e á esta vista pensavamos estar no paraizo, pois as tantas velas e fachos accesos, bandeiras brancas, musica militar pareciam um effeito do paraizo !

« Logo que findou este acto, o Rvd. missionario mandou que o povo fosse descansar e dormir, mas que ás 3 horas da madrugada, ao signal da torre, todos acudissem para marchar da mesma maneira como vieram. Todos obedeceram, e dentro de uma hora o grande pateo estava deserto.

« Quando deram 3 horas a torre repicava, os fogos subiam e acordavam o povo de Israel. Mas quão maravilhoso é Deus com o seu povo israelitico ! Pois veiu uma chuva, e parece que foi como agua tirada por Moysés no deserto quando a chamou as aguas da contradicção. A esta chuva o povo de Israel resistiu á pé firme, e alargando-se um pouco o Rvd. missionario, mandou accender as velas e fachos, e servindo-se do texto : — *Qui elucidant me vitam æternam habebunt* — aquelles que me esclarecem terão a vida eterna, fallou com tanto vigor, dizendo que no sangue dos Brasileiros corria igualmente o sangue de Jacob, e que o povo pernambucano, como legitimo israelita nas montanhas de Tabocas, déra nesta provincia a primeira batalha de morte aos protestantes hollandezes, e que Pernambuco tem uma pagina na historia, que lhe faz honra neste sentido, fallou emfim com tanta unção e força, que só o tachigrapho poderia apanhar o seu bello discurso.

« Apenas acabou o sermão, saudando e elogiando á Religião Catholica, ao Imperador, á provincia e á Luz, disse: « Marche a primeira bandeira e em seguida cada uma por seu turno, como vieram », e no fim dos homens marchou o andor, e logo seguiram as mulheres com outro andor, e todo o povo com velas e fochos accesos, e firmes supportavam nova chuva que cahia: assim fez segunda jornada o Moy-sés atraz do seu povo, dando o mais bello espectáculo e contentamento, cercado de luzes, de fogos do ar, repiques e musica. Assim acabou o santo varão a sua retirada da Luz, entrando na risonha manhan do dia 3 de Fevereiro, pelas 7 horas, no cercado do engenho Tabocas, com a mesma solemnidade e povo, em numero de 7 á 8 mil pessoas.

« Permitta-se-me ainda dizer o que se deu na entrada e despedida da procissão na capella de Tabocas. O grão-povo apresentou-se em duas alas, tendo á frente os 12 porta-bandeiras. O pulpito era collocado distante um tiro de peça da segunda trincheira onde o celeberrimo João Fernandes Vieira e seus companheiros derrotaram na primeira batalha o protestante hollandez.

« O Rvd. missionario subindo ao pulpito recebeu os dous andores e os collocou no mesmo lugar d'onde tinham sahido, e levantando a mão com um ramo verde, disse: — Este galho verde é o signal da victoria que vossos pais conseguiram para sustentar a Religião Catholica e o legitimo monarcha. Nós agora não viemos de uma sanguinolenta batalha, mas viemos de uma solemne romaria e procissão da povoação da Luz, para assim rememorar os bellos dias dos vossos pais, que ainda se conservam em vós,

dignos netos. Tomando a bandeira nacional n'uma mão e na outra o painel da Senhora do Bom Conselho, disse: — *Justitia et pax osculatae sunt.*

« A Religião e o Imperador se abraçam. Aqui fallou tanto dos direitos inauferiveis da Religião e da Corôa, de que accordo hão de felicitar os povos, que por sem duvida ficaram suas palavras inoculadas nos animos dos ouvintes. E mandando a musica tocar o hymno nacional, encheu-se de enthusiasmo e força, dizendo: « Povo, sabes tu o que se toca?

— E' o hymno nacional. Mas tu, o que estás dizendo no teu coração? Senhor das misericordias! salvai para sempre nós Brasileiros e a Religião Catholica Romana! Senhor, Rei dos reis e dominador dos povos, conservai a preciosa vida do immortal Sr. D. Pedro II! Senhor de todas as riquezas, fazei prosperar, engrandecer e respeitar a nossa nacionalidade! Senhor, á sombra desta bandeira, conservai a paz, illuminai os povos, conservai o Brasil! »

« Depois seguiram-se os vivas, e neste transporte de tanta alegria, o povo enthusiastico no rigor do termo, tremulava as bandeiras e os ramos. Parecia que o Rvd. missionario por esta fórma insinuava o espirito outr'ora de nossos pais e religiosos militares, quando em derrota rechassavam os protestantes holandezes. Emfim, disse tanto com a sua voz forte e sonora, que elles todos acabaram chorando de alegria.

« Findou o acto antes de se repousar, mandando o Sr. Dr. João Severiano, que tinha a bandeira nacional, para a casa de vivenda do senhor do engenho o Sr. capitão Francisco Antonio Cabral de Mello, e o povo ainda acompanhou ao som da musica e ahi terminou tudo.

« No domingo de manhan o povo era em numero de 8,000 pessoas! cousa incrível! O Rvd. missionario logo ordenou que fossem abrir a pessima estrada que vai de Tabocas ao cemiterio dos cholericos, que dista meia legua. Logo se deram pressa homens, mulheres e meninos, e com effeito fez-se a estrada.

« Pelas 6 horas da tarde eis o Rvd. missionario em o pulpito, onde não estavam menos de 8,000 pessoas. Prégou sobre as tribulações, fazendo reflexões, e deu regras tão sublimes tiradas do Evangelho, que era impossivel não penetrar os corações; e na maior força da prédica disse: — « Amanhan os representantes dos cholericos venham ao cemiterio: os vivos todos quero eu dizer; pois alli no terreno do desengano quero despedir-me, e antes de ir-me, abençoar-vos. » — Aqui o povo chorou. — « Povo, não chores, disse elle; porta-te como povo de Páo d'Alho, e eu te conto como meu. Povo, não acredites em mentirosos especuladores que o governo brasileiro captiva... Povo, vem á Penha consultar-me quando os boatos te aturdirem. E si á Penha não poderes vir, recorre ao Rvm. Vigario desta freguezia que aqui está me ouvindo, ou ao Sr. subdelegado, ou a algum dos proprietarios de bons costumes e bem casado; e não consultes á amancebados e bebados, pois estes vivem sem conselhos, etc. etc. » Disse mil outras cousas.

« Quando davam 4 horas da madrugada do dia 7 o sino dobrava, e o grão povo, que dormia ao sereno, correu pelas 5 horas ao cemiterio. Alli o missionario disse missa pelos defuntos cholericos. E tomando por thema *mortuos non prohibeas gratiam*, (Eccl.)

fallou da existencia do inferno, do paraizo e do purgatorio. Pintou tanto ao vivo as penas dos fieis defuntos, que o povo se lavava em lagrimas. Quando o povo estava assim chorando, elle exclamou, mais ou menos nessas palavras, que mereciam ser escriptas em lettras d'ouro: — « Que fortuna! que felicidade é a de nós, Catholicos Romanos, acreditando nas penas do purgatorio e nas do inferno! Pois com este santo dogma, alliviando assás as penas das almas do purgatorio, fugimos do vicio, deixamos o peccado e evitaremos o inferno. Aqui, agora e em todos os dias venham os soberbos, aqui os avarentos, aqui os calumniadores, aqui venham as mulheres com as suas pontas e capelladuras, aqui os amancebados, aqui os ricos e grandes, pois aqui é o terreno da verdade. « Elevando-se em espirito, com lagrimas aos olhos, apanhamos-lhe mais esta divina exclamação:

« Oh! bemdita seja para sempre a Santa Religião Catholica Romana, Esposa unica e divina de Jesus Christo! Pois, apesar de tão duras e obstinadas guerras que te faz o protestantismo, ainda a fé e o dogma do purgatorio se conservam vivos e fortes entre estes povos! Oh! bemdictas sejam para sempre as almas de vossos pais! Pois si o protestantismo, negando a devoção de Maria Santissima e das almas, espiritualisa a materia e materialisa o espirito, sustentando a liberdade de consciencia, obscurece, confunde e nega todas as religiões, a Religião Catholica, penhor e herança de vossos pais, divinisa o espirito e modifica a materia, e, não transigindo com as ardentes paixões humanas, firme vos conserva na fé de Deus, esperançosos com o santo purgatorio e gloria promettida aos verdadeiros penitentes. Povo, basta de lagrimas: attende-me. Eu nestes tres dias

retiro-me da freguezia da Luz, pois necessita a minha saúde. Povo, eu te abenço a lingua, os olhos e os corações... » Oh! quantas lagrimas delle e do povo cahiram nessa occasião!... »

## VIII

Assim terminamos a succinta exposição dos factos mais salientes que marcaram a estada de Fr. Caetano de Messina em Pernambuco. Alli residiu regularmente pelo espaço de dez annos, desde a retirada de Fr. Placido. Obedecendo ao convite do commissario geral dos missionarios capuchinhos da Bahia, Fr. Fabiano, que estava em vespervas de seguir para a Europa, deixou a capital de Pernambuco em o dia 23 de Janeiro de 1860, e recebeu das mãos do referido commissario o sinête, no dia 27, dirigindo-lhe aquelle á quem elle ia substituir na autoridade, a seguinte falla :

« Nós exigimos a vossa ida para o Rio de Janeiro pelo bem geral da Ordem ; e depois de assumirdes o cargo, que ora vos transmittimos, podeis repartir a vossa residencia entre a capital do Imperio e Pernambuco. O bem da Ordem exige que Vossa Pater-nidade siga para o Rio : ide em nome de Deus. »

---



SEGUNDA PARTE



## SEGUNDA PARTE

### I

Chegado á Côrte do Rio de Janeiro, onde, de ora avante, ia fixar a sua residencia, não tardou ser confirmada a nomeação de Fr. Caetano de Messina na qualidade de Commissario geral e Prefeito dos Missionarios Capuchinhos no Brasil e na Banda Oriental.

Estava então em completa decadencia a Igreja de S. Sebastião, no Môrro do Castello. Muito, tudo fez Fr. Caetano, auxiliado poderosamente por seus companheiros, pela restauração d'aquelle templo catholico. E surgiu de suas ruinas, qual a phenix de suas cinzas, uma das mais bellas Igrejas que hoje adornam a Capital do Imperio. (1)

A' Fr. Caetano deve a memoria do fundador do Rio de Janeiro o ter sido arrancada ao esquecimento. Não fosse o capuchinho, tão çioso das glorias do

---

(1) Vid. Documento, n. 4.

Brasil, e ainda hoje em dia faltaria uma lapide á Estacio de Sá.

E quando grassava o cholera, extendendo por sobre o povo o seu manto de horrores, quem mais e melhor do que os frades do Rio desafiaram o terrivel mal, tomando conta dos hospitaes de cholericos e debellando, por toda classe de sacrificios, o contagio do flagello ?

Assim haviam elles procedido em Pernambuco, na Bahia e em Sergipe ; assim fizera Fr. Caetano, quando moço ainda, e dando seus primeiros passos na carreira que tanto devia engrandecel-o e legar o seu nome á posteridade, elle affrontava a peste na sua cidade natal.

Fiel á seus precedentes, continuou o papel glorioso desempenhado no Norte do Imperio, percorrendo, incansavel como a propria caridade e veloz como o vento, diversos pontos da provincia do Rio de Janeiro.

Destacam-se proeminentemente suas Missões em S. Fidelis, Vassouras e Campos. Passaremos rapidamente sobre os costumados triumphos do Apostolo moderno do Brasil, mesmo por serem mui deficientes os dados por nós colhidos á este respeito, no tão limitado espaço de tempo de que dispunhamos para levar á cabo a nossa obra.

## II

Em S. Fidelis, restaurou a Igreja. Mandou vir d'Italia as bellas imagens de S. Francisco, S. Miguel, Nossa Senhora do Bom Conselho, a qual era sua

especial Protectora, Nossa Senhora das Dôres e o glorioso S. Sebastião. Prestou, além disso, muitos serviços materiaes, levantando cruzeiros e mitigando os soffrimentos da pobreza.

Em Campos e em Vassouras não foram menos abundantes os fructos oriundos da palavra evangelica. A Provincia do Rio de Janeiro ficou tomada de assombro e admiração diante dos prodigios espirituaes operados pelo humilde filho do Seraphico de Assis. Subiu a um algarismo espantoso o numero das confissões e communhões, das reconciliações entre inimigos e casaes desharmonisados.

Em Vassouras, esteve Fr. Caetano perto de um mez. E é de nosso dever insistirmos num facto que para muitos passou desaperecebido, mas eloquente em sua simplicidade. Tendo ido á principio hospedar-se na casa do Rvdm. Sr. Vigario, muito magôou-se por vêr esse padre, amancebado, levar uma vida irregular; e foi, conseguintemente, morar na sachristia da Matriz, onde fazia as suas práticas.

Assim agindo, deu Fr. Caetano, cuja vida era proverbialmente immaculada, um bello exemplo, não querendo sancionar, com sua presença na casa do padre menos digno, o proceder reprovado do mesmo.

Aos sacerdotes, effectivamente, cumpre, não sómente prégar pela palavra, sinão tambem, e mórmente pelo exemplo das virtudes que sóem ser o apanagio do padre catholico, verdadeiramente digno deste nome glorioso, *sal terræ, lux mundi*.

E' sabido quanta celeuma levantam os inimigos da Religião, e quaes os argumentos que elles tiram, como outras tantas settas contra ella arremessadas,

das anomalias apresentadas (desgraçadamente!) por certos parochos pouco consciões de seu ministerio tão augusto e tão elevado quanto escabroso. São anomalias, sem duvida. Porém, os parvos e os ignorantes fazem uma regra da excepção, tirando assim conclusões desfavoraveis ao corpo sacerdotal todo inteiro.

Não se póde imaginar quanto mal á causa catholica faz o spectaculo offerecido á sociedade por um padre que, sem deixar de affirmar-se orthodoxo, pratica todavia actos diametralmente incompativeis com o character por elle revestido. Esse padre é qual o renegado; e peor ainda, porquanto á desfaçatez franca e publica do apostata allia as apparencias com as quaes procura encobrir-se a hypocrisia.

*Corruptio optimi pessima.* Nos dias calamitosos que ora atravessa a Igreja, faz-se mistér a maior circumspecção na escolha da milicia sagrada, *sal terræ, lux mundi* . . .

A' vista dos actos pouco consentaneos com a moral christan praticados por certos padres, é que se póde dizer, com grandissimo constrangimento d'alma, que o Racionalismo vai tendo razão de ser. E para que elle não tenha razão de ser, só havemos de conseguir arrancando-lhe os argumentos sobre os quaes se estribam de preferencia os impios, argumentos hauridos, como dissemos, no proceder de certos parochos, cuja vida relaxada e demasiadamente mundana é uma fonte de escandalos para todos os catholicos que se prezam de servir humilde e sinceramente a Jesus Christo, Senhor Nosso.

Padres amancebados; padres regalistas e maçons podem ser tudo,—habeis politicos, matreiros na arte de enganar os homens, mas certamente não são padres

taes quaes os exige o Vaticano, taes quaes são necessários para a salvação da sociedade moderna. Tenhamos a franqueza da verdade, custe o que custar. Si nós não dèrmos o exemplo, quem o dará?

O grande Luiz Veillot já trovejava no seu livro magnifico, *Libres Penseurs*, contra essa especie de *curés mondains*, ridiculos horriavelmente.

E' o clero illustrado e, conseguintemente, moralisado (pois onde ha illustração verdadeira deve de, necessariamente, haver moralidade); é o clero illustrado e moralisado que ha de nos guiar na calamitosa quadra que ora atravessamos e que porventura promette tornar-se mais calamitosa ainda, pelos symptomas que estão se manifestando. (1)

### III

Respeitado summamente e estimado por todas as classes da sociedade, Fr. Caetano de Messina privava com as pessoas mais gradas da Capital do Imperio, e recusou evangelicamente as condecorações com que queriam adornar-lhe o peito. A minha melhor condecoração é o meu burel, respondeu francamente.

Era amigo de S. M. o Imperador. Ou por outra, o Imperador o tinha em subida consideração, e, como

---

(1) Todas essas reflexões ja emittimos no *Apostolo* de 3 de Maio de 1878, analysando a Primeira Carta Pastoral de S. Exc. Revm. o Sr. D. Antonio Candido de Alvarenga, Bispo do Maranhão, a seus Diocesanos, e referindo-nos a um artigo notavel do Sr. Dr. Balthazar da Silva Carneiro, publicado no *Diario de Campinas*, subordinado á epygraphie *O Racionalismo vai tendo razão de ser*.

vimos, mais de uma vez o Governo recorria ás luzes do frade.

Consta, de boa fonte, que, na época do memoravel conflicto entre a Maçonaria Imperial e o Episcopado Brasileiro, o Governo consultou á respeito o Internuncio, Mgr. Sanguini, o D. Abbade de S. Bento e Fr. Caetano de Messina.

Com que fim, já que havia assentado a prisão de dous Bispos, indicando ao Supremo Tribunal de *Justiça* a norma a seguir? . . .

Em que deu a consulta, não poudemos saber, e nada transpirou.

O que é certo é que, depois da monstruosa condemnação dos heroicos Bispos de Olinda e do Pará, Fr. Caetano deixou de ir ao Paço.

Com que semblante, aliás, havia de apresentar-se perante o frade capuchinho, o Cesar que se collocára á frente da Revolução?

---

TERCEIRA PARTE



## Terceira Parte

### I

Em 1876, no dia 1.<sup>o</sup> de Março, Fr. Caetano de Messina dirigiu-se á Provincia de S. Paulo, apesar de seus padecimentos, e no dia 1.<sup>o</sup> de Maio foi, mandado por S. Exc. Rvdm. o Sr. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Bispo Diocesano, em vespéras de partir para a visita *ad limina Apostolorum*, missionar em Caçapava. De uma carta escripta de Caçapava, e publicada no *Apostolo* de 29 de Junho de 1876, extrahimos os seguintes topicos interessantes, referentes á chegada de Fr. Caetano áquella cidade.

« Aqui chegou, com effeito, o nosso grande Fr. Caetano de Messina, prefeito commissario geral dos missionarios capuchinhos, no dia 9 de Maio passado, pelas 9 horas da manhan, em companhia do Exm. Sr. Bispo desta Diocese de S. Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, do seu secretario particular, o Revd. Carlos Terrier, do Revd. Vigario da Igreja

da cidade de S. José do Paraizo, João Alves Coelho Guimarães.

« Sendo esperado muito mais tarde e chegando inesperadamente, ficou frustrado um brilhante encontro, que se lhes preparava.

« Apearam-se dos trollys em que vinham, na casa do Revd. Vigario desta parochia, Francisco Marcondes do Amaral Rodovalho, que os recebeu com a sua costumada urbanidade, e os servio de um esplendido e delicado almoço, a que assistiram muitas pessoas gradas da cidade, por elle préviamente convidadas.

« Findo o almoço, e tendo S. Exc. Rvdm. descansado um pouco e satisfeito os desejos de seus diocesanos, que affluíam pressurosos a beijar a mão e o anel de seu pai e Pastor, proseguio elle sua viagem com seu secretario em direcção a essa Côrte.

« Aqui ficou, pois, o nosso Fr. Caetano, hospedado em casa do Rvd. Vigario, com grande pasmo de todos nós, sem podermos comprehender como veio parar em Caçapava o tão fallado e virtuoso Missionario, Superior do Castello dessa cidade do Rio de Janeiro !

« E o caso é que tambem elle se admirava e não podia comprehender o mysterio !

« Elle estava mesmo muito longe de ser comprehendido; só o resultado das missões o podia explicar.

« Estavamos nós solemnizando o Mez de Maria, a cujo exercicio tinhamos dado começo a 30 de Abril, como preparação, por iniciativa do nosso bom Vigario, e a expensas de alguns devotos.

« Ao escurecer principiava a solemnidade na Matriz.

« Nesse dia, 9, reunido grande numero de povo na Igreja, como de costume, para cantar os louvores de Maria, lá appareceu tambem o nosso grande Fr. Caetano, que tanto se enthusiasmou com os bellos e harmoniosos canticos que ouviu, que não poude furtar-se ao desejo de subir ao pulpito.

« Subiu, pois, e, extremamente commovido, fez sentir ao numeroso auditorio que o escutava, o prazer e alegria de que se achava possuido, por vir encontrar os parochianos de Caçapava solemnizando com tanta devoção o Mez de Maria, por elle mesmo instituido pela primeira vez em Pernambuco, ha trinta e seis annos !

« Disse que, por essa extraordinaria circumstancia, se achava animadissimo e esperava tirar grande fructo das missões, porque um povo que assim procurava a protecção de Maria Santissima, não podia rejeitar os favores do céu e as graças que Deus lhe enviava por intermedio de seu apostolo.

« Pela continuação desta exposição veremos que elle não se enganou.

« Com a erudição, maestria e clareza, que lhe são proverbias, explicou elle e desenvolveu as excellencias e virtudes da augusta Soberana, Rainha dos céos e da terra, excitando seus ouvintes a imital-as, principiando por uma boa confissão, para a qual os convidava a prepararem-se, pedindo para isso auxilio á mesma Senhora, que de certo não lh'o negaria.

« Fez ver os diversos motivos que o traziam a Caçapava, o principal dos quaes era tratar da edificação de uma nova matriz, ou reparar-se a velha, si

ella disso fosse susceptivel, em cujo empenho esperava ser coadjuvado por todos quantos se diziam Catholicos Apostolicos Romanos.

« Marcou o primeiro dia de missão para 11 de Maio, e dividio os trabalhos do dia, mudando para as 6 horas da manhan o Mez de Maria, que seria solemnisado por elle mesmo, como officiante, com missa, canticos do Terço, Ladainha e Salve Rainha durante ella, e prática no fim, devendo ser as missões ás 6 horas da tarde, e ficando todo o tempo intermediario desembaraçado para as confissões.

« Emfim, o nosso homem é grande, e methodico, e já neste primeiro dia em uma méra prática e na ordem que estabeleceu, mostrou quem era e esteve na altura de sua missão.

« Assim se finalisou o dia 9 de Maio. »

Eis em que termos, denunciando á indignação da Provincia inteira e do paiz o proceder do heroico frade, deu o grito de alarma a *Provincia de S. Paulo*, organo o mais autorizado da Revolução n'esta capital.

« Na quadra de hoje, a 20 leguas da capital da provincia, e a dous dias de viagem da Côrte do Imperio, dão-se acontecimentos que, narral-os é levantar em frente a dúvida e a descrença, tal é o assombro que causam, e tanto parecem elles proprios de éras que se foram ou de ermos bairros, onde só habitam selvagens! . . .

« E' na villa de Caçapava d'esta provincia que se dão as scenas que vou narrar, e que, sob palavra de cavalheiro, assevero que não vão eivadas de falsidade ou exaggeração.

« O templo d'aquella parochia está quasi em ruinas.

« O Vigario respectivo, buscando recursos aqui e alli para os reparos, viu baldados seus esforços, desesperou dos mesmos, e recorreu ao Prelado da Diocese para que o auxiliasse na pia tarefa de reconstruir a casa de Deus.

« O Exm. Bispo Diocesano deu ao Vigario um auxiliar, nomeando a Fr. Caetano de Messina, religioso capuchinho para, pela prédica e pelas *missões*, chamar o povo a vir metter hombros ao grande e louvavel empenho.

« Com effeito, trinta dias apenas Fr. Caetano permaneceu em Caçapava, e alli, em frente ao templo velho, incapaz de uma reconstrucção aproveitavel, estão lançados os fundos alicerces de uma nova e magestosa Igreja,—estão accumulados os materiaes da projectada obra, e o povo corre afadigado no feroz trabalho sem cogitar de descanso nem de estipendio; homens, mulheres e crianças, trocam-se no vai-vem do afan—aplainam o sólo, removem a terra, conduzem a pedra, amontoam a arêa, e todos se movem em activa lida como os seres da ordem dos hymnopteros. »

Tal descripção produz justamente um effeito contrario ao desejado pelo articulista.

Mas, si «até aqui é agradavel a face do quadro que se desdobra aos olhos observadores, vamos ao reverso.» E continúa: «E' atterrador! é afflictivo o aspecto que apresenta a população d'esta localidade, fanatisada por um frade, que não recúa diante de qualquer meio de conseguir o seu intento, ainda que

para isso seja preciso caminhar por cima dos espiritos abatidos,—da humanidade estragada e aviltada, deramando o susto, a desolação e a desgraça no seio das familias! . . . »

Como assim ?

« Não declamamos, » prosegue o articulista. E' bom repetir.

« Fr. Caetano apoderou-se dos espiritos ignorantes dos roceiros d'este municipio e dos adjacentes ; (1) ahi plantou seu imperio pelo terror, pelas superstições, pelas idéas falsas de uma Religião degenerada da de Christo, e, abusando da superioridade que sua intelligencia cultivada (2) mantém sobre homens analfabetos e embrutecidos pela mais lamentavel ignorancia, tem os povos destas redondezas fechados em suas mãos, aptos como cégas e inconscientes machinas, para tudo que lhes quizer ordenar.

« Mandou construir um pulpito ou estrado portatil, de um metro de altura e dous ou tres de largura ; sobre elle erigiu um altar e alli todas as noites fazia as sua práticas, ora dentro da Igreja, ora ao ar livre, no meio do pateo da matriz, porque o povo se agglomerava aos milhares, e o recinto desta era insufficiente para o auditorio. » (3)

---

(1) Espiritos ignorantes pódem ser chamadas as pessoas mais gradas e mais illustradas dos lugares por onde passava Fr. Caetano, as quaes acompanhavam-n'ó com todo o enthusiasmo e respeito ?

(2) Confissão ingenua, e por isso mesmo, preciosa. E as folhas addictas á seita maldicta nunca deixaram de apregoar o fanatismo cégo, bruto e crassamente ignorante do frade !

(3) Si bem que adversas, transcrevemos estas considerações, porque, através do odio e do rancor do articulista contra o Missio-

Começadas a 11 de Maio, as Missões finalisaram a 11 de Junho. Em todo esse tempo, trabalhavam no Confissionario, desde as 4 horas da madrugada até alta noite, além do virtuoso capuchinho, o Vigario da parochia, o Rvd. Antonio Pereira do Amarante Costa, Vigario de N. S. das Dôres de Capivary, o Rvd. Francisco Cosco, morador no convento de Taubaté, por voto, os Rvdm. Antonio Savastano e Raphael Daniel, ambos italianos, aquelle digno coadjutor da parochia de S. José dos Campos, este digno Vigario da freguezia de N. S. do Bom Successo do Buquira. Chegaram-se á Sagrada Mesa da Eucharistia *dez mil seiscentas e setenta e tres* pessoas. Deste facto pasmoso, existe como documento um certificado do Rvdm. Vigario da parochia, Francisco Marcondes do Amaral Rodovalho.

---

nario, através das exagerações e das falsidades, a verdade apparece. Timida, sim; mas apparece.

« E' cousa digna de ver-se a habilidade com que aquelle frade sabe penetrar no seio das massas de um povo ignorante e alli apanhar os seus fracos e dominal-o! Não ha escaninhos do coração humano que elle não conheça! Não ha brechas por onde se possa assaltar a independencia do homem por onde elle não penetre como faceis avenidas.

« Velho, ostenta os seus cabellos brancos e o vigor dos seus setenta e tantos annos como uma prova de que a oração, o jejum, e sobretudo a confissão, servem de elixires de longevidade, e então concita o povo a esses actos perguntando: «Onde estão os velhos desta terra? Não ha: todos morrem moços porque não se confessam.»

« Illustrado, despe as suas orações da phrase castigada dos eruditos, e falla a linguagem rasteira e chan, unica que o ignorante comprehende, indo buscar suas figuras e comparações na *panella que ferve ao fogo* e dizendo que, assim como ha homens que gostam do som da flauta ou do som da viola, assim a divindade mais aprecia umas orações do que outras.

No dia 31 de Maio, ultimo do Mez Mariano, houve communhão geral, e pelas 9 da manhan, tres sacerdotes ao mesmo tempo ministraram a Sagrada Communhão, por espaço de mais de uma hora, a cerca de *mil pessoas*, sinão mais.

« Pensarão os nossos leitores que Fr. Caetano, atarefado com tantas confissões, com sua grande prática de manhan e missão á noute, com mais nada se occupa durante o dia. Pois enganam-se. O nosso homem é incansavel, parece ter o dom da ubiquidade. Está em toda a parte ao mesmo tempo, dando providencias diversas a respeito de differentes objectos para que marchem conjunctamente.

« Como o seu fim principal era a reconstrucção da matriz, ou a factura de uma nova, logo nos primeiros dias de sua chegada tratou de syndicar o que deveria fazer. Pedio uma conferencia ao habil engenheiro, o Illm. Sr. Dr. Martiniano da Fonseca

---

« Senhor do theatro em que representa, não esquece os detalhes os mais subtis do seu *mise en scène*: aqui o rosario, alli o crucificado, em suas mãos uma vara de marmello que até ao pulpito o acompanha; agora falla sentado e o gesto é calmo; logo levanta-se e passeia pelo pulpito com a attitude imponente do inspirado;—ora ri-se e conta uma facecia—ora exalta-se, levanta uma invocação a Deus, e aquelles pulmões de 70 e tantos trovejam no espaço a fazer inveja a um moço. .

« E tem dominado o povo!

« Este obedece submisso a seus gestos; mais submisso que um escravo, porque nem se rebella; mais aviltado do que elle, porque nem deseja liberdade, e antes entrega-se de pés e mãos, capaz de espedaçar, como uma féra, áquelle que lhe disser que tudo aquillo é um captiveiro infame, uma adulteração torpe da religião do Crucificado!

« Vão lá dizer a esses homens e mulheres fanatisados, que aquelle frade abusa de sua ignorancia! »

Reis Brandão, o qual, prestando-se da melhor boa vontade, lhe disse com toda franqueza, que a velha matriz era irreparavel, que tudo quanto nella se gastasse era perdido, e que o unico remedio era construir uma nova, para a qual se promptificava a dar o plano.

« Aceitos o parecer e o plano por Fr. Caetano, convidou este immediatamente ao doutor para ir medir e riscar o terreno para a construcção da nova matriz; o que foi feito em um abrir e fechar de olhos.

« Feito isto, e logo no 5.<sup>o</sup> dia depois de sua chegada, convida o nosso grande Frei Caetano os principaes do lugar para comparecerem em sua presença na casa do Rvd. Vigario, e lhes diz—*Eu quero aqui amanha o mais alto e grosso páo, que se possa encontrar, para delle fazer um grande Cruzeiro. Convido para fazel-o todos os carpinteiros do lugar.*

« Offerecido o páo pelo virtuoso fazendeiro Raphael Pinto de Aguiar, e promptificando-se para puxal-o com seus carros e boiadas o prestante cidadão Joaquim Corrêa de Siqueira, muitas difficuldades se offereram para que elle chegasse a esta cidade: o que só poude ter lugar na sexta-feira, 19 de Maio, perto do meio dia.

« Entretanto o nosso grande e infatigavel missionario tinha annuciado do pulpito que o grande Cruzeiro devia ser levantado no domingo proximo, 21 de Maio!

« Só dia e meio para fazer-se!

« Pois tudo se fez. Com a boa vontade de todos os carpinteiros, e com a energia e vontade inabalavel do infatigavel Fr. Caetano, que os dispensou para



trabalharem no domingo ouvindo missa, foi o grande Cruzeiro levantado nesse dia de tarde, na presença de milhares de pessoas!

« Cumpre notar-se aqui, que mede elle 50 palmos de altura, está muito bem feito e tem collocado em seu frontispicio os seguintes martyrios—escada, lança, esponja, martello, torquez, cravos e corôa de espinhos.

« Tinha elle um peso enorme, e diziam alguns entendidos que não era possivel levantá-lo sem apparelho. E como este não existisse, apenas se lhe amarraram algumas cordas.

« Quando se tratou de levantá-lo, enfileirou-se o povo nas cordas, e a uma voz lá foi o Cruzeiro sem parar um instante, que nos parecia uma palha! Foi quasi um milagre!

« Já ahi se achava nessa occasião o nosso Fr Caetano, devidamente paramentado, acompanhado pelo Rvd. Vigario e mais clero presente, que tinham sahido da Igreja de cruz alçada e em procissão formada pelas Irmandades do Sacramento e S. Benedicto, para benzer o grande Cruzeiro depois de levantado.

« Aprumado elle, e socado o pé, procedeu o virtuoso missionario á bençãam solemne do mesmo, depois da qual subiu ao seu pulpito portatil, que para ahi tinha feito transportar, e prégou a um auditorio talvez de quatro a cinco mil pessoas.

« O assumpto versou sobre a invenção da Santa Cruz, sobre o que ella era antes de Jesus-Christo, (instrumento de opprobrio) e sobre o que ella é hoje, depois que nella foi crucificado o Salvador do mundo.

« Aqui, narrando elle o factó de Jesus-Christo do alto da Cruz pedir a seu Eterno Pai *que perdoasse*

a seus inimigos, porque não sabiam o que faziam, o nosso grande homem esteve sublime! . . . Pedio a todos os seus ouvintes que, á semelhança de Jesus-Christo, quantos tivessem inimizades e alimentassem odios, se perdoassem mutuamente e se abraçassem!

« Porém, disse elle, o exemplo deve principiar por casa. Subi ao pulpito, padre Vigario: (o padre Vigario subio, e Fr. Caetano se lhe prostra aos pés, fazendo o padre Vigario o mesmo, e se abraçam!) eu tenho fallado na vossa parochia e em vossa presença com muita liberdade, e talvez vos tenha offendido! Perdoai-me, pelo amor de Deus! . . . Vinde vós tambem, meu padre Antonio! (e fez o mesmo) E vós todos, que me estais ouvindo, si vos tenho offendido, perdoai-me igualmente, pelo amor de Deus! . . . »

« Ah! leitores! Imaginai o effeito desta scena no auditorio que a presenciava! Scenas taes não ha penna, por mais bem aparada, que as possa descrever! . . . »

« Concluiremos por dizer que Fr. Caetano esteve sublime; que entre o numeroso auditorio não se viam sinão abraços e pedidos de perdão; e, segundo nos constou, nessa noute e seguintes, muitas pessoas e familias, que viviam inimizadas e mantinham odios rancorosos, estavam entrando pelas casas uns dos outros, pedindo-se mutuamente perdão e abraçando-se!

Eis para que servem os frades! » (1)

## II

De volta de Caçapava, onde reerguera a religião, a moralidade e a familia, chegou a Taubaté no dia

---

(1) *O Apostolo*, de 5 de Julho de 1876. Vid. Documento n. 5.

11 de Junho. No dia 18, após sete dias de descanso, começou as suas missões, em presença de 5.000 pessoas. Com aquella eloquencia masculina, que conseguira fazer cahir as armas das mãos dos facciosos do Páo d'Alho, assomou no pulpito do Convento de Santa Clara, da Ordem Franciscana. Nada melhor do que resumirmos as impressões de uma testemunha ocular.

—Cinco mil respirações desappareceram diante da palavra e grave posição do missionario capuchinho.

A palavra evangelica era ouvida com um silencio sepulchral.

Entre muitas observações e advertencias que pendiam dos labios do missionario, faremos especial menção de uma pela opportunidade.

Aconselhava ao povo o missionario que não fizessem em suas casas festinhas: que esses ajuntamentos á pretexto de religião eram de funestos resultados: que quando quizessem se entregar á pratica de actos religiosos, não o podendo fazer nos templos, fizessem sós, á portas fechadas, e não com reuniões que degeneravam os actos religiosos em toda a sorte de actos viciosos.

A imprensa sensata e imparcial do lugar applaudia e defendia o frade.

« Diremos nós, que, na verdade, por occasião das festas de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, quantos actos de verdadeira orgia não se seguem aos actos religiosos! Collocam o santo á beira de um nicho rodeado de folhas, flôres e velas, e depois de uma devoção encapotada segue-se a bebedeira, o jogo das prendas, o cateretê, o candieiro ao relento, ao

redor da fogueira e do mastro: ainda ha bem poucos annos se registravam factos de dôr e de sangue, ou ferimentos, ou assassinatos.

« E' melhor não ser adorado o santo, do que ser adorado por este modo.

« Termine-se com estas folias, origem da ociosidade e desvarios.

« Na reforma destes costumes, o redactor da *Imprensa de Taubaté*, do alto desta tribuna universal, está ao lado do missionario. »

E é dest'arte que Fr. Caetano, procurando apurar os costumes « plantou seu imperio pelo terror, pelas superstições, pelas idéas falsas de uma Religião degenerada da de Christo! »

— Nas suas prédicas diarias fôra incansavel o ministro de Jesus.

Em linguagem singela, Fr. Caetano de Messina nas suas missões tem mostrado quanto é prejudicial á salvação das almas, á paz domestica e social, — o luxo, o orgulho, a avaresa, a ociosidade, a sensualidade e outros vicios, que ennegrecem a consciencia e arredam o catholico do tribunal da penitencia.

O povo, levado por espirito religioso, submisso, em numero de sete a oito mil pessoas, ouve com pasmoso recolhimento a palavra inspirada do sacerdote da Religião Catholica Apostolica Romana.

O missionario mostra a necessidade da confissão: n'outro dia não ha tempo de confessar os que procuram por este Sacramento.

O missionario revela do alto da tribuna sagrada quanto póde a palavra da Religião Catholica, enunciada por um sacerdote virtuoso.

« Não se póde censurar ao missionario apostolico por prégar a doutrina da Religião do Estado, » dizia a *Imprensa* de Taubaté, respondendo ás accusações lançadas contra o frade.

« Si os Brasileiros são Catholicos Apostolicos Romanos por educação, como alguém póde imaginar destruir crenças inabalaveis ?

E' esta a Religião, que receberam no baptismo.

E' esta a Religião ensinada por suas mãis no berço.

E' esta a Religião procurada nas afflicções da vida, e nas agonias da morte.

E' esta a Religião á cuja obediencia prestam juramento os doutorandos ao receberem o gráu.

E' esta a Religião em observancia da qual prestam juramento todos os empregados.

E' esta a Religião que vem vigorar os contractos matrimoniaes.

E' esta a Religião que serve de freio aos máos na imaginação de um crime.

E' esta a Religião que condemna os desvarios e fraquezas humanas.

E' esta a Religião que nos acompanha na sepultura.

Como surge entre nós gente de outro hemispherio para dizer que as almas sans, os espiritos rectos se sentem indignados ante a IMPIEDADE do frade que préga esta Religião ?

Como se avança que a prédica do missionario é vergonha eterna de Taubaté ? »

— No domingo, 25 de Junho, cercavam a tribuna sagrada mais de nove mil pessoas. Nessa occasião o Padre Missionario convidou aos que pudessem comparecer no dia seguinte, para aplainar o terreno em frente do convento de Santa Clara. Causa maravilhosa! No dia 26 appareceram mais de 700 homens com enchadas e mais de 400 mulheres a carregar terra.

— O frade annunciára, com muita antecedencia, que no dia 7 de Julho, á meia noute, faria uma procissão de penitencia, unicamente com os homens, os quaes deviam vir com a cabeça coberta com um lenço branco, sobre o lenço uma corôa de espinhos, e na cintura uma corda.

Dizia-se que o Padre Missionario não conseguiria, sinão com 4 ou 6 carolas, realisar uma superstição tão singular.

Os que assim pensavam, enganaram-se completamente. Houve uma concurrencia aliás de 3 mil pessoas!

— Sommando os beneficios realisados pelas missões, concluia a *Imprensa*:

« Em Junho de 1876 entra inesperadamente por esta cidade o Rvd. capuchinho Fr. Caetano de Messina, e opera nella uma transfiguração...

« Durante o tempo de suas missões houve uma concurrencia de povo como nunca se viu.

« O povo, repassado de dôres tão recentes e tão profundas, obedecia ao missionario, como a um enviado de Deus munido de um balsamo evangelico para cicatrizar os seus soffrimentos ainda gottejando sangue.

« O Rvd. missionario, do alto da tribuna sagrada, lhe ensinou á soffrer com resignação aquillo que as potencias humanas não podem evitar nem curar.

« Ensinou que a peste, a fome e a guerra são elementos indirectos de que se serve o Creador para destruir a indolencia, a indifferença e a irreligiosidade dos povos.

« Prégava a necessidade da regeneração dos costumes para salvação da alma.

« Nestas prédicas sondava elle os factos mais pequeninos que pôde praticar o homem, e ensinava praticamente o remedio com o uso da penitencia e mortificação.

« Si não fosse Fr. Caetano, muitos casamentos não se fariam, muitos perdões não se operariam, e muitas confissões se adiariam para a hora derradeira em que não são bem feitas.

« Si não fosse Fr. Caetano, as sepulturas pelo campo dos que fallecêram na occasião das bexigas, ficariam esquecidas, até que uma alma bemfazeja, da força e da tempera do Rvd. missionario, dellas se lembrasse.

« A cohorte dos livres pensadores censurem, com justa causa, a ignorancia e excesso da população; mas não murmure, nem cubra de improperios á um ancião virtuoso, intelligente e esforçado cura d'almas, como é o Rvd. Fr. Caetano. »

Reproduzindo a obra grandiosa de Papacaça, iniciou a fundação de um Collegio para meninas, á semelhança daquelle que existe na fidelissima cidade de Itú, o qual goza de grande e merecida reputação.

Para levar a effeito tão bella e boa idéa, nomeou uma commissão, e ainda poudé agenciar soffrivel numero de donativos. Ao retirar-se, pediu ao Vigario, o virtuoso Monsenhor José Pereira da Silva Barros, não se descuidasse do Collegio; e o digno pastor, tomando a si todo o trabalho e direcção da obra, luctando com mil difficuldades e embaraços, não desmentiu a confiança que nelle depositára Fr. Caetano. O Collegio está quasi concluido!

Ora, como optimamente observou-nos o illustre Juiz de Direito da comarca, basta este serviço para que o nome de Fr. Caetano seja caro a quantos se interessam pela educação da mulher.

Antes de retirar-se de Taubaté, a Camara Municipal dirigiu-se, encorporada, á cella do frade capuchinho, para agradecer os muitos beneficios por elle prestados ao municipio. Nesta occasião, leu o digno Presidente da Camara Municipal, o Sr. Dr. Francisco de Paula Toledo, um bem elaborado discurso. (1)

### III

Os verdadeiros prodigios operados pela palavra evangelica do frade, levantaram um alarido sem termo nos arraiaes dos inimigos da Fé. A imprensa livre pensadora desencadeou as tempestades do seu furor contra o missionario. O auctor destas regras tinha então a honra insigne de redigir o *Catholico*, e eis em que termos elle rebateu os ataques dos impios e revolucionarios:

---

(1) Vid. Documento n. 5.

« A imprensa liberanga da capital tem levantado celeuma a proposito de um santo missionario, que anda, lá pelos sertões do interior, prégando as verdades do Evangelho.

« A *Tribuna*, o *Correio* e a *Provincia* estão de accôrdo para apedrejar ao illustre apostolo da Religião do Christo, abrindo suas columnas ás calumnias mais infames e ridiculas.

« Basta lermos os periodicos das localidades por onde passa o missionario, para convencermo-nos da força dos argumentos de que lançam mão os inimigos do Catholicismo.

« A *Sentinella* já transcreveu um editorial da *Imprensa de Taubaté*, jornal insuspeito. Ao nosso turno, damos aos nossos leitores uns trechos do *Pindamonhangabense*, tambem insuspeito.

« . . . Em Caçapava, onde esteve um mez, Fr. Caetano de Messina obteve, de esmolas, para a construcção de um templo, muitos contos de réis; muitos casaes que viviam em desharmonia, harmonisou; aos amancebados fez casar; transferiu o uso da quitanda ao domingo, para o sabbado.

« E porque tudo isto obteve fallando a linguagem rude da verdade, e coherente com os principios da Religião que professamos e suas doutrinas, levantou-se um alarma, que foi fazer écho até num editorial da *Provincia de São Paulo*.»

« Eis aqui como entendem liberdade os pensadores livres e os hereges : liberdade para si, liberdade completa, illimitada; liberdade de imbuir o povo com suas falsas doutrinas, de prégar o Atheismo e o Communismo . . . E quando levanta-se um ancião venera-

vel, que vae de encontro a estes principios erroneos, os olhos fixos no Crucifixo e os labios a transbordarem de palavras de paz e de perdão, clamam contra o fanatismo, contra a intolerancia, e insultam, sempre insultam! Pobres Tartufos!» (1)

#### IV

O Governo, tão solícito sempre que se trata de collocar as liberdades civis e politicas ao abrigo das *intrigas* de Roma e da propaganda do *Ultramontanismo*, o Governo de S. M. Imperial não deixou de prestar ouvidos complacentes á grita infrene e descompassada, levantada pelos gansos do Capitolio revolucionario.

E de facto, propalavam-se boatos aterradores: o frade fanatisava o povo, embrutecia as massas, desprestigiava a lavoura, matava a immigração! O frade atacava de frente as insituições fundamentaes do paiz, e o audaz estrangeiro prégava, nada mais e

---

(1) O *Catholico*, de 14 de Julho de 1876.

No numero de 2 de Agosto, respondendo a imputações tão indecentes quão calumniosas da *Tribuna Liberal*, folha regalista, então redigida pelo Sr. Dr. Bento Francisco de Paula Souza, e collaborada por diversos academicos pertencentes á grey republicana, dizia um illustradissimo estudante:

« E' triste o ver-se em paiz catholico um jornal lamentar o tempo que o povo gasta na oração á Deus, e outrosim que vá ao templo ouvir lições de moral extrahidas de um livro tão puro como o Evangelho.

« Tem razão o distincto litterato, pois a nossa terra está muito moralisada, e principalmente esta capital, e principalmente esta Academia!

« Disvirtuando o pensamento do illustre Missionario, diz que este abertamente declara nada lucrar o homem com o saber lêr.

nada menos do que a substituição da Constituição Política do Imperio pelo *Syllabus*, o Código do Obscurantismo! . . .

*Caveant Consules!* bradavam os arautos das publicas liberdades. E o Governo mandou syndicar dos factos. Pediu informações, informações *secretas*, á Presidencia da Provincia. A mina explorada surtiu um effeito negativo. A trama urdida nas trevas desmanchiou-se ridiculamente á luz meridiana. A victima foi innocentada, e uma gargalhada estrondosa rebentou ás barbas do Governo, de seus prepostos e de seus bajuladores. Gargalhada do bom senso offendido, da rasão menoscaba! (1)

*Mentita est iniquitas sibi.*

## V

Uma calumnia, assacada pelos filhos da Maçonaria, reproduzida com estrepito pelo *Boletim do Grande*

---

Engana-se, pois pensa Fr. Caetano ser a instrucção sem a moralidade prejudicial ao homem.

« Tal doutrina deve ser prégada no nosso paiz, onde curam os paes de dar instrucção aos filhos e negligenciam completamente os principios da educação.

« Quanto ao ponto em que repete que, o santo Missionario *afagava carinhosamente umas devotas penitentes com quem a natureza tinha sido prodiga nos dotes physicos*, nós, conhecendo de perto á Fr. Caetano, temos a dizer que o gazetilheiro—mente. Calumnia, e tão torpemente, que não apresenta provas em uma accusação tão séria.»

As provas? Mas onde achal-as a calumnia? A calumnia é essencialmente cobarde. E' o caso de repetirmos com Luiz Veillot: *Quels artistes consommés á mal faire! Quelle noire, infernale et surfine canaille!*

(1) Vid. Documentos ns. 7 e 8.

*Oriente*, e que cumpre não deixar passar sem um ligeiro reparo.

Lia-se, em letras redondas, nos orgams dos *Filhos da Viuva*:

«Pois si elles prostram-se de joelhos adiante do *santo missionario*, e supplicam-lhe constrictos que os açoite com a vara de marmello, *para tirar-lhes o demonio do corpo!*

« Ao lado destes quadros ridiculos e reprehensiveis em um sacerdote, que deve esclarecer o povo e não alimentar-lhe tôlas superstições, ha mais ainda: ha culpas mais graves—a desgraça está derramada no seio das familias; o susto, o pavor têm-se apoderado de alguns espiritos fracos, perturbou-lhes o entendimento e *produziu-lhes a loucura!*

« Aquelle sacerdote é um impio; aquelle missionario de Christo é um insensivel desalmado, porque é preciso não ter alma e coração para zombar assim com a credulidade e com a ignorancia de um povo.»

Pedimos sómente nos citem os nomes das pessoas tornadas loucas pelas práticas de Fr. Caetano. O facto citado, de uma mulher do povo ter desmaiado, ao ouvir o frade descrever as chammas do Inferno, querendo provar demais, nada prova. Questão de organismo; questão de nervos. Que argumento—Achilles!

Não é de admirar que, em uma agglomeração inaudita, e com um calor intensissimo, se produzam—forçosamente—não poucos (já não digo um), não poucos factos semelhantes. *Quid indé?*

D'ahi concluir-se o que têm concluido os jornaes e os boletins maçonicos... é preciso convir que é uma pilheria de máu gosto.

VI

Si bem que rapida, a passagem de Fr. Caetano pela parochia de S. Bento de Sapucahy-mirim deixou fundos signaes. Por seu intermedio e conselho, confessaram-se mais de 3,000 pessoas, casaram-se amancebados cerca de 60; prestou serviços materiaes, como tirar terra de um morro que havia proximo á Matriz, e obteve mais de dous mil páus para um andaime, afim de tratar-se do fôrro da Matriz. (1)

D'alli seguiu para S. José do Paraizo, onde, sobre levantar um edificio para collegio de meninas pobres e casa de Misericordia, trouxe para o centro da cidade uma excellente agua, cuja canalisação, toda de pedras, é um serviço avaliado em mais de 16:000\$000. (2)

---

(1) Eis em que termos o *Americano*, jornal liberal de S. Bento, annunciava a proxima chegada do missionario :

« No nosso ultimo numero, fallando á esse respeito, dissemos o que a fama apregoára sobre a missão de S. Rvdma.

« Hoje fallamos, como testemunha ocular, tendo assistido a uma de suas práticas, que primam pela amenidade do phaseado, pela verdade dos argumentos e pela pureza da doutrina.

« S. Rvdma. é uma perfeita cópia dos antigos apóstolos, espalhando e propagando por toda a parte as luzes da religião e trabalhando tanto moral como materialmente.

« Bemvindo, pois, o illustrado missionario, ao torrão S. Ben-tista. Que muitos dias de paz e de socego sigam-se á sua passagem por aqui.

« S. Rvdma. continúa a prégar na fazenda da Exma. Sra. D. Francisca de Godoy, senhora altamente religiosa e de uma caridade absolutamente inexcedivel.

« Que as bençams do Senhor desçam sobre a veneranda matrona, que tão bem sabe auxiliar a missão augusta do venerando missionario.»

(2) Vid. Documento n. 9.

## VII

De suas missões na Provincia de S. Paulo, levou Fr. Caetano a dôr de se vêr censurado, calumniado e maltratado pelos libertinos. Abundantissimos haviam sido os fructos de suas prédicas, e edificante o movimento reaccionario dos catholicos. E' certo, porém, que grande, e mui grande, foi o desgosto do incansavel capuchinho, ao deixar a Provincia. (1)

Alvo das injurias e das perseguições dos máus, ia com o coração tranquillo, contemplando a sua obra magnifica de regeneração pela fé. Podia repetir com o Psalmista: « Os que semeiam nas lagrimas, colherão na alegria. Ao ir, choram, espalhando suas sementes pelos sulcos; ao voltar, porém, vêm jubilosos, trazendo os feixes da abundante seára. »

Resolvêra ir visitar o novo hospicio de Montevidéu, e sahiu da Côrte no dia 24 de Agosto de 1877.

Chegado que foi á capital do Uruguay, ergueu uma Igreja e mandou calçar uma rua, que conduz ao hospicio dos capuchinhos. Celebrou a primeira missa naquella Igreja, em a noute do Natal.

Nessa mesma noute foi elle accommettido de um ataque de apoplexia, de cujas consequencias falleceu no dia 9 de Janeiro de 1878, recebendo todos os Sacramentos e pedindo perdão a todos. Contava 71 annos de idade.

Mal soube-se em Montevidéu da infausta nova, acudiram pressurosos, não sómente o Ministro Brasileiro, como todas as auctoridades da Republica.

---

(1) Vid. Documento n. 10.

Na quinta-feira, 10, ás 5 e meia horas da tarde, realisou-se o entérro, com assistencia do Bispo, do Vigario Geral, dos Curas do Departamento da Capital, de um crescido numero de sacerdotes do Clero regular e secular, além de muitos leigos. Foi devéras uma cerimonia imponente.

Ao descer o cadaver á sepultura, recitou a oração funebre o Rvd. Sr. Dr. D. Ricardo Isasa, (1) Fiscal Ecclesiastico e Cura Vigario de Santo Agostinho.

Cederam os Rvdms. Padres da Republica Oriental uma bella sepultura, no seu proprio Cemiterio, para nella serem depositados os restos de Fr. Caetano de Messina.

E alli descansa, na paz do Senhor, o gigante, cuja memoria, cercada do respeito e da admiração de todos os bons cidadãos, acompanhada pelas bençams das gerações por que passou, constitúe uma das glorias mais puras da historia da Igreja e do Brazil no seculo XIX.

---

(1) Vid. Documentos, ns. 11 e 12.



DOCUMENTOS

E

PEÇAS JUSTIFICATIVAS



## N.º 1

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Conformando-me com as ordens de V. Exc. Rvdma., já hoje me dispuz para dirigir-me amanha de madrugada ao destinado lugar de *Lages*, e empregar todos os esforços que estiverem ao meu pequeno alcance, para que os bons e pacíficos desejos de V. Exc. Rvdma. de reconciliação entre aquelles povos dissidentes, tivessem um bom resultado. D'alli darei a V. Exc. Rvdma. as participações, que eu julgar necessarias á illustrada intelligencia de V. Exc. Rvdma. pela direcção dos mesmos negocios em questão.

Si V. Exc. Rvdma. precisar desta sua casa, dirigir-se-ha ao meo Vice-Prefeito. Deos Guarde á V. Exc. por muitos annos, como é mister. Hospicio da Penha, 28 de Abril de 1848.

Illm. Exm. e Rvdm. Sr. Presidente desta Provincia.

FR. PLACIDO DE MESSINA,

Prefeito da Penha.

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Não sem algum pequeno incommodo da viagem neste tempo invernos, cheguei á esta freguezia no dia primeiro do corrente mez, e me acho em casa do muito digno Commandante Superior, Sr. Manuel Thomé de Jesus. Já comecei a ter communicação pessoal com algumas das pessoas influentes, para effectuar a commissão de que V. Exc. Rvdma. dignou-se encarregar-me. Muito boas disposições tenho achado nas pessoas, com que me tenho entendido, e parece-me que pela parte destas, V. Exc. Rvdma. alcançará o fim que deseja.

Ainda continuam uns pequenos receios entre estas, por lhes constar que alguns empregados de Policia se acham com gente reunida, porém hoje mesmo me dirigirei á alguns destes, e tractarei de os persuadir e desenganar de que o actual Presidente da Provincia até não consente que haja mais disposições bellicas, mas que o seu unico programma é manter, com imparcialidade, a paz, a harmonia e união entre os cidadãos e filhos do mesmo paiz, e que para isso empregará todos os seus cuidados, e desvelos.

Acho-me, pois, na indispensavel obrigação de submetter á alta intelligencia de V. Exc. Rvdma. algumas minhas humildes reflexões, por as julgar dignas da consideração de V. Exc. Rvdma., á quem devo coadjuvar.

Estou convencido de que V. Exc. Rvdma. não poderá nunca levar a effeito o seu mui louvavel projecto de manter em harmonia a Provincia, sem lançar mão de pessoas habeis, e de reconhecida probidade, para evitar a perigosa collisão de apparecerem sempre novas, e novas reacções.

E' mister portanto, que lembre á V. Exc. Rvdma. de se entender nos negocios pertencentes á esta Freguezia, e Comarca da Victoria, com este Commandante Superior, que por sua probidade e inteira sisudez, é digno de toda a confiança de V. Exc. Rvdma. No mesmo conceito estão na Freguezia de Sirinhem o Illm. Sr. Coronel Gaspar de Menezes Vasconcellos Drummond, e na do Rio-Formoso e Una, o Illm. Sr. Ex-Commandante Superior Francisco de Barros Rego, encarregando, si fôr possivel, a estes senhores do Commando da Policia, ou á outros, que forem por elles apresentados. Sem este primeiro passo parece-me

muito difficil progredir na direcção, que V. Exc. Rvdma. empre-  
hendo, e em que muito desejo coadjuvar á V. Exc. Rvdma. Du-  
vido que estas pessoas acceitem o cargo, que digo. Para com o  
primeiro, sendo do agrado de V. Exc. Rvdma., eu me empenharei  
para que se não recuse á prestar este importante serviço á S.  
M. I., e á esta Provincia. Como é natural que V. Exc. Rvdma.  
se informe ácerca destas pessoas, fico persuadido de que V. Exc.  
Rvdma. approvará esta minha humilde idéa.

Renovo á V. Exc. Rvdma. os meus sinceros protestos de esti-  
ma e de alta consideração, com que tenho a honra de ser e  
assignar-me.

Exm. Rvdm. Sr. Presidente desta Provincia.

Engenho Noruega, 3 de Maio de 1848.

Humilde subdito e amigo em Jesus-Christo.

FREI PLACIDO,

Prefeito da Penha.

---

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Julgo que V. Exc. Rvdma. tem recebido a carta que tive a  
honra de dirigir á V. Exc. Rvdma. no dia 2 do corrente mez,  
sendo o portador della pessoa segura.

Agora o objecto da presente é participar a V. Exc. que um  
meu amigo acaba de communicar-me, que em Santo Antão e na  
Gloria se reunia gente para se oppôr ao Governo, fundados no  
officio-circular dirigido pelo Chefe de Policia a todos os empre-  
gados della, em que lhes determinou de não se darem por de-  
mittidos, em razão da demissão dada pelo Exm. Vice-Presidente  
ter sido illegal.

O interesse, que devo tomar e tomo pelo socego desta Pro-  
vincia, a benignidade com que V. Exc. Rvdma. se dignou tra-  
tar-me, me animam a pedir á V. Exc. Rvdma. que me permita

de dizer o que sinto. Parece-me que o meio proprio de se evitar este mal e os que se podem seguir, é V. Exc Rvdma. immediatamente ou confirmar essas disposições, ou dar outra providencia que julgar conveniente em sua alta sabedoria. E' possível que eu me engane, porém julgo que essa gente obra de boa fé, illudida pela razão acima expendida.

Fico cuidando em averiguar si a noticia que recebi tem fundamento, para me dirigir logo áquelles lugares á cumprir a minha commissão. Mas exista esta ou não, é muito certo que ha o espirito de duvida á respeito das demissões supradictas.

Beijo as mãos de V. Exc. Rvdma., e desejando-lhe todos os bens, muito me honro em ser

De V. Exc. Rvdma.

Exc. e Rvdm. Sr. Presidente desta Provincia.

4 de Maio de 1848.

Humilde subdito e amigo em Jesus-Christo.

FREI PLACIDO,

Prefeito da Penha.

---

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Hontem tive a honra de dirigir á V. Exc. Rvdma. uma minha carta, em que participava á V. Exc. Rvdma. as noticias que tinha recebido de alguns movimentos, que se dispunham em Santo Antão, porém até hoje não tem apparecido outra novidade que confirme as mesmas disposições, e Deus queira que fique tudo em boatos, e não haja realidades de attentados.

Hontem mesmo de manhan, apezar de um tempo mui rigoroso de chuva, e de pessimos caminhos, deliberei-me de dar uma chegada, acompanhado por alguns proprietarios da Escada, ao Engenho Buranhé, propriedade do Illm. Sr. João do Rego, com quem communicando-me, achei-o com a maior docilidade para cumprir cégame as ordens de V. Exc. Rvdma. Elle ainda

conservava uma pequena força armada dos seus mesmos agricolas, por estar receioso de ser atacado pelos seus inimigos, com os quaes tem havido antecedentes indisposições, e por lhe constar que ainda seus desaffectedos se conservam com as armas na mão; mas como inculcasse-lhe que as ordens de V. Exc. Rvdma. são determinantes, e que não consente em que haja disposição a mais pequena de apparencia bellica, mandei que elle dissolvesse a dita força, e que juntamente entregasse os armamentos e cartuxames, que tinha tomado no sahir a bagagem do Governo, o que logo hoje mesmo á minha presença cumpro, debandando a gente reunida, e mandando levar as armas e cartuxames á disposição do Sr. Coronel Joaquim José Luiz de Souza.

Hoje de tarde ou amanha, voltarei para o Engenho Noruega, para dahi me dirigir á outros pontos onde julgar preciso. Rogo, pois, a V. Exc. Rvdma. que, á vista do que tenho expendido á V. Exc. Rvdma. em tres minhas cartas, houvesse por bem dar-me suas sabias instrucções, á fim de que me ache sempre conforme em tudo com as deliberações de V. Exc. Rvdma., a quem beijo com respeito as sagradas mãos, e tenho sempre o prazer de ser

De V. Exc. Rvdm.

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente desta Provincia.

Engenho Buranhé, 5 de Maio de 1848.

Humilde subdito e amigo em Jesus-Christo.

FREI PLACIDO,

Prefeito da Penha.

---

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Deus esteja em sua companhia.

Aproveito da opportuna occasião de escrever á V. Exc. Rvdma., accusando de ter recebido a resposta de duas minhas cartas; pois, vendo que as circumstancias actuaes não permitem demora,

apresso-me á dizer á V. Exc. Rvdma., que com toda a brevidade que fôr possível ao alcance de V. Exc. Rvdma., passe a nomear os novos empregados de Policia em todas as Comarcas, pois por falta dessa nomeação se acha a Provincia em todos os pontos em uma confusão babilonica.

Correm por aqui noticias que em Sirinhem, Rio-Formoso e Una, soffrem-se os mesmos males, cuja reparação deve ser já e já acudida por providencias analogas.

Eu, á vista dos movimentos que forem apparecendo, tomarei as medidas que, *in Domino*, julgar convenientes, e me dirigirei por aquelles lugares de maior precisão. Eu confio que todos me prestarão attenção, como em semelhantes têm practicado, mas prevenindo prudencialmente que póde haver entre muitos algum mais pertinaz, que recuse receber os meus salutaes e pacíficos conselhos, e que fôr preciso em ultimo caso mostrar autorisação de V. Exc. Rvdma. para levar á effeito o fim, que intentamos, julgo, si V. Exc. Rvdma. convier nisso, que me mande uma portaria ostensivel para servir-me della em qualquer destas Comarcas, e freguezias do Sul; á fim de que, em casos de sedições e de enganos populares ao reconhecimentos das legitimas autoridades empregadas por V. Exc. Rvdma., possa eu influir, e tirar todas as duvidas e causas de sedições e enganos, com que costumam talvez illudir a populaça. Exm. e Rvdm. Sr., eu reconheço o estado constrangido do espirito de V. Exc. Rvdma., e o ânimo á confiarmos em Deus e em Maria Santissima, que nos socorrerão nesta ardua e difficultosa empreza, na qual V. Exc. Rvdma. contará sempre com meu mui pequeno serviço. V. Exc. Rvdma. manda sobre mim, e em todos os meus subditos, que são de V. Exc. Rvdma., á quem beijo as sagradas mãos, e com toda estima e respeito sou,

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente desta Provincia.

Noruega, 6 de Maio de 1848.

O mais humilde subdito e amigo em Jesus-Christo.

FREI PLACIDO,

Prefeito da Penha.

---

Deus seja sempre louvado.

Meus caros amigos em Jesus-Christo.

E' innegavel que, desgraçadamente, a nossa Provincia se tornou em uma aberta lucta, ou em um campo de guerra civil entre os mesmos irmãos, concidadãos, amigos e parentes. Não precisa que vos mostre o que todos tendes presenciado, e talvez, com poucas excepções, cada um tem tido parte nessa triste tragedia. Não ha estado mais lastimoso e deploravel na sociedade, do que viver em um continuado conflicto de reciprocos odios e vinganças. A bôa razão, o senso commum, a Religião Santa que professamos, reprovam e anathematisam este estado violento, destruidor da harmonia social, opposto ao Christianismo, e mesmo barbaro no meio da nossa actual civilisação.

Deus Nosso Senhor não permittiu que continuasse a guerra civil a derramar sobre a nossa Provincia os infortunios e desgraças, todos aquelles horriveis males, que inevitavelmente se-guem a ella.

Era preciso, meus amigos em Jesus-Christo, que apparecesse entre vós uma Estrella consoladora, uma Iris de paz, que vos trouxesse a calma, depois de uma dura tempestade.

O Governo de S. M. o Imperador, o Nosso Augusto Monarcha Brasileiro, á quem Deus guarde e conserve, Pai commum de todos os Brasileiros, que á todos ama sem excepções e odiosas differenças, sente Elle no seu paternal coração um pezar inexplicavel em ver dilacerar-se reciprocamente os seus amados filhos Brasileiros. Elle pretende, que a todos se administre justiça igual e imparcial, que a todos cheguem as graças e favores de que o mesmo Augusto Senhor póde dispôr; quer que cada um goze dos direitos que a humanidade e as leis lhe outorgam da maneira mais franca e absoluta, sem outra restricção mais que aquella, que a propria humanidade e as leis estabelecem no intuito do bem geral e individual. Com estas vistas destinou um seu Delegado na administração d'esta Provincia. O Exm. e Rydm. Dr. Vicente Pires da Motta é o digno Presidente de nossa Provincia. As qualidades, as virtudes que distinguem este sabio Ministro do Senhor e Delegado de S. M. o Imperador, não permitem que vacille a vossa confiança, a

qual deve ser inteiramente depositada na sua recta e imparcial administração. Não é mister que eu vos assevere a minha desinteressada Missão; poucas provas, mas verdadeiras, tenho dado a esta Provincia, no curto espaço de sete annos, debaixo do Governo de distinctos Brasileiros, que têm sabiamente exercido a Presidencia desta Provincia.

O actual Dignissimo Presidente me encarrega desta difficul-tosa e ardua empreza, e só o desejo e desvélo de ser util ao vosso paiz e a vós todos, que tanto amo e estimo em Jesus-Christo, e a quem devo mil gratidões, e um geral reconhecimento, fizeram com que eu aceitasse a missão, e fosse o organ fiel e desinteressado dos sinceros, rectos e imparciaes sentimentos do actual administrador da Provincia.

Eu, fiado na sua reconhecida probidade e no seu religioso character, affianço a todos que a administração do Exm. e Rvdm. Presidente da Provincia será em todo o sentido justa e imparcial. Posso, emfim, asseverar-vos que isto é o que tenho lido no seu coração.

O Governo do Exm. e Rvdm. Dr. Vicente Pires da Motta não se embarça com mesquinhos interesses dos partidos, e nem sujeita-se á influencia perniciosa dos mesmos partidos.

Tem um pólo fixo para o qual dirige todos os seus passos, e é este o bem geral e individual, bem que só póde conseguir-se pelo exacto e rigoroso cumprimento das leis, sem tergiversações e quacsquer outras simulações, origem dos males que na sociedade se sentem.

São estes os principios que dirigem o Exm. e Rvdm. Presidente da Provincia, e as suas relevantes qualidades vos devem animar a ter confiança em que Deus Nosso Senhor o assistirá na realização dos seus desejos.

A disposição da sua alma benefica é que, si houver chagas que só possam ser curadas pelo balsamo da Clemencia Imperial, ser Elle o Intermediador, para que este balsamo soberano não falte para restituir a saúde ao corpo social; mas é mister que se manifestem disposições que habilitem á empregar este salutar medicamento. E assim como o perdão Divino sómente é liberalisado ao verdadeiro arrependimento, assim tambem o perdão do Soberano não póde recahir sinão sobre os que se mostrarem dignos delle.

Meus amigos e irmãos em Jesus-Christo, acceitai, vos peço, este pequeno serviço meu que intento prestar-vos, procurando-vos o maior bem, que podemos gozar nesta vida, que é a Santa paz. Para conseguir-vos este bem, não me pouparei nunca á qualquer sacrificio, com o unico fim de vêr-vos todos unidos e amigos. Esta esperança de se realisarem, por mercê de Deus e de Maria Santissima, os meus desejos e desvélos, é para mim a maior satisfacção e a unica recompensa, que poderei alcançar dos meus trabalhos nesta vida.

A paz e fraternal união reinem entre vós, meus caros amigos e irmãos em Jesus-Christo, e isto é o que de todas as véras vos deseja quem sempre foi e é

De VV. Illms. Senhores

Noruega, 6 de Maio de 1848.

O mais indigno Ministro de Deus e vosso  
servo e amigo em Jesus-Christo.

FR. PLACIDO DE MESSINA,

Prefeito da Penha.

---

## N.º 2

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Viva a Divina Misericordia! Esta manhan, pelas 9 horas do dia, viajando do Páo d'Alho, cheguei neste engenho do Sr. Coronel José Maria de Barros Barreto.

Exm. e Rvdm. Sr., apenas lhe dei o 'nome da Paz do Senhor, este correspondeu-me com a maior satisfação, e fazendo chegar a todos que empunhavam as armas á minha presença, as depuzeram, e quasi todos já acham-se em caminho para suas casas. A maneira com que este senhor me tratou, merece elogios.

Persuado-me que mui satisfactorio será para V. Exc. este resultado felicissimo. Agora mesmo, meio dia em ponto, circumstancias me impellem para continuar a viagem, e chegar a Nazareth, a objecto de tranquillisar aquella comarca. Eu estou cansado, são quasi trez dias que tenho quasi nada comido, e pouco dormido. Do resto estou contentissimo, por ter até o dia de hoje sahido conforme os pacificos desejos de V. Exc. Rvdm., e beijando as mãos são.

Engenho de Corsai, 8 de Maio de 1848.

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente de Pernambuco,

Humilde subdito e amigo.

FR. CAETANO DE MESSINA,

Vice-Prefeito da Penha.

---

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Paz, e saude lhe deseja o minimo servo fiel e humilde de V. Exc. Rvdma. Hoje mesmo, 9 de Maio, ás cinco e meia horas da tarde, cheguei de Nazareth, (debaixo de chuva e pessimos caminhos), neste engenho de Tamataupe, comarca de Nazareth.

Exm. e Rvdm. Sr., a docilidade, o acatamento e o profundo respeito com que fui recebido do Sr. Joaquim Cavalcante e com os mais armados unidos na melhor ordem, em numero quasi de quinhentos homens, encheu-me de consolação. Pois me respeitaram como um Ministro de Jesus-Christo, e media-neiro da Paz.

Apenas lhes annunciei os pacificos desejos, e que tempo era de retirar-se para suas casas, empregando-se no governo da sua familia, e que o Exm. Presidente não precisava do seu soccorro: Responderam concordamente—Amen.

Eram já e já promptos para sahir, mas estando quasi noute, e desenvolvendo-se o desejo de ouvir-me prégar, assentei amanha cedo nesta capella do Engenho satisfaze-los e despacha-los. Agora mesmo, 7 horas da noute, me obrigaram suspender esta carta, para junto com elles rezarem o Santissimo Rosario, e aproveitando a occasião lhes fiz uma prática. Amanhan, 10 de Maio, continuarei o resultado.

Exm. e Rvm. Sr., graças a Deus, pelas seis horas da manhan, rezei a S. Missa, e préguei; todos assistiram, como si tivessem vindo para ouvir Missões. Isto é com a maior religiosidade, e para não ser prolixo nesta parte, tenho o extraordinario prazer de assegurar a V. Exc. Rvdma., que a força unida em Tamataupe não existe, dissolveu-se, dando vivas á Religião e ao Governo da Provincia, etc.

Mais uma hora de tempo, e voltarei para a villa de Nazareth para concluir a Paz. Eu logo que cheguei a Nazareth em o dia 8, nada pude concluir, por ter achado ao Sr. Delegado autorizado a convocar gente armada por um officio de V. Exc. Rvdma., com data de 3 de Maio, a objecto de sustentar a bôa ordem e o Governo da Provincia, e em segundo lugar por não achar-se desarmado este ponto. Agora, porém, chegando áquella villa, espero, de accôrdo com o Sr. Delegado, diminuir o numero dos armados, e fazer desapparecer inteiramente aquelle character tris-

tonho e bellico, que incommoda aos pusillanimes, e póde ter malficos influxos nesta e em outras comarcas.

O Illm. Sr. Juiz de Direito de Nazareth me informa de reuniões illegaes de gente armada em Limoeiro ; verificando-se o boato lá irei, porém, desejarei antes de sahir desta comarca receber suas ordens pelo mesmo portador.

Beijo as mãos de V. Exc. Rvdma. e dizendo-me são.

Engenho de Tamataupe, 20 de Maio de 1848.

Illm. e Rvdm. Sr. Dr. Padre Vicente Pires da Motta,  
Dignissimo Presidente de Pernambuco.

Humilde servo, subdito e amigo,

FR. CAETANO DE MESSINA,

Vice-Prefeito da Penha.

---

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Paz e saude desejo a V. Exc. Rvdma. Das duas cartas respeitaveis enviadas, relevo, conheço e perfeitamente estou convencido que a sua docil e nobre alma é pacificadora. E outra cousa não deseja que ordem, justiça e paz entre estes provincianos de Pernambuco.

Exm. Sr. Não minto, eu estou animado dos mesmos desejos, mas o espirito infernal tem tudo envenenado e tem semeado tantos enredos entre os povos distantes, e ainda discordes pelos felizes e pacificos resultados de Páo d'Alho, Cursai, Tamataupe e Nazareth, que tem urdido todos os meios para atrazar-me e promptamente avistar-me com os doceis Pernambucanos, e assim obrar com aquella rapidez e velocidade que as imperiosas circumstancias exigiam.

Apenas vi, domingo, 14 de Maio, em paz Nazareth, logo e logo cuidei dirigir-me para a villa do Limoeiro; estavam sellados os cavallos, e caminho fazendo, julguei voltar, e fechar-me nesta freguezia de Tracunhé, pois muitas pessoas fidedignas me asseguraram que do Limoeiro tinham chegado na comarca pacifica de Páo d'Alho, cento e dez homens armados, e os outros ficaram na villa com ordem expressa de impedir positivamente a minha entrada na dita villa de Limoeiro; ora, como eu continuar a viagem na presumpção de achar a força de Limoeiro legalisada como a de Nazareth?

Exm. Sr., desprezo eu as maledicencias, e encaro com coragem evangelica os perigos do meu santo Ministerio, mas, desta vez assentei mais prudente consultar a V. Exc. Rvdma., e depois continuar na obra da conciliação.

Pelo amor de Deus, instrua-me em tão ardua tarefa, e julgando conveniente autorisar-me a dissolver qualquer que seja o adjunto de força armada, toda vez que eu, *in Domino*, o julgar necessario, o faça: si eu tivesse sido autorizado a tanto, Nazareth teria socegado desde o momento que alli appareci, e Limoeiro não teria tido tempo (acho eu) a marchar, porque teria chegado a tempo na dita villa. Do resto, o Altissimo infunda aquella coragem no coração manso e pacifico de V. Exc. Rvdma., que costuma insinuar e inspirar a que em seu nome aqui na terra reina e governa; com anciedade espero pelas sabias, pacificas e consoladoras determinações de V. Exc. Rvdma., e dizendo-me são.

Tracunhé, 16 de Maio de 1848.

Exm. e Rvdm. Sr. Dr. Vicente Pires da Motta,

Dignissimo Presidente de Pernambuco.

Humilde servo, subdito e obrigadissimo.

FR. CAETANO DE MESSINA,

Vice-Prefeito da Penha.

---

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente,

Paz, saude e socego de espirito lhe deseja o mais humilde entre seus subditos. Graças sejam dadas á Gran Mãi da Penha, por ter coroado a minha chegada neste Limoeiro de um feliz resultado.

Apenas, em o dia 21 de Maio, recebi sua respeitabilissima, com data de 19, logo e logo me dirigi para Limoeiro, onde, pelas sete horas da noute, estava (em Ribeiro-fundo, distante da villa uma legua) estava, disse, em Ribeiro-fundo, largamente conferenciando com o subdelegado, ex-delegado e outros influentes amigos do Sr. Coronel Lucena. E informando-os da pacifica missão de que estava incumbido, se retiraram para a villa.

De manhan cedo, 22 de Maio, entrei nesta villa; ainda conservavam-se ao redor da villa os piquetes, tanto mal soffridos, dos pusillanimes e viajantes: cuidei já e já dispersa-los, e concordei deixar para guarhecimento da villa o numero d'aquellas mesmas praças que d'antes existiam, isto é, aquelle mesmo numero que existia antes de apparecer o armamento clandestino nas comarcas.

Haja V. Exa. Rvdma., quanto antes, fazer marchar para a dita villa o destacamento policial, pois o acho mui necessario. A Portaria que V. Exc. Rvdma. se dignou enviar-me, a conservarei occultissima, e só della farei uso, quando os cabeças resistirem á voz da S. Religião de Jesus Christo.

Esta manhan, 23, celebrei a S. Missa, e préguei, exhortando-os a uma verdadeira conciliação, manifestei os paternaes sentimentos de imparcialidade e de justiça, que dirigem o governo de V. Exc. Rvdma., e conclui o acto com a bençam do Santissimo Sacramento.

Hoje mesmo chegaram nesta villa os que tinham marchado para Iguarassú: bem conheci que tal gente não teria sahido dos seus lares, si a tempo eu tivesse tido com elles uma livre entrevista evangelica; do resto, *judicia Dei abyssus multa*.

Pacifico como hoje está Limoeiro, e tendo tido informações de tranquillidade das mais comarcas, breve retiro-me para Páo d'Alho, onde tenho de exercer algum acto do meu ministerio, e aonde para alli aguardo as sabias, prudentes e pacificas determinações; para assim em breve ter o bem de beijar-lhe as

mãos e congratular-me com V. Exc. Rvdma., por ter sido V. Exc. Rvdma., o enviado de Deus nesta Provincia, e não verificar-se o derramamento de tanto sangue.

Villa do Limoeiro, 23 de Maio de 1848.

Exm. Sr. Dr. Padre Vicente Pires da Motta,

Dignissimo Presidente de Pernambuco.

Humilde servo, subdito obrigadissimo.

FR. CAETANO DE MESSINA,

Vice-Prefeito da Penha.

---

Exm. e Rvdm. Sr. Presidente.

Paz e saude desejo a V. Exc. Rvdma., juntamente áquella plenitude de graças necessarias para o feliz desempenho de sua alta e difficillima posição.

Do Limoeiro lhe escrevi que, deixando as comarcas contiguas do Norte tranquillizadas, breve retirar-me-hia para o Páo d'Alho, na Igreja de S. Francisco (perto da villa), a objecto de melhor assegurar a paz.

Exm. Sr., logo que, nestes dias de volta, cheguei nesta comarca de Páo d'Alho, destinei o dia d'Ascensão para solemnisar-se um *Te-Deum Laudamus* em acção de graças. A tal objecto exhortei do Altar e do Confissionario aos devotos, e aos politicos por cartas.

Hontem, 1.<sup>o</sup> de Junho, dia destinado para o *Te-Deum*, de manhan vieram bastantes cavalheiros de um e outro lado, e nas maiores demonstrações de jubilo entrei em a dita villa.

Logo e logo dirigi-me á Igreja Matriz, onde celebrei a S. Missa e préguei, e querendo aproveitar da bôa disposição do povo, reservei o *Te-Deum* para as cinco horas da tarde. Tres

horas ainda não tinham dado, e a Igreja e pateo estavam cheios de povo. Logo arranjei o pulpito em o meio do pateo, e alli préguei sobre os admiraveis e beneficos effeitos do perdão e da paz. Acabado o sermão, se cantou o *Te-Deum Laudamus*, e o povo se retirou.

Exm. e Rvdm. Sr., queira o Altissimo acceitar este acto tão santo, e que sirva não só de exemplo ás mais comarcas, mas que abrande os corações tão exacerbados pelos peccados.

Amanhan, domingo, (nesta Igreja de S. Francisco, onde estou assistindo) prometti ao povo de prégar-lhe, e espero, com auxilio de Maria Santissima, exhorta-los a ser perseverantes em o bem, e despedir-me delles.

Haja V. Exc. Rvdma. dar-me suas novas determinações; pois, eu estou prompto a retirar-me, mas não o farei si V. Exc. Rvdma. ordenar o contrario. Deus conserve em bôa saude a V. Exc. Rvdma., e beijando-lhe as mãos, são.

A. 2 de Junho de 1848.

De V. Exc. Rvdma., Sr. Padre Vicente Pires da

Motta, Dignissimo Presidente de Pernambuco.

Humilde servo, subdito obrigadissimo e fiel.

FR. CAETANO DE MESSINA,

Vice-Prefeito da Penha. (1)

---

(1) Em todas estas cartas conservámos rigorosamente o estylo de Fr. Caetano de Messina, assim como de Fr. Placido. Alterámos tão sómente a orthographia antiquada e a pontuação. Crêmos que era-nos permittido tal proceder.

---

## N.º 3

A proposito de um projecto de lei auctorisando o Governo a conceder ao Padre Janrard o terreno que fosse necessario para a edificação de um templo catholico, levantou-se na Camara dos Srs. Deputados, em 1864, uma discussão de transcendente interesse, tomando parte nella, e defendendo as corporações religiosas, os Srs. Junqueira, nas sessões de 4 e 17 de Março, Macedo, na de 4 do mesmo mez, e Figueiredo, na de 13 de Abril.

Passamos a transcrever alguns topicos mais salientes do brilhante e orthodoxo discurso do Sr. Dr. José Antonio de Figueiredo, uma das intelligencias mais solidas e das consciencias melhor formadas que hajam possuido o partido liberal e o paiz.

Vou dizer algumas palavras em defeza dos capuchinhos.

Sr. Presidente, quando ouvi o nobre deputado, (1) desta tribuna, no meio de uma Assembléa de catholicos, dizer que os capuchinhos (eu não quero ser infiel nas expressões do nobre Deputado) (*lê*) têm dado vida unicamente ao progresso material, fazendo por outro lado abaixar o nivel do progresso moral do espirito humano; quando ouvi ao nobre Deputado dizer que os capuchinhos dizem do pulpito cousas que fazem corar um corneta de regimento; quando lhe ouvi dizer que os capuchinhos dizem cousas que fazem arripiar os cabellos; quando ouvi o nobre Deputado dizer que os capuchinhos estão fanatisando certa

---

(1) O poeta Dr. Pedro Luiz Pereira de Souza, cuja imaginação descrevêra á Camara estupefacta as *Ferramentas do Inferno*. S. Ex. pensou ter exterminado, insultando-as, as irmans de Caridade. S. Exc. é corajoso...

classe muito numerosa da população; quando ouvi dizer o nobre Deputado que os capuchinhos são santarrões, peste, praga religiosa, arvore venenosa, semente de escandalos, propagandistas immoraes; quando ouvi, Sr. Presidente, tudo isto, declaro ingenuamente que tive grande dôr, extremo pezar, por ver tão injustamente, tão cruelmente apreciados os relevantes serviços prestados por esta associação catholica a todas as Provincias do Imperio.

Sr. Presidente, eu não cansarei a casa em repetir ou nomear uma por uma as Igrejas, as vastas e bem construidas Matrizes, os agudes e outros muitos melhoramentos feitos pelos capuchinhos, que o nobre Deputado chama de melhoramentos materiaes, porque eu não poderia repetir em duas horas, percorrendo Provincia por Provincia, Comarca por Comarca, os grandes beneficios, os innumeros bens que esta associação catholica tem feito ao paiz, e que eu espero, mercê de Deos, continuará a fazer. Sr. Presidente, o que é que o nobre Deputado chama melhoramento material? A construcção de um cemiterio, onde os restos mortaes dos nossos semelhantes são guardados e livres dos insultos do tempo e dos animaes! Os cemiterios, onde a piedade filial, onde o coração humano vai inspirar-se e adquirir a certeza de que neste mundo de illusões só ha uma cousa real, a virtude, e que a nossa verdadeira patria é o céo, sendo que a terra e tudo quanto nella existe é pó e só pó! O nobre Deputado chama melhoramento material á construcção de Igrejas, onde os fieis vão orar, onde entram muitos com o coração perverso, com planos sinistros na cabeça, mas donde sahem muitas vezes com o coração melhorado, com essas idéas perniciosas desvanecidas! O nobre Deputado chama a isto progresso material?

Sr. Presidente, eu chamarei a isto progresso e progresso eminentemente moral; mas, como o nobre Deputado chama-lhe progresso material, concedo; vejamos, porém, si estes grandes apóstolos, si estes dignos padres, têm feito no paiz alguma cousa que se possa chamar com propriedade progresso moral.

Eu creio que o nobre Deputado chamará progresso moral o amor do trabalho, o amor da ordem, a tranquillidade publica, a extincção de uma revolução, o evitar a effusão de sangue, o socorrer ás cidades pestiferadas, etc., etc.! Creio que tudo isto é melhoramento, é bem moral. Pois bem, tudo isto e muito

mais ainda têm feito esses verdadeiros apóstolos em grande escala, e para prova citarei poucos factos.

Eu tenho aqui, Sr. Presidente, em duas paginas, a descripção de todas essas Igrejas, de todos esses templos, de todos esses açudes feitos por esse digno homem, (Fr. Caetano Messina) que faz parte de uma comunidade cujos membros não sei em que são mais uteis, si á educação moral e religiosa do povo, si á industria do paiz e ao trabalho em vantagem da agricultura.

Si os açudes, Sr. Presidente, na phrase do nobre Deputado, constituem um melhoramento material, e talvez no seu pensar de pouca monta, é porque o nobre Deputado não conhece o interior de algumas de nossas Provincias, e não sabe avaliar o que custa a agua, esse elemento essencial á vida, o que ella custa nos aridos sertões do Norte, em que o pobre povo em tempos de secca vê-se obrigado a caminhar duas ou tres leguas para disputar no interior da terra um pouco d'agua lodosa, má, prejudicial á saude; si para alguns que ignoram isso, esses melhoramentos são melhoramentos materiaes, para outros são tambem fonte e condição de melhoramentos moraes, porque a satisfação das necessidades phisicas do homem é uma condição para sua regeneração moral.

Sr. Presidente, não quero mais abusar da paciencia da casa (*não apoiados*); sejam minhas palavras finaes em relação ao nobre Deputado estas duas proposições—Respeito ao Clero! Respeito ás irmandades de caridade! E respeito ao clero, seja qual fôr seu habito religioso; respeito ao clero, porque seus membros nos fazem, nos promettem bens que os legisladores, os poderes humanos, não nos podem prometter e nem dar-nos; respeito ao clero, porque os seus membros nos fallam da religião, que presta á sociedade o mais util apoio, apoio indispensavel ao Estado, porque só a religião dá aos dogmas sociaes um apoio efficaz, porque sem ella todo o poder torna-se incerto e vacillante; respeito ao clero, porque, ao passo que os legisladores da terra se occupam muito dos direitos do homem, a religião pela bocca dos seus ministros só nos impõe deveres; respeito ao clero, porque, si elle exige de nós deveres infinitos, tambem nos promete recompensas infinitas; respeito ao clero, porque, si para recompensar dos serviços civis os poderes humanos lisongeam muita vez a vaidade, excitam as paixões, as rivalidades, o orgulho, a religião

faz o contrario, em vez de excitar as paixões abate-as, e faz com que o orgulho seja substituido pela humildade.

Finalmente, respeito ao clero, porque só elle em nome da Religião nos póde alentar com a esperanza futura para soffrer com resignação os males desta vida presente; só elle póde explicar os effeitos funestos das desigualdades sociaes, muitas vezes originadas pela injustiça de nossas leis.

---

Somos levado, naturalmente, a transcrever um fragmento do sermão que, por occasião da festa de S. Pedro prégou, sobre a influencia benefica do sacerdocio catholico, o Rvd. Sr. Dr. Conego JOAQUIM DO MONTE CARMELLO, em 24 de Julho de 1864:

É o santo ministerio desses homens, é o divino sacerdocio de Jesus-Christo, que se ousa acoimar de prejudicial ou inutil á sociedade em que vivemos! Porém, que muito é, que cégos declamadores, no máo gosto de tudo censurarem, de reprovarem tudo o que não sahe de suas mãos, levantem-se contra verdades de pura intuição? Porventura não são elles os mesmos homens, de quem S. Pedro diz que *negaram até o proprio Senhor que os resgatou?*

Voltando porém ainda ao simples sacerdote no desempenho de sua missão de paz, permittí, christãos, que vos repita o que disse o digno administrador de Pernambuco ao Ministro do Imperio, nos dias difficeis que preludiaram o luctuoso mez de Fevereiro de 1849: « Constando-me que as povoações do Páo d'Alho, Cursai, Tamataupé e Nazareth achavam-se em armas, expedi para lá força que as pacificasse, o que felizmente conseguiu-se. Sabe, porém, V. Exc. de que força lancei mão? De dous pobres e humildes capuchinhos! Fr. Pacifico e Fr. Caetano de Messina foram os soldados, que, pelo prestigio de sua palavra e efficacia de seus apostolicos esforços, puderam pacificar aquelles povos. » Isto mesmo, christãos, experimentou-se ainda naquella mesma provincia, por occasião do famoso movimento causado pela lei do—Censo.

---

Noticiando o proximo apparecimento deste livro, assim se expressou, mui benevolmente, o correspondente fluminense do *Correio Paulistano*, em 7 de Dezembro de 1878. Citamos suas palavras unicamente pela homenagem que prestam aos frades:

—*Frei Caetano de Messina*.—Estudo Historico-Religioso por Estevam Leão Bourroul.—Eis aqui um bonito titulo, que se converterá em breve num excellente livro. Eis aqui o motte que será glosado opportunamente, pondo em relevo as virtudes christans e o zelo apostolico desse notavel missionario, e ao mesmo tempo o talento brilhante e a aptidão incontestavel do moço paulista, que hoje é uma esperanza fagueira dessa Athenas Brazileira, e amanha, si perseverar no estudo, como confiamos, será uma gloria da nossa Patria querida.

Não se assustem os anti-fradescos e anti-padrescos, que para mal delles, não estudam a nossa historia de hontem, para fazer justiça aos nossos homens de hoje. O que não deve o Brazil aos frades em todos os sentidos, e em todos os ramos dos conhecimentos humanos?

Quem edificou nossas Igrejas, levantou nossos edificios, ergueu nossas pontes, derrubou nossas mattas, arroteou e plantou nossos campos? Quem espancou as trevas do espirito de nossos aborigenes, quem edificou essa cidade illustre por seus homens e por seus feitos? Quem fez o que não fazemos, e o que ora gosamos, sempre mordendo, criticando, maldizendo?

Quizeramos que lançassem no fogo da Inquisição, (com a qual nada tiveram os jesuitas e foi um verdadeiro tribunal civil, como attesta a verdadeira historia),—quizeramos que reduzissem a cinzas o que de nós escreveram os jesuitas, e depois nos dissessem onde estava a historia do Imperio Brazileiro!

Então, para que tanta ignorancia ou má fé, de envolta com tanta ingratição?

Isto veio a proposito de Fr. Caetano de Messina, o frade capuchinho, humilde, descalço, vestido de burel, que edificou templos, construiu chafarizes e pontes, fabricou cemiterios, estabeleceu escolas, prégou o amor ao trabalho, a obediencia á lei e o temor de Deus, tendo como recompensa do seu zelo e de suas fadigas o escarneo, o insulto e a calumnia!

Protestem como e quando quizerem os antifradescos, ahi estão seus feitos d'elle, que hão de ser registrados na Historia Patria. Não foi elle o pacificador de revoltas, o conselheiro da paz e da concordia, o homem que fez do Brazil o theatro de suas façanhas incruentas e gloriosas?

Foi, dil'ò documentos officiaes e officiosos, sem que possam negar aquelles que o macularam cobardemente com toda a sorte de improperios.

Render, pois, homenagem á um tal homem, nestes tempos de descrença, de indifferentismo e de glorias ephemeras, é um acto de muita justiça, de muita coragem, e de muita nobreza.

Estevam Bourroul presta um serviço relevante á Religião e á Patria, apresentando Fr. Caetano de Messina tal qual foi, e não como querem que tenha sido.

Esperemos o livro do moço talentoso e cheio de entusiasmo pelas grandezas intellectuaes, moraes e materiaes do seu paiz, e não deixemos de animal-o, porque taes commettimentos merecem galardão.

Louvemol-o em vida, quando o vemos na arena disputando o premio do vencedor, e não esperemos que elle se fine como Alvares de Azevedo ou Fagundes Varella, cujos nomes ainda echoam nas arcadas dessa Academia.

Fallamos tanto em *liberdade e tolerancia*!... Como pois, não ser livre e não tolerar-se ao escriptor destas linhas, que elle externe o seu pensamento com toda a franqueza de que é capaz?!

Si se brada contra os frades, porque não se ha de permittir a sua defeza? Seria um contrasenso, em um paiz em que se falla, se escreve, se sonha, se usa, se abusa, se almoça, se janta e se cêa *liberdade*, adubada com todos os temperos, e consoante a todos os paladares!

Estamos tranquillos sobre este ponto, e por isso proseguimos, sem olhar para traz. Haja discussão, para haver luz. Não é o que querem?

---

A poesia que segue é um poemeto magnifico de inspiração, e o traductor ficou digno do autor. E' a apothese do frade. E' pena que o joven cantor

dos Quadros Biblicos se deixe arrastar pela corrente do seculo : o seu lugar não está entre os diffamadores das leis da sociedade christan, e sim entre os levitas que empunham a lyra para entoar os psalms do Senhor.

## O FRADE

(RICARDO GUTIERREZ)

Quando o mundo passado  
A orbita do Olympo percorria,  
N'um céu ermo de Deus, desamparado ;  
Quando a sciencia idolatra mentia,  
A arte prostituida blasphemava  
E aos sons do estrondo de perpetua orgia  
A humanidade misera rolava ;  
— A cruz abriu os descarnados braços  
Com a sombra gigantea o chão cobrindo,  
E o homem, nella ao estampar os passos,  
O Deus sentindo que o universo encerra  
Ergueu a fronte augusta ao céu infindo  
E de joelhos depois cahiu por terra.

Assim a humanidade foi remida,  
Assim Christo na cruz mudou-lhe a sorte,  
Assim da treva esqualida da morte,  
Ao fulgor immortal ergueu a vida.

Do baixo poviléo ao Deus pujante  
Sómente a cruz alcança :  
— Da terra ao céu ella é no abysmo hiante  
A taboa salvadora da esperança.

As crenças passam, a razão vacilla,  
De todo o ideal das artes se transforma  
E a propria estirpe humana incerta oscilla  
No torvelinho eterno,  
Em que a dirige o resplendor superno,  
E, achegando-se a Deus, muda de fórma.

A sciencia indecisa balbucia,  
Em vão batendo da verdade á porta,  
E nem sequer encontra na porfia  
As leis que regem a materia morta ;  
Do pensamento accende  
A soberana inspiração suprema  
Que dos homens na fronte altiva explende  
Qual do genero humano o diadema.

O que é feito da espada,  
Do poderio e gloria  
Com que altaneira a Hespanha levantada  
Em éras mortas deslumbrou a historia  
Quando pisou na America ignorada ?  
Que fim ha tido a esteira  
Que nas ondas marcou o itinerario  
Dessa audaz caravella aventureira  
Que Colombo com fé christan e insana  
Guiava temerario ?  
Sómente existe a cruz do missionario  
Abraçando esta plaga americana.

Com jubilo profundo,  
Reconhece-o a razão que indaga e estuda,  
E a alma escuta-o na esperança terna ;  
— Tudo passa no mundo,  
Nos recantos do orbe tudo muda,  
A cruz só — é eterna !

Homem mortal que brilhas  
Na aureola de Deus como uma estrella,  
Eu sou o frade que a mofar humilhas,  
Eu a cruz alevanto e morro nella :  
Sou o seu missionario verdadeiro,  
Sou o seu combatente solitario :  
Todas as sendas sobre o mundo inteiro  
São para mim a senda do Calvario.

Filho proscripto da familia humana,  
Do amor a chamma para mim não arde,

E o remanso da paz, a doce calma  
Fecham-se sempre aos vãos de minh'alma  
Que esses laços bemditos liga ufana  
Que o pai ao filho prenderão mais tarde.

Sobre o berço innocente  
No qual quieto e risonho  
Ensaías inda o tímido respiro,  
De Deus o scello em tua fronte eu ponho ;  
E no leito dolente  
Onde exhalas o ultimo suspiro  
Da vida que precaria desfallece,  
Alento-te a partida,  
Te aponto o rumo para a eterna vida,  
Elevando-te aos céus na minha prece.

Quando o teu coração no peito bate,  
Sob a nobre couraça de soldado,  
Eu sigo-te ao combate  
Com a sandalia de meu pé chagado,  
E entre as nuvens de sangue e de metralha  
Que escondem teu despojo aos céus, não tremo :  
A cruz, faço-a beijares na batalha  
E fecho os olhos teus no arranco extremo.

E tambem na existencia, triste e pobre,  
Do Christo eu sou soldado :  
Sob o burel grosseiro que me cobre  
O corpo macerado,  
Eu levo arma divina,  
Eu levo a cruz sagrada  
Que as tribus dos Caraibes illumina,  
A cruz que vence a espada.

A cruz que no teu lar guarda constante  
A fé sublime que o amor repousa,  
A cruz perante a qual repete o infante  
Da mãe a prece e as orações da esposa.

A cruz que no regaço  
D'abençoada terra

Que as cinzas frias dos teus pais encerra  
Te cinge os filhos com eterno abraço.

Quando as hordas dos barbaros rugindo  
D'Attila á sombra féras se lançaram,  
E sobre a Europa tremula cahindo  
Nos seus proprios destroços a abysmaram,  
O frade moribundo,  
Até nas catacumbas perseguido,  
Salvou nas catacumbas escondido  
O progresso do mundo...  
A sciencia, a verdade, a arte, a historia,  
A civilisação que nos revela  
O caminho da gloria,  
Quando a cruz resurgiu nasceu com ella.

O que foi o teu lar em tempos idos  
E a mansão onde o amor sorri-te agora?  
E a tua patria inteira onde hoje impera  
O progresso que os passos nella estampa,  
Não sabes tu o que era  
Antes de vir a hora  
Em que eu a cruz alcei-lhe entre gemidos?  
— Um deserto selvagem — era a Pampa!...

Sobre ella eu me arremesso e vou na frente  
Do barbaro arrostar a hervada frecha;  
Nas densas hordas a primeira brecha  
Ao humano pensar lhes abro ardente,  
E nos rastros do sangue d'agonia  
Com que o deserto indomito fecundo  
Estende a liberdade a ferrea via  
Franca ás cruzadas do porvir do mundo.

Sobre ella me arremesso, e nada perco  
Na existencia de glorias rodeiada,  
Quando da tumba esqualida me acerco  
E a morte os olhos meus ao brilho cerra...  
Na existencia quem ha de

Sentir por mim as magoas da saudade?...

— Só a pedra escavada

Em que eu poisava a fronte fatigada,

Ou as codeas do pão que pela terra

Alimentou-me os passos na jornada.

Depois... na minha cova humida e fria

Da existencia feliz um só lamento

Soa alta noite, na soidão sombria;

— E' o gemido do vento.

E eu caio sob a cruz com que combato

Dos homens pela gloria, — eternamente,

Pois nada me detem.

E agora, oh mundo atheu, oh mundo ingrato,

Condemna-me inclemente,

E nas faces m'escarra o teu desdem!...

AFFONSO CELSO JUNIOR.

---

## N.º 4

Da refutação produzida pelo Monsenhor JOAQUIM PINTO DE CAMPOS, em 1864, das accusações assacadas pelo Sr. Dr. Pedro Luiz Pereira de Souza, transcrevemos o seguinte trecho, relativo á Igreja do Castello :

Com quanto os missionarios capuchinhos francezes viessem para o Rio de Janeiro no meado do seculo XVII, a prefeitura só foi erigida em 1738, isto é, dezoito annos depois que Fr. Antonio de Perusia e Fr. Jeronymo de Monte Real, vindos da Italia para a missão de S. Thomé, alli arribaram.

Accommodaram-se na Igreja do Bom-Jesus, ou hospicio dos Terceiros, mas como pouco depois fosse a Igreja comprada pela irmandade de homens pardos, os capuchinhos sahiram.

Deu-lhes o Bispo a capella da Senhora do Desterro, ora convento de Santa Thereza, e a casa annexa, que lhes serviu de hospicio até 1739.

Como porém estivesse tudo mui damnificado, offereceu-se-lhes a Igreja e casa de Nossa Senhora da Ajuda por uma resolução real de 9 de Abril de 1738, mas os padres renunciaram á mercê, para não serem expulsas as religiosas.

Voltaram, pois, para o primeiro hospicio de Nossa Senhora da Conceição, fabricado pelos missionarios capuchinhos francezes em 1668, mas não se poderam lá conservar, por ter o Bispo D. Francisco de S. Jeronymo levantado alli o seu paço.

Mandou então El-Rei D. João V edificar um hospicio, com a invocação de Nossa Senhora da Oliveira (hoje quartel de permanentes) com a sua casa, sito na rua que destes frades tomou o nome de *Barbonos*.

Ahi permaneceram até a vinda da familia real em 1808, quando aquella casa foi entregue aos religiosos do Carmo, passando os missionarios capuchinhos para a Igreja de Nossa Senhora da Gloria.

A irmandade dessa Igreja não se deu bem com os frades, os quaes foram mandados habitar na de Santo Antonio dos Pobres, que o Sr. D. Pedro I mandou reparar a custa do Theouro Nacional.

D'alli se retiraram, uns para a Europa, outros para as aldeas, prestando valiosos serviços.....

Corria o anno de 1840, quando S. M. o Imperador, recordando-se do muito que o paiz anteriormente á independencia devêra aos missionarios capuchinhos, resolveu mandar-se novamente chama-los, para construirem uma prefeitura central, e d'aqui sahirem para cathechisar os indios, onde o Governo indicasse.

Veiu, pois, o Padre mestre Fr. Fidelis de Montesamo com cinco religiosos, que foram morar no mosteiro de S. Bento interinamente: sendo-lhes dada a escolha de varias Igrejas; — Fr. Fidelis preferiu a mais incommoda, pobre e arruinada, a de S. Sebastião do morro do Castello, permittindo-o a Providencia para que não abatesse, antes de se erguer um monumento historico e religioso.

Em 1842 o Governo entregou, pois, á Fr. Fidelis a Igreja e o terreno adjacente, medido e demarcado, como consta da planta topographica, lavrada pelo tenente-coronel de engenheiros Domingos Monteiro — *com a condição de que, em tempo nenhum, os ditos missionarios se podessem considerar donos do que o Governo acabava de lhes entregar.*

---

Cabem neste lugar algumas palavras sobre o novo templo de Nossa Senhora da Penha, no Recife, pois a elle está, de qualquer sorte, ligado o nome de Fr. Caetano de Messina.

Dos *Ligeiros Traços sobre os Capuchinhos*, do Sr. Dr. Joaquim Guennes da Silva Mello, extractamos os seguintes fragmentos, escriptos em 1871:

Apostolos zelosos e dedicados ao culto divino, elles com dôr no coração viam as más condições em que se achava o seu templo nesta cidade. Edificado ha mais de duzentos annos, e quando era bem differente o aspecto do Recife, então povoação, o templo de Nossa Senhora da Penha reclamava uma reforma importante, que devia comprehender todo o edificio, por isso que as suas maiores ruinas eram nas partes mais essenciaes aos officios divinos. Em consequencia do calçamento da cidade havia o templo ficado tres palmos abaixo do nivel della, de sorte que as aguas das chuvas penetravam tanto que tocavam no corpo da Igreja, não obstante se ter levantado da parte externa dous degrãos. Nessas circumstancias a reconstrucção do templo era inevitavel e de uma necessidade palpitante.

Os animosos levitas, que professando o vóto de pobreza, têm-n'ò sabido fielmente cumprir, sem que, entretanto, lhes sirva elle de embaraço ás gigantescas obras, que em todos os tempos e em todos os lugares têm elles levantado, não esmoreceram, e, depositando toda a sua-fé nas promessas do Mestre, trataram de levar á effeito os planos gigantescos de suas arrojadas concepções! Elles bem comprehendem que a riqueza do missionario está no coração do povo pernambucano, corajoso e bravo, mas tambem extremamente religioso, e foi por isso que elles se atreveram á emprender tão arduo, e ao mesmo tempo tão glorioso trabalho! Louvores sejam tributados á esses incansaveis varões, que parecem desconhecer as fraquezas da humanidade, e aos quaes não atemorizam as distancias, nem as intemperies do tempo, nem o rigor das estações! Louvores á esses apostolos modelos, que, atravessando tantas regiões e climas differentes, em todas têm sido abençoados pelos seus esforços, e ainda não desmereceram um só atomo do conceito em que sempre foram tidos!

O edificio da nova Igreja de Nossa Senhora da Penha tem 65 metros e 70 centimetros de comprimento, com a largura de 28 metros e 40 centimetros. A fórma ou a configuração do edificio é de uma cruz latina contendo tres naves, com um magestoso zimbório, cuja chave vem á ficar na altura de 42 metros, comprehendendo-se nessa altura a elegante claraboia, sobre a qual deve ser collocada uma imagem colossal de Nossa Senhora da Penha. Por traz desse zimbório erguer-se-hão duas elegantes torres de 40 metros de altura, com a fórma quadrangular de

5 metros e 70 centímetros até á elevação de 20 metros, transformando-se o resto para a fôrma octogona.

Todo o edificio é de ordem corynthia.

E' essa a fiel descripção do novo templo, em consequencia das alterações que foi preciso fazer á planta do Sr. Carimini, sabio architecto romano, o qual á seu turno se inspirou nos apontamentos e riscos do habil e incansavel ex-prefeito, Fr. Seraphim de Catania, alterações que se basearam em algumas circumstancias peculiares, como as de lugar, clima, etc., etc., e que foram realisadas pelo irmão leigo, Fr. Francisco de Vicencia, habilissimo architecto italiano, que os zelosos capuchinhos mandaram vir e que se acha em o seu hospicio. Essa descripção, cuja fidelidade é garantida pela firma do mesmo architecto, que foi quem a coordenou, devemos á bondade do incansavel missionario, Fr. Venancio Maria de Ferrara, muito digno vice-commissario dos capuchinhos no Brasil e prefeito desta Provincia.

No domingo, 6 de Novembro de 1870, foi, com toda a solemnidade, assentada a primeira pedra desse magestoso templo, que symbolisa um primoroso esforço do zelo apostolico dos capuchinhos. O acto teve lugar ás 5 e meia horas da tarde, officiado o Exm. Sr. Vigario Capitular e assistindo o Exm. Presidente da Provincia com um crescido numero de pessoas gradas e immenso concurso de povo, que, todos juntamente, se regosijavam com o espectaculo magnifico da piedade capuchinha.

No dia 6 de Novembro de 1870 foi, portanto, com toda a solemnidade, assentada a primeira pedra, ficando com ella sepultado o seguinte distico, que se acha gravado na lapide marmorea á que acima alludimos: — « No dia 6 de Novembro de 1870, no reinado de S. M. I. D. Pedro II, sendo Presidente da Provincia o Exm. Sr. Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque, os missionarios apostolicos capuchinhos lançaram a primeira pedra da nova Igreja de Nossa Senhora da Penha, em substituição da que tinha sido erecta no anno de 1655, dista 270 palmos distante da presente, sendo actualmente commissario geral o Rvdm. Padre Fr. Caetano de Messina, e prefeito desse hospicio o Rvdm. Padre Fr. Seraphim de Catania. »

---

N.º 5

CAÇAPAVA

Auto do lançamento da primeira pedra nos alicerces abertos e preparados ad hoc no grão pateo desta cidade de Caçapava para edificar-se a nova Matriz.

Aos vinte e cinco dias do mez de Maio do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos setenta e seis, dia da Gloriosa Ascensão do mesmo Senhor; imperando na Santa Igreja Catholica Apostolica Romana o SS. Papa Pio IX; no Brasil o mui poderoso e alto senhor D. Pedro II; na Igreja Paulistana o mui digno Exm. Sr. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho; como Presidente da Provincia o Exm. Sr. Dr. Sebastião José Pereira; e Juiz de Direito da Comarca o Illm. Sr. Dr. Francisco Ribeiro de Escobar; em presença de todas as autoridades do municipio e Camara Municipal, com assistencia de quatro a cinco mil pessoas dos dous sexos, inclusive os padrinhos, mordomos e zeladoras, no fim deste assignados: pelas quatro horas da tarde do referido dia sahiu da velha e actual Matriz com direcção aos alicerces préviamente abertos da nova Matriz, que vai edificar-se, uma solemne procissão, formada pelas duas irmandades do SS. Sacramento e S. Benedicto, officada pelo Rvdm. Fr. Caetano de Messina, Prefeito Commissario Geral dos Missionarios Capuchinhos, devidamente paramentado, acompanhado pelo Rvdm. Vigario desta parochia, Francisco Marcondes do Amaral Rodovalho, e pelos Rvds. Sacerdotes Raphael Daniel e Francisco Cosco, indo em seu centro o andor de Nossa Senhora da Ajuda, carregado pelas senhoras zeladoras, e circumdado por muitas virgens, todas vestidas de branco, com a cabeça e rosto velados.

Vinham tambem em seu centro, atrás do andor de Nossa Senhora, os doze padrinhos, segurando, por meio de doze fitas de diversas côres, a pedra que devia tampar a caixa aberta na grande pedra que devia ser lançada nos alicerces.

Esta procissão, tendo dado uma volta pela rua do Commercio e subindo pela Municipal, chegou afinal, na melhor ordem, aos referidos alicerces.

Ahi, tendo o Rvd. Missionario feito assignar este auto em uma mesa para esse fim ahi collocada, o encerrou dentro desta caixinha de folha de Flandres, com diversas moedas, de ouro, prata, nickel, cobre e bronze, todas cunhadas no tempo do actual Imperador, diversas veronicas e medalhas de diversos Santos, um Relicario de prata, doado pelo Rvd. Missionario, contendo doze reliquias de diversos Santos, legitimamente authenticado, e um registro com o retrato do actual Santissimo Papa Pio IX.

Depois disto, fechada a caixinha, a metteu dentro de uma caixa préviamente aberta em uma grande pedra, a qual (caixa) foi tapada com sua respectiva tampa de pedra, gateada com quatro gatos de ferro e chumbada.

Feito isto, e collocada a Pedra no alicerce, procedeu o Rvd. Missionario á bençã da mesma com toda a solemnidade, seguindo-se pelo mesmo uma missão a respeito, n'um pulpito ahi collocado.

Assim finalisou este acto imponente e magestoso, com o maior entusiasmo e alegria de todos os assistentes, em tudo igual ao que já se tinha manifestado no dia 21 do corrente, no levantamento do Santo Cruzeiro, cujo acto foi coroado por uma missão *ad hoc*, prézada pelo mesmo Rvdm. Fr. Caetano de Messina, a qual finalisou pelo acto mais pathetico, que temos presenciado em nossa vida.

E para a todo o tempo constar se lavrou o presente auto, que será igualmente transcripto no livro do tombo desta matriz. E eu, Silvano Corrêa de Toledo, escrivão da provedoria, que o subscrevi.—Fr. Caetano de Messina, o Vigario Francisco Marcondes do Amaral Rodvalho, Padre Raphael Daniel, Padre Francisco Cosco, João Lopes Moreira (Commendador), Francisco Alves Moreira (Capitão), Miguel Archanjo da Silva (Dr.), Manuel Pereira de Souza Arouca (Dr.), Antonio Moreira Leite (Capitão), José Manuel de Freitas Valladão (Capitão), Mariano

Valladão de Freitas, Benedicto da Rocha Machado, Manuel Esteves de Jesus Junior, João Rodrigues de Oliveira e Silva (Advogado), Manuel Innocencio Moreira da Costa (Advogado e Deputado), Moysés Corrêa de Siqueira. Zeladoras: D. Anna Luiza de Tolosa Gil, D. Anna Domingues Arouca, D. Carolina da Cunha e Silva, D. Carolina Moreira Leite, D. Francisca Maria do Espirito Santo, D. Francica da Costa Carvalho, D. Escolastica Maria dos Anjos, D. Anna Rosa Marcondes, D. Francisca Maria de Freitas, D. Anna Rosa Marcondes Leite, D. Antonia Maria de Freitas, D. Maria Francisca de Siqueira. Mordomos: João Morcira da Costa, Marcellino da Costa Carvalho, José Rodrigues Moreira, Francisco Candido Corrêa, José Felix de Paula, José Cezario da Silva Lorena, Thomaz Augusto de Oliveira, Graciano Ribeiro da Silva, Claudino Ribeiro da Silva, Bellarmino Manuel de Freitas, Silvano Corrêa de Toledo (Tenente), Januario Antonio de Gouvêa.

---

## N.º 6

### MISSÕES EM TAUBATÉ

Illm. e Rvdm. Sr. Redactor do *Apostolo*.—Tenho prazer em comunicar á V. S., afim de tornar publica a verdade, os seguintes factos relativos ás missões do inclyto capuchinho Fr. Caetano de Messina.

No dia 11 de Junho chegou o illustre e zeloso missionario a esta cidade e foi hospedar-se no convento de Santa Clara. Depois de algum descanso das fadigas das missões notaveis que fez na parochia de Caçapava, abriu no dia 18 suas prédicas.

Neste dia, reunido o povo na matriz a meu convite, fiz uma breve exposição, mostrando a sabedoria da Igreja mandando pregadores extraordinarios, e fiz ver quem era o ancião respeitavel que providencialmente se achava no meio de nós.

Seguiu depois o povo para o convento de Santa Clara, levando eu a Sagrada Imagem de Jesus Crucificado, acompanhada pelo clero, pela Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia, pelas Irmandades do Santissimo Sacramento e de S. Benedicto, e, chegados, proferio o dedicado missionario sua primeira missão.

No dia seguinte, celebrou no cemiterio municipal, com grande concurso de fieis, e alli fallou largamente sobre a lembrança da morte e os suffragios pelos finados.

Continuou depois a prégar de manhan, depois da missa, e á tarde. De seus labios cahiam constantemente os mais salutaes conselhos, as mais santas admoestações, e tanta força têm suas palavras, que muitos inimigos se reconciliaram; muitos casados que viviam separados se reuniram; muitos concubinarios se casaram!

Concorreram á confissão e chegaram á sagrada Mesa da Eucharistia cerca de quatorze mil pessoas!

Entre tantas cousas uteis que disse, lembrarei as sabias exhortações referentes á leitura de máos livros e jornaes impios, que

tanto abundam e envenenam ao povo, os conselhos sobre a necessidade de lêr e estudar a boa doutrina nos livros catholicos e nos jornaes dedicados á defeza da Igreja, entre os quaes prima o *Apostolo* por sua firmeza e tenaz dedicação.

Discorreu com sabedoria e muita clareza sobre a autoridade da Igreja e sobre o dever que tem, quem quizer ser catholico, de aceitar e respeitar essa autoridade constituída por Deus mesmo.

Prestou a este povo o maior serviço que era para desejar, prevenindo-o a respeito da maçonaria. Fez ver em clarissimos termos ao alcance de todos, como a Igreja, mãe carinhosa, quer a união entre seus filhos, mas tornou tambem muito patente que ella não póde deixar de corrigir os que erram e nem permittir que fiquem entre os seus filhos fieis os ingratos que contra ella se levantam.

Justificou perfeitamente a Santa Sé nas condemnações, tantas vezes repetidas, contra as sociedades secretas, e disse que cumpre esperar tranquillo as decisões que brevemente têm de apparecer, pela concordata que naturalmente se realisará entre o Governo Brasileiro e a Santa Sé.

Pedio ao povo que cerre os ouvidos á grita infernal dos revolucionarios, e que confie na sabedoria da Igreja e na lealdade do Governo Brasileiro.

Pedio muitas e repetidas vezes ao povo, por tudo quanto ha de mais sagrado, pelo Sangue de Nosso Senhor Jesus-Christo, que não se envolva na maçonaria e que trema das condemnações tantas vezes repetidas contra as sociedades secretas, pelos Soberanos Pontifices da Igreja de Deus.

Tornou bem patente e ao alcance de todos—que entrar na maçonaria é sahir da Igreja Catholica.

Outro serviço memoravel foi a mudança do dia da feira. Era aqui inveterado costume fazer o povo a feira em dia de domingo, e ninguem, nem a camara municipal, se atrevia a lutar contra esse abuso. Fr. Caetano fallou contra elle e mudou a feira para o dia sabbado, sem a menor difficuldade nem reluctancia de ninguem!

Além destes bons serviços, com as esmolas dos fieis reformou todo o forro da Igreja do convento de Santa Clara, e retelhou uma grande parte do telhado. Restabeleceu a Igreja no cemiterio dos bexiguentos e disse missa alli, sob o tecto como por encanto levantado ao aceno de sua voz.

Ergueu cinco cruzeiros em honra das cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo.

Fez carpir e limpar toda a immensa área do cemiterio municipal e do largo chamado da Forca, que hoje ficou com o nome glorioso de—Largo de Nossa Senhora do Bom Conselho.—Nivellou a ladeira junto ao convento.

Arborisou diversos largos e pateos; emfim, no correr de trinta e quatro dias de afanoso trabalho, immensos e innumeraveis foram os serviços prestados a esta cidade e parochia por Fr. Caetano.

No dia 22 de Julho annunciou sua partida para o dia seguinte.

Querendo fechar os trabalhos da missão com um grandioso serviço em favor da educação da infancia, discorreu sobre a necessidade de fundar-se nesta importante cidade um collegio, onde encontre o sexo feminino educação religiosa e adequada, especialmente as meninas pobres, e declarou que nos dous seguintes domingos pretendia celebrar missa por todos os fieis que dessem uma esmola a favor de tão pio estabelecimento. As esmolas recolhidas se approximam já a tres contos de réis.

Ficou nomeada uma comissão para receber as esmolas, e fiquei eu incumbido de entender-me com o Exm. Sr. Bispo Diocesano, sobre o modo de realizar-se tão grande bem. Só aguardo a volta do Exm. Sr. D. Lino da Europa, para dar andamento á este projecto e conto leval-o avante sob sua valiosa protecção.

No dia 23 apenas amanheceu, immenso povo agglomerou-se no pateo do convento de Santa Clara, e ahi com religioso respeito assistia á missa do incansavel missionario. Depois se entretinha o povo com canticos sagrados.

A's 9 horas, acompanhado do clero deu Fr. Caetano a bençã papal, segundo suas faculdades, concedendo indulgencia plenaria em fórmula de jubiléo aos fieis que se confessaram e que se confessassem até o dia 9 do corrente mez. Finda a bençã, retirou-se á sacristia da Igreja da Ordem Terceira da Penitencia, e logo depois voltou, trazendo no braço sua capa, e na mão seu chapéo de viagem, para dar o ultimo adeos aos habitantes desta cidade. Suas palavras amargadas pelas lagrimas que corriam por suas faces venerandas, sumiam-se, e apenas ouviam-se os sentidos ais que se levantavam entre a immensa multidão!

Era mister partir para ir fazer o bem a outros povos, que anciosos o esperam; mas querendo retirar-se, seus passos eram detidos pela onda de fieis que queria beijar suas mãos sagradas, e essa scena triste e imponente mostrou quanto ama o povo catholico ao sacerdote de Jesus-Christo dedicado ao seu ministerio.

Não devo deixar de fazer publico que estão acima de todo o elogio os serviços prestados pelos Rvdms. Fr. Miguel Tramontano

e Padre Francisco Cosco, residentes no convento desta cidade, coadjutores Padre Antonio Moreira de Souza e Almeida e Padre Francisco Carlos de Alvarenga, e Rvdms. Padres Francisco Monteiro Cezar e Antonio Pereira do Amarante Costa, que confessavam dia e noute, para satisfazer aos desejos dos fieis que concorriam, tanto desta parochia como das circumvisinhas.

Não é menos digna de elogios a boa vontade e promptidão do Rvd. Sr. Conego Francisco Justiniano de Abreu e Andrade, digno Vigario da vara, no preparo dos papeis de casamentos.

Fr. Caetano é um grande homem, e seu nome ficou ligado á esta cidade pelos innumeraveis serviços que prestou. A religião, a sociedade, a familia, o individuo, tudo ganhou e muito, nas missões que não posso relembrar sem saudades.

Sirvam, Sr. Redactor do *Apostolo*, estas poucas palavras, para formar V. S. o noticiario das missões de Fr. Caetano de Messina, nesta cidade, e, si entender que convem, póde imprimir esta sob a responsabilidade de meu nome, que, si bem muito obscuro, é de um parochio que esteve sempre presente ás prédicas do missionario.

O Vigario Collado,

Padre JOSÉ PEREIRA DA SILVA BARROS.

Taubaté, 7 de Agosto de 1876.

---

Da *Gazeta de Taubaté* de 3 Abril de 1879.

#### COLLEGIO DO BOM CONSELHO

No dia 24 de Maio devem chegar a esta cidade, vindas do Collegio do Patrocinio de Itú, seis irmans de S. José, e entre ellas duas brasileiras, que vêm dirigir o Collegio do Bom Conselho.

No dia 25 do mesmo mez, terá lugar a procissão de transladação da imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho, da matriz para a Igreja da Piedade, hoje pertencente ao Collegio.

Logo depois da solemnidade do Espirito Santo, terá lugar a abertura das aulas d'este importante estabelecimento de ensino, começado não ha ainda dous annos.

---

## N.º 7

### MINISTERIO D'AGRICULTURA

Inspectoria Geral das Terras e Colonisação.—Rio de Janeiro, 4 de Setembro de 1876.

Confidencial.—2.<sup>a</sup> Secção.—Illm. e Exm. Sr.—Cumprindo a ordem de V. Exc. transmittida pela Directoria da Agricultura a esta Inspectoria em officio n. 189 de 31 de Agosto findo, tomei conhecimento do conteúdo do officio reservado do Presidente da Provincia de S. Paulo, com data de 21 do mesmo mez, o qual tenho a honra de devolver com as informações annexas, por cópia, relativamente ás prédicas de Fr. Caetano de Messina, na cidade de Taubaté, parecendo-me conveniente não deixar sem desmentido as noticias dadas pela imprensa dessa Provincia a tal respeito.

Deus Guarde a V. Exc.—Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.—*Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja*.—Conforme—*F. L. de Gusmão Lobo*.

---

Cópia.—Palacio do Governo da Provincia de S. Paulo, em 21 de Agosto de 1876.

4.<sup>a</sup> Secção.—N. 98.—Reservado.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de passar ás mãos de V. Exc. as inclusas cópias dos officios do Juiz de Direito e Presidente da Camara de Taubaté: por elles verá V. Exc. que foram exageradas as noticias dadas pela imprensa, a respeito de Fr. Caetano de Messina.

Deus Guarde a V. Exc.—Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.—*Sebastião José Pereira*.—Conforme.—*F. L. de Gusmão Lobo*.

---

Cópia.—Reservado.—Illm. e Exm. Sr.—Recebi o officio que V. Exc. me dirigiu em data de 27 do mez proximo findo, e, cumprindo o que me determina no dito officio, informo o seguinte:

Houve, com effeito, uma procissão de penitencia nesta cidade, em uma das noutes d'aquelle mez, mas em redor do convento de Santa Clara, na maior ordem e com todo o respeito e devoção, sendo a mesma acompanhada pelo Rvd. Vigario e outros sacerdotes e por mais de 2.000 homens, segundo informações de pessoas fidedignas.

Si houve flagellações, foram ellas espontaneas e de tal ordem que só foram conhecidas pelos jornaes dessa Capital!

Estas procissões de penitencia são usadas, sempre que ha misões, e eu mesmo assisti a uma d'ellas na Provincia de Pernambuco.

Não é exacto que Fr. Caetano de Messina sustentasse que a immigração é um mal para o paiz, e que o povo deve estar prevenido contra os immigrants, principalmente contra os portuguezes, por serem protestantes.

O venerando missionario disse o que está na consciencia publica, o que a imprensa tem repetido muitas vezes, e sido mesmo objecto de discussão no Parlamento, e vem a ser que temos muitos braços desprovetados, muitos brazileiros vadiando nas cidades e villas, e que seria de mais vantagem aproveitar essas forças perdidas, do que despender grandes sommas com certos immigrants que nenhum bem nos trazem, pois são consumidores e não productores, e que os Portuguezes principalmente procuram de preferencia o commercio que lhes offerece grandes lucros, do que a lavoura, onde o trabalho é mais custoso.

Censurou, é verdade, os estrangeiros que se introduzem na politica do paiz, que maldizem da terra que os recebe com tanta hospitalidade, e que em vez de se occuparem de seus negocios, tornam-se propagandistas de doutrinas subversivas e perigosas.

Asseguro a V. Exc. que Fr. Caetano de Messina, ancião respeitavel e vantajosamente conhecido no Brazil, em todas as suas prédicas sempre ensinou doutrinas as mais orthodoxas e as mais convenientes á paz e tranquillidade publica.

E o povo, que o escutou aos milhares, retirava-se sempre satisfeitissimo e grato ao ministro de Deus, que lhe trazia consolação e conforto.

Grandes, immensos foram os serviços que o digno missionario prestou a este municipio, como desde 1847 tem prestado ao paiz em circumstancias bem melindrosas.

Aproveito o ensejo para declarar a V. Exc. que prestei todo o apoio moral ao virtuoso missionario, no que fui acompanhado por todas as mais autoridades, pelo clero e por quasi toda a população d'este importante termo, que, como V. Exc. sabe, não é dos mais atrasados da Provincia.

Deus Guarde a V. Exc.—Taubaté, 10 de Agosto de 1876.—  
Illm. e Exm. Sr. Presidente desta Provincia.—O Juiz de Direito,  
*Antonio Joaquim Rodrigues*.—Conforme.—*F. L. de Gusmão Lobo*.

---

Cópia.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar o officio reservado de V. Exc. de 27 de Julho proximo passado, em que me determina que, com urgencia, informe a verdade sobre o que refere o jornal *Provincia de São Paulo*, de haver o missionario Fr. Caetano induzido o povo desta cidade a flagellar-se na praça publica, no dia 7 do mesmo mez, e em suas prédicas sustentado que a immigração é um mal para o paiz e que o povo deve prevenir-se contra os immigrants, principalmente os portuguezes, por serem protestantes.

Em resposta, cumpre-me informar a V. Exc. que o referido missionario na noute do dia 7 de Julho proximo passado fez effectivamente uma procissão de penitencia em frente do convento de Santa Clara, para a qual concorreram espontaneamente, e não induzidas, para mais de 2.000 pessoas; não houve flagellação nem cousa que a isso se assemelhasse. Presidiu a essa procissão o maior respeito, criterio e religiosidade.

Assisti a diversas prédicas do Rvdm. missionario, e em nenhuma d'ellas recorde-me que o mesmo sustentasse idéas contrarias á immigração. Disse, é verdade, acoroçoando o trabalho, que era lamentavel que tantos brazileiros aptos para o trabalho vivessem em ociosidade, dando lugar ao Governo do paiz gastar immensas sommas com a *immigração estrangeira, entro os quaes vinham muitos que tambem eram vadios, e, quasi sempre, os nossos adversarios em razão da diversidade da lingua, raça, costumes e religião, e isto mesmo acontecia com os proprios immigrants portuguezes, dos quaes muitos, não encontrando no Brazil as vantagens desejadas, desmandam-se e vivem em perpetuas rixas com os nacionaes, incommodando assim ao Governo Imperial e a seus respectivos consules.*

E o que posso informar a V. Exc., a quem Deus Guarde por muitos annos.

Taubaté, 7 de Agosto de 1876.—Illm. e Exm. Sr. Dr. Sebastião José Pereira, Dignissimo Presidente da Provincia.—O Presidente da Camara Municipal de Taubaté, *Francisco de Paula Toledo*.—Conforme, *F. L. de Gusmão Lobo*.

Estes officios provocaram uma formidavel descompostura do tristemente celebre *Ganganelli* e de seus asseclas. Melhor consagração de sua homenagem á causa da verdade não podiam obter os dous distinctos signatarios da resposta ao Governo Imperial.

Honra a elles!

---

## N.º 8

Da *Revista dos Jornaes da Sentinella*, organ politico-catholico, de 2 de Dezembro de 1876:

A *Provincia de São Paulo* sentiu-se ferida pelas informações do illustre Juiz de Direito da Comarca e do digno Presidente da Camara Municipal de Taubaté, a respeito da accusação que publicou contra o venerando Fr. Caetano de Messina.

O infatigavel missionario não póde agradar á *Provincia de São Paulo*, organ republicano, desde que este jornal entende que ha « harmonia de vistas politicas entre Fr. Caetano, o autoritario, e os conservadores monarchistas ». Isto explica, não sómente a sua affirmação, sinão tambem os testemunhos que invoca.

O Juiz de Direito da Comarca, entre outras contestações, disse o seguinte :

« Não é exacto que Fr. Caetano de Messina sustentasse que a immigração é um mal para o paiz e que o povo deve estar prevenido contra os immigrants, principalmente contra os portuguezes, por serem protestantes.

« O venerando missionario disse o que esté na consciencia publica, o que a imprensa tem repetido muitas vezes, e sido mesmo objecto de discussão no parlamento, e vem a ser que temos muitos braços desproveitados, muitos brazileiros vadiando nas cidades e villas, que seria de mais vantagem aproveitar essas forças perdidas, do que despender grandes sommas com certos immigrants que nenhum bem nos trazem, pois são consumidores e não productores, e que os portuguezes principalmente procuram de preferencia o commercio, que offerece grandes lucros, do que a lavoura, onde o trabalho é mais pesado.

« Censurou, é verdade, os estrangeiros que se introduzem na politica do paiz, que maldizem da terra que os recebe com tanta hospitalidade, e que, em vez de se occuparem de seus negocios, tornam-se propagandistas de doutrinas subversivas e perigosas. «

A *Provincia de São Paulo* não admitte que o missionario aduza *principios economicos*. Isto é um privilegio dos livres-pensadores, que são os unicos amigos do progresso da humanidade.

Si o Juiz de Direito não contestou positivamente que tivesse havido o spectaculo das *flagellações*, o Presidente da Camara Municipal o fez de modo claro a não deixar duvida; e accrescenta mais :

« Assisti a diversas prédicas do Rvd. missionario, e em nenhuma dellas recorde-me que o mesmo sustentasse idéas contrarias á imigração. Disse, é verdade, acoroçoando o trabalho, que era lamentavel que tantos brazileiros aptos para o trabalho vivessem em ociosidade, dando lugar ao Governo do paiz gastar immensas sommas com a *immigração estrangeira, entre os quaes vinham muitos que tambem eram vadios, e, quasi sempre, nossos adversarios em razão da diversidade da lingua, raça, costumes e religião, e que isto mesmo acontecia com os proprios immigrants portuguezes*, dos quaes muitos, não encontrando no Brazil as vantagens desejadas, desmandam-se e vivem em perpetuas rixas com os nacionaes, incommodando assim ao Governo Imperial e a seus respectivos consules. »

Ora, em verdade, não seria melhor que a *Provincia de São Paulo* contestasse com raciocinio o que aquelles dignos funcionarios allegam, em vez de os comparar a certas testemunhas « que dizem nada saber ou nada ter visto a fim de não comprometterem os amigos » ?

Lembramos, porém, que ha testemunhas que procedem de modo contrario, affirmando o que não sabem ou não viram, induzidas ou por interesse de propaganda ou por paixões antireligiosas.

E' de lamentar que a imprensa republicana e a imprensa liberal tenham podido affirmar factos que a população inteira de Taubaté ignora.

A *Provincia de São Paulo*, vendo-se em apuros, trouxe nomes proprios para autorisar as suas anteriores affirmações.

Respeitamos muito as pessoas citadas pelo organ republicano, —os Drs. Clemente Falcão de Souza, Americo Brasiliense de Almeida Mello, e José Fortunato da Silveira Bulcão. Mas, a mesma *Provincia de São Paulo* não desconfia de que ao menos os dous primeiros cidadãos são suspeitos na questão religiosa, por opiniões notorias a este respeito ?

São cavalheiros muito distinctos, e dignos da maier estima; mas, não podem testemunhar contra as missões, até mesmo porque

o primeiro, segundo o confessa o organ republicano, « mostrava-se receioso, como homem industrial, que as prédicas de Fr. Caetano compromettessem o desenvolvimento do Norte da Provincia ». O Evangelho contém doutrina que repelle uma tal apreciação: o homem não vive sómente de pão, vive tambem da palavra de Deus.

Infelizmente, as preocupações industriaes têm feito sacrificar os melhores principios e as mais santas doutrinas. E esta escola tem grande autoridade, porque é verdadeiramente positivista, curando mais do corpo do que da alma.

---

## N.º 9

### SÃO JOSÉ DO PARAIZO

Illm. e Rvdm. Sr.

O Povo, Camara Municipal e mais autoridades desta Cidade de São José do Paraizo, vendo com o mais profundo pesar aproximar-se a hora em que Vossa Caridade vai deixal-os, não podem prescindir de vir, com o maior respeito e submissão, manifestarvos a gratidão de que se acham possuidos para com Vossa Caridade.

O memoravel dia 7 de Setembro será, d'ora avante, de recordações duplamente gratas aos Paraisenses. Si, como o dia em que se proclamou a Independencia de sua Patria, elle lhes é caro, não o será menos por ter sido tambem nesse dia que Vossa Caridade, possuido do entusiasmo que sempre anima o Apostolo do Evangelho, inaugurou nesta Cidade suas sabias, muito sanctas e orthodoxas Missões, instruindo o povo, ensinando-lhe as verdadeiras doutrinas do Christianismo, infundindo-lhe na alma os dogmas e preceitos da Religião Catholica Apostolica Romana, e no coração o amor e temor de Deus, semeando a paz e a concordia entre o povo, incutindo-lhe o amor ao trabalho e respeito e obediencia ás autoridades legalmente constituidas.

Em todos os tempos, desde a mais remota antiguidade, os prégadores da Fé, os sanctos Missionarios se têm distinguido, affrontando os maiores perigos, soffrendo as mais duras privações, supportando as maiores injustiças, afim de conseguirem a propagação do Christianismo em todas as partes do mundo.

Foi assim que os Missionarios do Levante percorreram a Syria, a Ethyopia, a Armenia, Persia e a Criméa, sempre luctando em pról da Igreja Catholica.

Os das Missões da America sacrificaram-se no Canadá, Antilhas, Goyanas, Luiziana, no meio das tribus indigenas do Brazil e Paraguay, e nas Missões da India, d'aquem e d'além Ganges. E sempre estes Apostolos do Evangelho arrancaram das mattas os selvagens, para convertel-os em filhos de Deus; da barbaria esses homeni<sup>a</sup>s

sanguisedentos, e que ás suas palavras se curvavam submissos perante a Cruz.

Foi ainda sob e influxo destes arautos da Fé que civilisou-se grande parte deste vasto paiz em que vivemos, e ainda hoje, cumpre confessal-o, os virtuosos Missionarios Capuchinhos percorrem o Brazil e muito especialmente os remotos sertões desta Provincia de Minas, como Murery, Morro da Conceição e Munhaussú, prestando á Religião, ao Estado e ao Governo os mais assignalados serviços, civilisando e sujeitando ás leis do paiz tribus inteiras de gentios, sem que se derrame uma só gotta de sangue.

Não há, portanto, quem possa de boa fé desconhecer a influencia benefica e salutar das Missões, e só as almas obcecadas, os espiritos vãos e irreflectidos podem estygmatisal-as.

E sinão, percorrei as paginas da historia de todas as nações e a nossa propria, e vereis os grandes prodigios alcançados pelos Missionarios da China, do Levante, da Africa, da America do Norte, do Paraguay e do Brazil, onde fez mais um Anchieta do que todos os exploradores Portuguezes.

E hoje, Illm. e Rvdm. Sr., quando a Igreja Catholica Romana é atacada em todos os seus dogmas e na pessoa de seu Santo Chefe visivel, o Summo Pontifice; quando a moderna philosophia voltairiana tem procurado perturbar todos os espiritos fracos; quando a impiedade se levanta orgulhosa para ridicularisar as sanctas crenças de nossos avós, implantando no animo da mocidade inexperiente, idéas erroneas e subversivas, sempre com o fatalissimo objectivo—Igreja livre no Estado livre; hoje, mais que nunca, é necessario que os vultos proeminentes do Christianismo, que os homens de verdadeira Fé e abnegação, como Vossa Caridade, se levantem, fortes com a verdade das sanctas leis da Igreja, com o zélo ardente dos verdadeiros Apostolos do Evangelho, para fazerem recuar esses dyscolos da Religião, esses apostatas do Christianismo.

Os abaixo assignados entendem que Vossa Caridade tem, nesta Cidade, satisfeito completamente as aspirações do povo, no tocante ás prédicas religiosas, porquanto elles têm visto o confissionario sempre repleto de povo, que pressuroso busca esse conforto da Religião, têm visto a reconciliação de figadaes inimigos, innumeros maridos junctárem-se ás suas mulheres, das quaes viviam separados, o povo buscando o trabalho agricola e reconhecendo que é elle a unica fonte da riqueza publica, e mil outras circumstancias que o demonstram claramente e que lhes é difficil narrar, pelo que, de todo o coração se confessam gratos á Vossa Caridade e dão graças ao Altissimo, pelo grande beneficio que lhes concedeu de ouvirem a tão sabio quão virtuoso Missionario.

Si o zelo de Vossa Caridade foi tal como os abaixo assignados levam dito, (do que não há quem duvide), os beneficios materiaes ahi estão bem patentes para attestar que a estada de Vossa Caridade nesta Cidade foi o prenuncio de uma época de prosperidade e adiantamento materiaes, no que mostrou-se incansavel lidador.

Mais de quinhentas braças, ou 1.250 metros de encanamento d'agoa potavel, feito todo de pedra e cal, com quatro chafarizes nos lugares mais centraes e convenientes, e que hoje, graças á Vossa Caridade, abastecem d'agoa a toda a Cidade, era por si só bastante para que o povo do Paraiso se considerasse devedor á Vossa Caridade, da maior gratidão. Ha quantos annos as pessoas mais influentes desta Cidade pedem ao Governo Provincial um auxilio para esta importante obra, sem jámais o conseguirem! No emtanto que Vossa Caridade, sem sacrificio algum para o povo, lhes ministrou esse immenso beneficio.

A importantissima Casa de Misericordia, esse symbolo da caridade christan, que V. Rvdma. em vinte dias, levantou nesta Cidade, tendo 70 palmos de frente e 70 de fundo, numa bellissima localidade, e a qual já se acha quasi terminada, tendo já quasi toda a mobilia e utensis para custeio, é uma obra de tal magnitude, que excusamos palavras á engrandecel-a.

A Capella do Cemiterio, já quasi prompta; o incremento ás obras das Igrejas do Rosario e Matriz; os embellezamentos das praças e ruas aplainadas e arborisadas; a posse do terreno demarcado e nomeação de commissões para fundação de um collegio de educandas orphans e desvalidas, são tantos outros beneficios que prendem á Vossa Caridade, pelos laços de eterna gratidão, o povo desta Cidade.

Assim, Illm. e Rvdm. Sr., todo este povo rende graças ao Creador, por ter permittido que Vossa Caridade accedesse ao convite de seu bom e virtuoso Vigario (1), para vir a este lugar; e a Vós, sabio o virtuoso Missionario, elle se confessa eternamente grato, e a vossa lembrança será indelevel em seus corações agradecidos.

Deus Guarde á Vossa Caridade.

Cidade do Paraiso, 15 de Outubro de 1876.

Illm. e Rvdm. Frei Caetano de Messina, DD. Prefeito dos Missionarios Capuchinhos do Brasil.

*(Seguem-se as assignaturas)* (2)

(1) O Rvdm. Sr. Conego João Alves Coelho Guimarães, hoje Economo do Seminario Episcopal

(2) Temos em nosso poder o original desta Manifestação.

## N.º 10

Do *Onze de Agosto*, de 6 de Dezembro de 1876.

### FREI CAETANO DE MESSINA

Desappareceu do horisonte desta bemdicta Provincia o incansavel apostolo das verdades evangelicas. Partiu, acompanhado pelas bençams de todos quantos o viram, o escutaram e seguiram suas prédicas com animo desprevenido e a fé no coração. Sumiu-se ao longe, deixando inconsolaveis as cidades e as aldeias por onde passava, e a natureza como que se revestiu de lucto para chorar a partida do santo varão.

Bemaventurados os mortaes a quem Deus concedeu a graça de poderem hobrear com o santo que regenerou o Norte da Provincia! bemaventuradas as povoações a quem levava o incansavel prégador as luzes do Evangelho!...

E quanto não perdeu esta heroica cidade de S. Paulo com a ausencia de Fr. Caetano de Messina! quanto não perdemos, nós principalmente, os moços em cujas almas ainda scintilla a chamma do bem, em cujos corações ainda vive a idéa da Religião de Christo, em cujas intelligencias ainda resoam as sacro-santas palavras sahidas do Vaticano!

Immensa foi a perda dos academicos de S. Paulo. Nem ouviram as prédicas do digno successor de Nobrega e de Anchieta, do digno émulo de Ibiapina!

Deus continúe a te proteger em tuas peregrinações, oh grande homem! E oxalá possam as tuas phrases possantes dissipar as trévas da heresia e da impiedade, e por toda parte espalhar as luzes do Catholicismo!

São estes os votos que formamos e que te transmittimos, são estes os desejos que vêm juntar-se ás nossas orações de todas as noutes, e aceita-los-has com jubilo, por que são sinceros!

No teu caminhar incessante, nem sempre sobre tuas cans cho-verão as flores, nem sempre os *grandes* formarão teu cortejo; mas terás por comitiva a mais augusta de todas as assembléas, o mais nobre de todos os nucleos intellectuaes, a massa imponente daquelles que são os martyres, por que não querem ser os reis, daquelles que se chamam — *povo!*

S. Paulo, 30 de Novembro de 1876.

ESTEVAM LEÃO BOURROUL.

## N.º 11

### ORAÇÃO FUNEBRE

QUE, NO MOMENTO DE DESCER Á SEPULTURA O CADAVER DE FR. CAETANO DE MESSINA, PRONUNCIOU O SR. DR. D. RICARDO ISASA, FISCAL ECCLESIÁSTICO E CURA VIGARIO DE SANTO AGOSTINHO, EM MONTEVIDÉU.

Longe de mim, senhores, um silencio culpavel.

A Divina Providencia nos concedeu este homem illustre e benemerito, em redor de cujo feretro nos achamos, para legar-nos o exemplo de suas virtudes e opulentar-nos com seu ensino.

Não deixemos pois passar desapercibida sua interessante vida, e aproveitemo-nos desta lição que nos ha dado o céo.

Um sentimento de veneração e de respeito, a par de um dever de gratidão e amôr, abriram meus labios neste momento para cingir a fronte gelada do que hontem foi Fr. Caetano de Messina com os pobres, porém sinceros, laureis de minhas palavras.

Fr. Caetano, senhores, nos ha deixado um exemplo immortal de zelo e *hospitalidade*, que honram sua memoria.

Na idade de 33 annos, este zeloso capuchinho, senhores, deixando sua patria com todos os seus parentes e amigos e com tudo quanto ella encerrava de mais grato, aportou ás plagas do Brasil, para dar alli o exemplo de todas as virtudes que desde seus primeiros annos havia praticado, e com o proposito de sacrificar-se inteiramente, não excluindo a propria vida, por amôr a seus semelhantes, nesse paiz que escolhera para sua segunda patria.

Com effeito, bem depressa foi admirado de todos e teve occasião de dar mostras de sua benefica e sancta missão.

Se havia levantado um tumulto popular na Provincia de Pernambuco, que tomára o character de uma grande sublevação.

E quem vos parece, senhores, que foi o Anjo pacificador que devia tranquillisar esta Provincia, que se dispunha já para vêr correr em torrentes o sangue de seus filhos?

Não foi outro, senhores, sinão este humilde Capuchinho, que, commissionedo pelo Governo para tão santo proposito, pediu ao mesmo Governo desistisse de enviar tropas armadas, e obteve a vivas instancias que retirasse dous corpos de milicia que já se tinham posto em movimento para sua defeza.

Elle se apresenta só, senhores, ante aquelle immenso povo, armado com o Crucifixo, e á vista daquella divina insignia assim exposta por este religioso exemplar, cujos habitos respiram santidade, e cujas palavras são inspiradas pelo espirito de paz e de concordia; todo aquelle povo numeroso e compacto abranda seus furores, e á Fr. Caetano cabe a honra de receber as armas de suas mãos.

Que ovações, senhores, que honra não receberá o humilde religioso por esta acção!

O Governo reconhecido manda-lhe entregar uma grande somma de dinheiro para seus gastos, e elle, agradecendo-lhe sem acceita-la, a consigna ás autoridades de Pernambuco, para que a empreguem em uma obra publica.

Este facto, senhores, deu a Fr. Caetano uma grande popularidade e abriu-lhe o caminho á toda essa influencia que devia exercer mais tarde nos negocios da maior importancia.

Foi nomeado Commissario Geral pela Congregação da Propaganda Fide, de accôrdo com o Governo, que acceitou gostoso a nomeação.

E não é preciso lembrar, como desenvolveu seu zelo nas muitas missões que fez, não só em Pernambuco como no Rio de Janeiro, fundando n'ellas tres Collegios, um orphanotrophio, uma Igreja e um hospital.

Basta dizer, senhores, o que este ancião septuagenario o anno passado realisára nas provincias de Minas e S. Paulo, onde mais de quarenta mil pessoas o escutavam, com proveito de suas almas, e o acompanhavam em sua penitencia!

Quantos matrimonios não effectuou! Quantas inimisades não reconciliou, levando a paz ao seio das familias! E quantos escandalos, e quantos abusos publicos não reprimiu em beneficio dos povos e da moral!

Na prédica, senhores, era incansavel, e testemunha é a Igreja de S. Sebastião do Morro do Castello, e testemunhas são todas as missões, e testemuhas são ainda todos os sacerdotes que reconheceram o santo zelo com que exercia e recommendava este ministerio.

Na confissão dos enfermos empregava todos os seus recursos e caridade, e a proposito, recordarei as expressões que dirigia a um

homem de posição que, prostrado no leito da dôr, recusava cumprir tão sagrado dever: — *eu não vos peço ouro nem empregos, o que quero apenas são os vossos peccados.*

A guerra do Paraguay veio offerecer a Fr. Caetano um novo theatro onde todo o mundo podia recolher outras provas de seu zelo e admirar as virtudes de seus filhos.

Com effeito, logo enviou para alli denodados missionarios, os quaes, si bem igualavam os soldados no soffrimento, emulavam aos Anjos nas virtudes.

E com que fim, senhores ?

Admirae: renunciando a todas as honras e riquezas que se promettiam á elle e aos seus religiosos, pediu só para estes o alimento.

E quando, em certa occasião, um ministro da côrte instava para que elle dissesse que recompensa deveria dar-lhe e mais aos seus religiosos pelos serviços do Paraguay, respondeu: — « Senhor ministro, sobre este habito ponde todas as ignominias e insultos, e me haveis dado honra. »

Mas parece-me que nada hei dito, senhores, enquanto não fallo de sua hospitalidade.

Ah! senhores, eu tambem tive o consolo de gosa-la, quando affastado do meu paiz me dirigia ás mais remotas regiões em busca da sciencia.

Ah! sim, e com quanta gratidão, recordo seus obsequios!

E quantos, como eu, os recordam igualmente!

E sabeis, senhores, a que fontes tinha ido beber Fr. Caetano, para inspirar-se nos sentimentos purissimos dessa carinhosa hospitalidade ?

Elle mesmo o dizia, senhores: que nunca se havia decidido com mais entusiasmo a practicar esta virtude, sinão quando meditou no Evangelho sobre aquellas palavras que, no dia de juizo, pronunciará Jesus-Christo, ao dictar a ultima sentença, dizendo: — « *Vinde, benedictos de meu Pae. . . porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber* » com que se diz: — a si mesmo ia o fundamento da ultima das sentenças são a hospitalidade, pois quero exercer a hospitalidade; e assim o praticou.

Finalmente, senhores, septuagenario como era, e depois de haver exercido tão brilhante Apostolado por mais de trinta e sete annos no visinho Imperio, que considerava como sua segunda patria, o trouxe a obediencia ao nosso solo, dispondo assim a Divina Providencia para que nos edificasse com suas virtudes.

E com effeito, nos poucos mezes que residiu entre nós, chegou a amar tanto á Montevidéu e tomava tanto interesse por seu bem e seu progresso, que parecia residir ha longos annos em nossa Patria.

Elle admirava o espirito religioso que n'ella reina tão respeitoso e benevolo, elle encomiava o acatamento á Religião que observou nas procissões, e nas suas visitas ás Igrejas com gosto detinha a vista sobre ellas, ao vêr o aceio e a decencia que reinavam em seus ornatos.

Porém, amante da infancia como era, não pôde deixar de mostrar sua desapprovação e seu desgosto em varias occasiões, ao vêr estabelecidas essas instituições de tanto perigo para a infancia e para a moral, quaes são as escolas de ambos os sexos.

Mas, senhores, elle não se olvidava um só instante do Brasil, não cessava um momento de fallar desse paiz e de chorar sobre os males que o affligem, e que por tantos annos amarguraram seu coração, podendo dizer-se que morreu chorando, ao vêr que ainda duram esses males.

Por fim, senhores, elle que nos deu exemplos na vida, no-lós deu tambem na ultima enfermidade que soffreu com toda a resignação christã, e tendo recebido todos os Sacramentos da Religião, protestou que morria satisfeito como franciscano e como filho submisso da Igreja Catholica Apostolica Romana.

Eis aqui, senhores, rapidamente esboçados, os exemplos de virtudes, especialmente de zelo e de hospitalidade que nos legou este homem illustre, e nos quaes todos temos que aprender, nós os sacerdotes, os seculares e os homens de Estado.

Conservemos em nosso coração seu modelo e erijamos um templo á sua memoria. — Disse.

R.

## N.º 12

Foi unanimemente sentida em todo o Imperio a morte de Fr. Caetano de Messina. Em todas as localidades por onde missionára o portentoso monge, affluiram os fieis nas Igrejas onde suffragou-se-lhe a alma.

Transcrevemos o editorial do *Apostolo* de 16 de Janeiro de 1878 :

### FREI CAETANO DE MESSINA

Fechámos o anno de 1877 derramando lagrimas sobre o tumulo de um catholico eminente; abrimos o anno que corre, chorando tambem um grande ministro da Igreja.

Como que o sulco deixado pelas lagrimas choradas pelo Consehreiro Zacarias, devia ainda mais largo tornar-se pelas que arrancou a morte do humilde e ao mesmo tempo heroico Padre-Mestre Fr. Caetano de Messina.

Observando o que se passa entre nós, é impossivel não ver pesando sobre esta terra tão bem creada, mas tão malfadada, a mão da justiça divina.

Parece que Deos está chamando os bons para castigar os máos. que, cégos, não têm querido reconhecer e abraçar seus avisos.

Hontem, Zacarias, o homem por todos os titulos respeitavel, honesto; homem de bem, em uma palavra. Hoje, Frei Caetano de Messina, o *Apostolo* moderno do Brasil, que tantas almas salvou no extremo momento, que a tantos trouxe para o redil; homem da palavra e do exemplo, ao qual eram desconhecidos os respeitos humanos quando tractava do serviço de Deus!

Amanhan, meu Deus, quem será?

Chore o povo, chore o nobre, chore o padre, que todos receberam delle conselhos e direcção para esta vida e para a outra; choremos todos o varão piedoso, forte e humilde; choremos todos o missionario, que com a força da sua palavra dobrou a impiedade, converteu o transviado, reconciliou inimigos, reuniu casados, conteve o impio; choremos, emfim, o varão forte, que edificou a todos por sua piedade, por sua fortaleza e por sua humildade.

Capuchinho, foi Frei Caetano exemplo de virtudes; obediente até á abnegação, pobre até á privação, puro de costumes; na plenitude do dever observante de sua regra, não ha quem o visse claudicar, nem fugir ao serviço da Igreja.

De tudo sabia tirar partido para purificar os costumes; dotado de grande sciencia prática, de um bom senso nunca desmentido, e confiando illimitadamente na missão que sua Ordem desempenha, Fr. Caetano estava sempre na frente; acenava, todos se calavam, fallava e todos o seguiam.

Eis aqui o sublime do Apostolado da verdade!

Nunca Fr. Caetano missionou, que a Religião não tirasse utilidade real.

Aquillo que a autoridade civil, que o dinheiro publico não podiam fazer, operava a palavra de Fr. Caetano.

Do Norte ao Sul do Imperio é seu nome pronunciado com veneração e respeito, salvo por um ou outro, mui raro, sem criterio e pervertido pelo vicio, que o inclyto missionario profligava e exterminava.

O vicioso, o máo, o perverso, eis os inimigos de Fr. Caetano; eis os fornecedores de falsas e mentirosas informações contra elle; eis os que reprovavam os seus mais nobres e evangelicos actos.

Nós conhecemos de perto a Fr. Caetano e o venerámos sempre, e si nunca consentimos que se puzessem em duvida as virtudes, que eram o seu mandamento, muito menos hoje havemos de tolerar que se offusque aquella grande estrella das Missões.

Seus trabalhos Apostolicos clamam por justiça, e justiça se lhe ha de fazer; porque a verdade é uma e tarde ou cedo apparece.

Um collega da imprensa, e folgamos de o declarar, o *Jornal do Commercio*, fez plena justiça ao frade humilde, no artigo que sobre seus feitos escreveu, e será, porque é insuspeito, um protesto contra as injurias que cusпам ou queiram cuspir sobre tão distincto quão venerando Missionario.

A cidade do Rio de Janeiro conhece bem a Fr. Caetano e dispensa novas informações; ahí estão pobres e ricos, nobres e ple-

beus, que proclamam as suas virtudes, os serviços, os conselhos, as consolações que d'elle receberam.

O proprio edificio que é o Hospicio que agasalha os Religiosos Capuchinhos, e Igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro, si estão de pé, a elle o devem.

Si o fundador da capital do Imperio tem uma *lapide*, que perpetue a memoria de tão illustre personagem e desperte seus grandiosos feitos, á Fr. Caetano se o deve.

Ainda nos recordamos com prazer de uma conversa, que tivemos e que de algum modo revela o que era e para que prestava aquelle grande espirito, aquelle magnanimo coração.

Havíamos publicado um artigo no *Apostolo* sobre as Missões; artigo primoroso, bem lançado e sahido da penna delicada de uma de nossas illustrações ecclesiasticas, que despertou em Fr. Caetano todo o seu zelo.

Veio ter connosco e disse-nos, naquella sua linguagem chan, mas sincera: Boliram commigo, hein? pois eu agora saio da toca. Vou já fallar com o Sr. Vigario Capitular.

Effectivamente assim fez, e lá partiu para Campos, onde fez prodigios em beneficios.

Não ha quem ignore o resultado benefico daquella Missão, que tanto contribuiu para que o leigo se reconciliasse, o marido procurasse a mulher, o amancebado deixasse a vida transviada, que seguia; e muito mais, muito mais ainda — reconciliou o proprio clero, que vivia profundamente separado.

Em Vassouras os mesmos trabalhos e as mesmas vantagens.

Em S. Paulo colheu o ultimo e o mais glorioso de seus triumphos.

Todas as cidades e villas, que elle percorreu, que elle evangelisou com a palavra e reformou até materialmente, fazendo obras até alli reputadas irrealisaveis: hospicios, asylos, aqueductos para abastecimento de agua, ahi estão para attestar o seu zelo. Nada esqueceu á Fr. Caetano: de tudo cuidou; tudo providenciou; foi o bom anjo que appareceu naquelles lugares.

Mas quantos desgostos, quantas dores, não curtiu elle resignamente!

Em frente de serviços reaes e daquella ordem, a impiedade ou havia de emmudecer, reconhecendo o poder da Religião, ou então transbordar, pela blasphemia, pela calumnia, pela injuria e pela mentira, porque ao menos turyava as aguas e demorava a verdade.

Foi então que a imprensa livre excedeu-se em injuriar, apesar do desmentido prompto que recebia; o proprio Governo se deixou abalar, si bem que concededor da circumspecção de Fr. Caetano, e de seus serviços á causa publica —, mandou secretamente syndicar dos actos do missionario, e exigio informações sobre as diatribes da imprensa impia.

Inclinou-se portanto para os máos, duvidando dos bons.

O triumpho de Fr. Caetano foi dos mais esplendidos, porque todas as autoridades das localidades, todas informaram bem e desmentiram a imprensa.

Mas isto molestou o missionario, que, não obstante a injustiça, resignou-se.

Effectivamente fôra grande a injustiça.

Um governo composto de homens do Norte do Imperio, testemunhas dos serviços de Fr. Caetano em Pernambuco, concededores dos prodigios por elle alli praticados, elles que o admiraram, reconheceram publicamente que si Pernambuco não ardeu em uma guerra civil foi devido á Fr. Caetano, puzeram em duvida os actos do missionario, para acreditar em nas injurias e calumnias da imprensa!

Mas isto não inhibio a Fr. Caetano de continuar a sua Missão.

Obrigado na qualidade de Prefeito dos Capuchinhos, partiu para Montevideo e alli, depois de assignalados serviços, deu á Deus aquella sua alma tão justa.

Assim se finou o homem, ao qual o Brasil deve immensos serviços; assim se finou o Missionario Apostolico, que soube utilizar os talentos, que de Deus recebeu.

Deus Nosso Senhor o receba na mansão dos justos e lhe dê o premio á estes reservado.

---

Na mesma folha, com data de 20 do referido mez, deparámos, na secção ineditorial, com o seguinte artigo, que julgamos procedente transcrever:

#### FREI CAETANO DE MESSINA

Ei-lo finalmente por terra!

O lidador inquebrantavel, o defensor egregio do tabernaculo, o apóstolo que, rompendo desde o florescer dos annos com os deleites do seculo, sagra a existencia ao culto da verdade, o varão

a quem nunca recorreu em vão o coração requeimado ao fogo da desventura, cerrou os olhos ao rebrilhar do dia, após um longo semear de boas acções, dormiu na paz do Eterno...

Fr. Caetano de Messina!

Quem, ouvindo nome tão venerando, não sente ahí estremecer jubiloso o coração? Quem não inclina-se tranzido de admiração perante uma vida plena de amor pelas miserias alheias, de dedicação, de sacrificios?

Emquanto, por caminho juncado de flôres, ao travez dos applausos e da lisonja, passam os filhos dilectos da fortuna, emquanto sem horror cobre-se de bençams aos guerreiros que maior cabedal de louros recolheram por entre caudaes de sangue na arena em que os reis barateiam a força das nações, ahí, no meio da sociedade, coberto de motejos, attrellado ao cepo do insulto, na sombra, vive muitas vezes o homem que é um verdadeiro motor da civilisação, porque resume-a uma palavra:—fraternidade.

Frei Caetano de Messina!

Conheci-te, e já lá vão compridos annos, na quadra ridente da minha infancia, quando banhava ainda minha alma o perfume da innocencia; repousei em teu coração as minhas mágoas quando, no periodo da florescia vital, ao sôpro dos contratempos, desfolhando-se, vergada ficou a hasta de doiradas illusões. Eu que nas tuas breves mas eloquentes palavras hauri fortaleza e conforto, eu, não posso subtrahir-me a tributar á tua memoria, apostolo do bem, o preito que, em vida, calei para não ferir a tua humildade...

Nesse torrão predilecto da natureza e onde, talvez invejosa, a arte a mãos largas esparziu maravilhas, na Italia, teve o berço Fr. Caetano de Messina. Vergontea altiva de uma familia, que em maior conta tinha a virtude do que os balofos titulos, que a força e a vaidade implantaram no mundo, menino, sentiu-se com vocação para o sacerdocio.

Si o futuro não é sinão uma consequencia do passado, facil será, aferindo os serviços prestados no Brasil, conjecturar o quanto util á terra natal foi Fr. Caetano de Messina.

Em 1848 e em 1852, a onda popular encrespara-se em Pernambuco e, prompta a encarar affouta com todos os obstaculos, ensurdecera a voz da prudencia. Nem os rogos, nem as ameaças, nem o aspecto da força publica, nada foi capaz de enfrear a revolta. Empreza ardua, commettimento impossivel, era o de infiltrar a luz nesses espiritos em que tão vivaz fermentava o rancor. Pois bem, uma simples creatura, uma quasi sombra de si

mesmo, um frade, realisou o milagre, serenou os animos, constrangeu a morte a abater a fouce.

Não foi este o unico serviço que Fr. Caetano de Messina fez em prol da humanidade, da ordem publica, não.

No intuito de arrancar á fome, ás garras da prostituição, meigas meninas a quem de subito faltava o amparo da familia, concebeu o plano de um recolhimento em que podessem encontrar guarida, ensino, trabalho, os pobres : o recolhimento do Bom Conselho guarda, cheio de gratidão, o nome do seu fundador.

E nem se presume que parou ahi a dedicação do pobre missionario.

Quando o Templo de Nossa Senhora da Penha, no Recife, não bastasse para provar a somma de tenacidade que albergára-se nesse coração aberto sempre ao bem, quando os esforços empregados em solevantar do obscurantismo a Igreja do Castello, não attestassem o seu amor á Religião e ao Brasil ; á Religião, não querendo que a mão do tempo demolisse uma reliquia vetusta, ao Brasil concorrendo para que, ainda que tarde, fossem collocados em lugar condigno os ossos de Estacio de Sá, quando factos tão inconcussos fossem de somenos valor, ahi estava a pobreza, milhares de almas soerguidas do desespero, para em côro unisono fazerem triumphar meritos conculcados.

Pouco habituado ao folhear dos livros modernos em os quaes, força é dizel-o, as theorias atarantam os animos, e lançam-nos no plano inclinado do mal, Fr. Caetano de Messina conhecia a fundo os livros santos. Não era um homem para a atmosphaera em que quebramos ingloriamente as mólãs da vida. Aos labios acudia-lhe o que tinha ao coração. Eram-lhe ignotos os floreios da palavra. Não sabia adoçar a verdade. Rude em demasia era elle !

D'ahi resultou o avaliarem-no injustamente, quando nos centros de pequenas cidades andou a morejar em abono do Evangelho.

Si culpa cabe ao humilde missionario, culpa maior deve cahir sobre os que, encarregados de apregoarem o progresso, consentem que o povo vegete nas trevas, sem ensino, sem luz, entregue ás primeiras impressões.

A' beira de um tumulo não suscitemos a chamma do odio.

Fr. Caetano de Messina nunca teve um verbo de colera para arremessar sobre aquelles que conspiravam por converte-lo n'um objecto de ludibrio, porque, nascidos em uma sociedade nimiamente incredula, não poderam comprehender que os severos principios do christianismo eram capazes de tornar o homem superior a tudo, ao rancor, á vingança, á inveja, ao egoismo.

Onde desatava-se um suspiro, onde os semblantes eram cavados por dorido pranto, onde as imprecações reboavam, lá estava o sacerdote de Christo, mostrando a uns a ancora da esperança, dando a libar a outros o manná da resignação.

E os gemidos não cobravam mais alento, e as maldicções esvaíam-se como por encanto, e o desespero encolhia as garras...

Escravo ou homem livre, opulento ou mendigo, sabio ou ignorante, para Fr. Caetano todos eram iguaes.

Quantas almas aridas como a urze, não sentiram bafeja-las um doce orvalho, prelibando os conselhos do virtuoso capuchinho!... Odios volvidos em amor, affrontas enterradas no olvido, escandalos cortados pela raiz, a paz introduzida no lar, a lia da libertinagem atirada por terra, cabedaes restituídos pela maldade: — eis os milagres que um simples missionario operou, abrindo unicamente esse livro escripto por Deus, esse livro que fôra o melhor codigo das nações, si tão voraz não fôra o egoismo humano: — o Evangelho.

Sombra que refrigerava os afflictos, ei-la sumida! Luz que pelos mares tormentosos do viver illuminava os incautos, ei-la esmorecida!

Não, não! Fr. Caetano de Messina vive e viverá, porque, si os thronos alluem-se, si sociedades desmoronam-se, a virtude, superior aos embates da sorte, fulgura sempre como um emanação celeste.

Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1878.

JERONYMO FRANCISCO RIBEIRO.

---

De uma Correspondencia da Cutia para o mesmo jornal, ácerca da Visita Pastoral de S. Exc. Rvdma. o Sr. Bispo de S. Paulo, extrahimos os mimosos topicos que vamos offerecer á consideração dos leitores. São elles devidos á primorosa penna do mui distincto Padre-Mestre Manuel Vicente da Silva:

No dia 22, S. Exc. Rvdma. devia fazer o encerramento da visita. A's oito horas foi celebrar em suffragio da alma do grande Fr. Caetano de Messina.

Na vespera havia S. Exc. mandado pedir ao povo pelo prégador a assistencia ao Santo Sacrificio, durante o qual deviam orar pelo incansavel missionario.

No momento em que o grande sacerdote subia o monte santo afim de sacrificar a victima augusta de nossos altares, um lindo beija-flôr entrava pela porta principal e foi pousar no arco da Capella-mór sobre a eça que alli estava levantada.

Dalli voava até o côro e voltando, sempre a cantar, pousava de novo no mesmo ponto, parecendo querer abrilhantar com sua presença e canto o sublime acto que realisava-se pelas mãos sagradas do Prelado. Ainda tornou-se mais curiosa a coincidencia pela circumstancia de ter o elegante passarinho entrado na Igreja ao começo da Missa e retirado-se, por onde viera, exactamente no instante em que ella terminára-se. Este factio muito impressionou a todos que o presenciaram.

Ha no vida do Patriarcha de Assiz muitos episodios interessantes de prestigio sobre os passaros. Não conhecemos os factos da vida toda do zeloso missionario — Fr. Caetano —, mas quem sabe o seu dominio sobre a natureza e sobre os animaes?

Não era elle um verdadeiro filho daquelle mendigo com quem os passaros alternavam cantos em louvor do Altissimo, e a quem a natureza parecia sempre disposta para obedecer?

Depois do *Libera-me* e absolvição do tumulo, quando S. Exc. da tribuna sagrada tratava da cerimonia da encommendação dos mortos, por uma transição oratoria fallou do grande vulto de Fr. Caetano de Messina, relatando os prodigios de sua vida apostolica, com especialidade em algumas parochias desta Diocese.

Combati o bom combate, consummei a minha carreira, conservei intemerata a minha fé, é justo que receba do Supremo Juiz a minha immarcescivel corôa, poderia dizer com o Apostolo das Gentes o humilde filho do pobre de Assiz. *Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi, in reliquo reposita est mihi corona justitiæ.*

Muitos corações confrangeram-se, muitas lagrimas cahiram sobre o tumulo do virtuoso sacerdote. Os grandes do mundo morrem, e os seus nomes apenas são recordados com interesse pelos que succedem-lhes na fortuna e nas honras; mas o frade, o *pariá* do mundo moderno, desapparece entre os soluços e as lagrimas de milhares de almas saudosas e cheias de gratidão: *in memoria æterna erit justus.*

---

Finalmente, em nossa Correspondencia desta Capital para o grande organ Catholico fluminense, fizemos, a 20 de Janeiro, estas considerações, por nós reproduzidas na *Reacção* de 7 de Abril de 1878 :

E' morto Fr. Caetano de Messina.

Aquella alma evangelica, aquelle coração a transbordar de amor pelos seus irmãos, sumiu-se da terra.

Deixou-nos e foi aportar ao Céu.

Foi em Montevidéo que, aos 72 annos de idade, entregou sua alma ao Creador o prefeito commissario geral dos missionarios capuchinhos.

Quem foi Fr. Caetano de Messina, di-lo bem alto a Historia Patria.

Mas não faz-se mister folhear os Annaes de ambas as casas do Parlamento para conhecer o incansavel Apostolo da Religião do Crucificado.

Quem elle foi, diga-o Pernambuco, arrancado por elle aos furores da guerra civil ; quem elle foi, diga-o o Norte todo desta nossa Provincia, a quem elle regenerou com seus exemplos, com suas virtudes, com seu zelo, com sua dedicação, operando prodigios e espancando as trévas da impiedade e da barbaria !

O Brasil inteiro entôe canticos de louvor á memoria do santo missionario.

O Brasil inteiro dobre o joelho e derrame lagrimas de saudade e de gratidão sobre o tumulo de Fr. Caetano !

A morte deste varão apostolico é uma calamidade social ; é um luto nacional.

A imprensa mercantil e ignara, a qual ladrou contra Fr. Caetano, quando em vida, não o deixou descansar no somno da morte, e o calumniou quando cadaver.

Os follicularios, cujas pennas derramam veneno, serão castigados. Mas no céo a victima ha de resar por seus algozes.



## CONCLUSÃO

Depômos a penna.

Temos esboçado, em largos traços, o perfil gigantesco do humilde e sublime frade capuchinho.

E eis o homem contra o qual a Calúnnia tem emprehendido uma campanha tremenda e urdida com a habilidade de Satanaz! O inçlyto Varão Apostolico nem foi poupado depois de morto, e a Imprensa chamada *livre* tripudiou sobre um cadaver.

E' certo que as perseguições e as tyrannias, oriundas do abuso da força bruta, não pódem empanar a luz da Verdade. Pódem, sim, abafar por alguns momentos o grito da consciencia humana: aniquilál-a, nunca.

Assim é que Fr. Caetano de Messina passou incolume atravez da Revolução esbravejante. A furia dos impios nem poude chegar-lhe siquer aos calcanhares, e o vulto colossal do Prefeito Commissario Geral dos Capuchinhos no Brasil já pertence á Historia.

Outro, que não o escriptor destas linhas, devêra fallar aqui. Estes apontamentos, todavia, poderão servir para uma penna mais adestrada, mas não mais orthodoxa.

Soldado entusiasta da Cruz, Zuavo do Papa, si bem o mais insignificante dos obreiros da Vinha do Senhor, julga prestar um serviço, posto que de mui pequena monta, a seus prezados collegas do *Circulo dos Estudantes Catholicos* e a toda a Academia de S. Paulo, outr'ora fóco de impiedade, publicando os apontamentos biographicos e os documentos que lhe foi possivel colher ácerca do illustre sacerdote que ainda choramos, e sempre prantearemos.

Demais, qual, a não ser esta, qual a homenagem que poderíamos render á memoria do Apostolo moderno do Brasil, á memoria d'aquelle cujas portentosas Missões temos defendido na Imprensa, e para cujas virtudes evangelicas professámos sempre e sempre o maiz decidido culto?

Ingente era a tarefa; apoucadas as forças, e patente a ineptidão.

Seja como fôr, dêmos prova de boa vontade. Cumprimos com o nosso dever, em todo o caso. Si o publico se escandalisar, não abalarão a nossa alma nem turbarão a serenidade de nossa consciencia os clamores da impiedade e do respeito humano.





Ex. Moço e Primo Sr. Presidente

Viva a Divina Misericórdia, esta manhã pelas nove horas do dia  
viagando da Paó d'Alho, xeguei neste Engenho do Sr. Coronel  
José Maria de Barro Barretto:

Ex. Moço e Primo Sr. apenas lhe dei o nome da Paó do Senhor. Este  
corrisponde-me com a maior satisfação, e fazendo chegar a todo,  
que impunhamos as armas na minha presença, dezozerão  
as armas o quasi todos, já achado-se em Camminho pelas  
suas Casas; A maneira com que este Sr. me tratou, mereço e logio.

Parua dome que mui satisfatoria sera para s. e. este resultado  
to felicissimo: Agora meynos meio dia em ponto, circum-  
stancias me impehem para continuar a viagem, e chegar  
em Nazareth. a objecto de tranquilizar aquella Comarca  
Em estou muito cansado sao quasi tres dias que tenho quasi  
nada comido, e pouco dormido, do resto estou contentissimo para  
ter até o dia de hoje sahido conforme os pacios desejos de  
V. Exlla. Rua, e bendo as mãos são.

Engenho de Corai 8 Maio de 1848

unido. Suo o bnd

Exllmo e Rmo Sr. Presde  
de Pernambuco

J. Caetano Da Meyna Vic. Pres. da Benha

209  
B778f  
(983)

**DEDALUS - Acervo - MP-REP**  
Frei Caetano de Nessina



**21800005507**



DO MESMO AUCTOR

---

Em preparação :

O PARTIDO CATHOLICO

PERANTE

OS PARTIDOS CONSTITUCIONAES

Estudos Politicos de Historia Contemporanea,

---

A VANGUARDA

PERIODICO ACADEMICO DE PROPAGANDA CATHOLICA.

**Estevám Leão Bourroul—Redactor.**

Assignatura, por anno lectivo.

3\$000